

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

HUGO AVELAR CARDOSO PIRES

**RELAÇÕES DE GÊNERO E A PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA NA  
CONTEMPORANEIDADE: PANORAMA NACIONAL E OS MOTIVOS DA  
ENTRADA MASCULINA EM CURSO MAJORITARIAMENTE FEMININO**

Belo Horizonte

2016

HUGO AVELAR CARDOSO PIRES

**RELAÇÕES DE GÊNERO E A PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA NA  
CONTEMPORANEIDADE: PANORAMA NACIONAL E OS MOTIVOS DA  
ENTRADA MASCULINA EM CURSO MAJORITARIAMENTE FEMININO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont

BELO HORIZONTE

2016

P667r Pires, Hugo Avelar Cardoso.

Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade [manuscrito] : panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino / Hugo Avelar Cardoso Pires. – 2016.

134 f. : enc., il.

Orientadora: Lúgia Maria Moreira Dumont.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 121-128.

Apêndice: f. 129-134

1. Ciência da informação – Teses. 2. Relações de gênero – Teses. 3. Biblioteconomia – Orientação profissional – Teses 4. Mercado de trabalho – Teses. 5. Bibliotecários – Formação profissional. Título. II. Dumont, Lúgia Maria Moreira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 023:347.156



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"RELAÇÕES DE GÊNERO E A PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE: PANORAMA NACIONAL E OS MOTIVOS DA ENTRADA MASCULINA EM UM CURSO MAJORITARIAMENTE FEMININO"

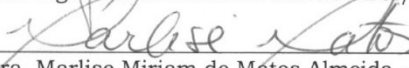
Hugo Avelar Cardoso Pires

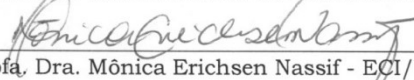
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**Mestre em Ciência da Informação**", linha de pesquisa "**Informação, Cultura e Sociedade**".

Dissertação aprovada em: 01 de abril de 2016.

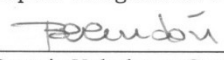
Por:

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont - ECI/UFMG (Orientadora)

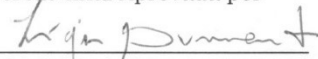
  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marlise Miriam de Matos Almeida - FAFICH/UFMG

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Mônica Erichsen Nassif - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Beatriz Valadares Cendón  
Coordenadora

Versão final Aprovada por

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Lígia Maria Moreira Dumont  
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Ciência da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **HUGO AVELAR CARDOSO PIRES**,  
matricula: 2013708844

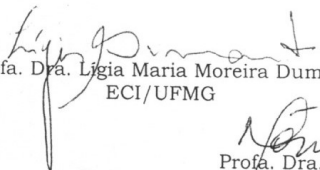
Às 14:00 horas do dia 01 de abril de 2016, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pela Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 09/03/2016, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont - Orientadora	APROVADO
Profa. Dra. Marlise Miriam de Matos Almeida	APROVADO
Profa. Dra. Mônica Erichsen Nassif	APROVADO

Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVADO.

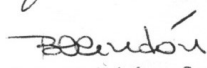
O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 01 de abril de 2016

  
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont  
ECI/UFMG

  
Profa. Dra. Marlise Miriam de Matos Almeida  
FAFICH/UFMG

  
Profa. Dra. Mônica Erichsen Nassif  
ECI/UFMG

  
Profa. Beatriz Valadares Cendón  
Coordenadora do Programa Pós-Graduação  
em Ciência da Informação - ECI/UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

## **AGRADECIMENTOS**

A estrada do mestrado por vezes parece uma estrada conturbada, sem saída, angustiante e solitária, com pedras e tropeços. No rumo ao pote de ouro que há no fim do caminho, encontramos pessoas que nos ajudam, nos dão força, dizem verdades necessárias que precisam ser ouvidas para chegarmos aos objetivos e que mostram que também pode haver ternura até a entrega da dissertação. Peço perdão já de antemão, se por equívoco, me esquecer de alguém.

Agradeço imensamente à minha mãe, irmão e familiares pelo apoio dado a essa jornada e em todos os momentos da minha vida. Saber que posso contar com vocês me faz continuar a lutar pelos meus objetivos e trilhar os caminhos que a vida me reserva.

À minha orientadora, professora Lígia Maria Moreira Dumont, por ter acreditado em um projeto tão fora da curva e extenso, pelo apoio, orientação, puxões de orelha e companheirismo, tão necessários para a confecção desta dissertação.

À professora Alcenir Soares dos Reis por ter acreditado na minha “veia de pesquisador” durante a minha graduação e me dado a oportunidade de ser seu bolsista e aprender tanto com sua visão de mundo. Depois, por ter colaborado em minha qualificação.

À professora Yumi Garcia Santos pela participação na minha banca de qualificação e por ter, junto à professora Solange Simões, ministrado em 2013 a disciplina Sociologia do Gênero, que colaborou imensamente para o referencial teórico e para os caminhos que esta dissertação tomou.

Às professoras Mônica Erichen Nassif e Marlise Miriam de Matos Almeida pelas contribuições na defesa dessa dissertação.

Aos meus amigos. Aos de perto pelas risadas, pelos choros, pelas cantorias nos karaokês, pela compreensão por eu não estar presente em alguma comemoração ou festividade por conta dos momentos estudando ou escrevendo esta dissertação. Aos de longe, pelo apoio dado via mensagens, via lembranças de momentos juntos, pelos desabafos ouvidos ou lidos nas redes sociais, nos telefonemas, e-mails e outros canais de comunicação.

À Fabiana Belizário, pela amizade e pela revisão desta dissertação.

Aos companheiros de mestrado no PPGCI, pelos desabafos coletivos, pelo respeito e amizade dispensada durante a jornada. Agradeço especialmente à Jane Rodrigues Guirado, pela imensa ajuda na coleta de dados desta pesquisa.

Aos colegiados dos cursos de Biblioteconomia das universidades das cinco regiões do país que enviaram os dados do número de graduadas e graduados em Biblioteconomia ao longo do tempo, possibilitando o alcance dos objetivos da pesquisa.

Aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia pela ajuda no envio do questionário da pesquisa, representados num agradecimento especial ao funcionário Mário Diógenes, do CRB-6, pela atenção e paciência nos contatos feitos.

Aos bibliotecários anônimos que dispuseram um tempo para responder ao questionário da pesquisa, pois sem eles essa pesquisa não estaria completa.

À Nina Simone, Amy Winehouse e Jeff Buckley por terem sido a trilha sonora das noites insones dedicadas a escrever essa dissertação e à catu por deixar a vida mais doce.

Aos funcionários da ECI e do PPGCI pelo apoio às atividades do mestrado, em especial à servidora Gisele, pela prestreza e paciência de sempre em ajudar.

Aos deuses e deusas, pela força necessária para alcançar esse e os próximos objetivos.

## RESUMO

As relações desiguais entre os gêneros presentes na sociedade determinaram e continuam determinando espaços e ações de homens e mulheres. Ancoradas em um determinismo biológico, profissões ao longo do tempo foram se tornando mais femininas e/ou masculinas por suas características de trabalho e por tipo de atividade. A profissão bibliotecária se insere no contexto de profissões delimitadas pela divisão sexual do trabalho, uma vez que se feminilizou sobretudo pelo aumento de sua tecnicidade. Entretanto, observa-se nos últimos tempos maior procura de homens pelos cursos formadores de bibliotecários, sobretudo após os anos 1980, após a aproximação da Biblioteconomia com outras áreas, como a Administração e a Ciência da Computação, por exemplo. O objetivo deste trabalho foi investigar as razões que levam os homens a escolher cada vez com maior frequência o curso de Biblioteconomia no Brasil, um espaço majoritariamente feminino. Do ponto de vista de sua natureza, foi realizada uma pesquisa social, de caráter histórico e descritivo que se dividiu em duas etapas: a primeira consistiu em um levantamento junto às universidades das cinco regiões do país, acerca do número de graduados em Biblioteconomia, desde a fundação dos mesmos. Já a segunda etapa consistiu em um levantamento (*survey*) com envio de questionário através da ferramenta Google Docs para os Conselhos Regionais de Biblioteconomia das cinco regiões do país, que os repassaram para seus bibliotecários registrados após 1980. Os resultados da primeira etapa da pesquisa indicam que apesar haver maior aproximação dos homens com os cursos de Biblioteconomia, tal aproximação ocorre sobretudo pelo aumento da área como um todo, haja vista que o número de mulheres também aumenta na mesma proporção. Tal fato provoca uma ilusão de que há diminuição da feminização da área, que em termos numéricos e percentuais, se mostra como uma tendência bem pequena. Quanto aos dados do *survey*, observou-se que os homens são atraídos pelo curso de Biblioteconomia por motivos variados, mas sobretudo pelos “motivos racionais”, como a oferta de curso noturno, a nota média de corte no vestibular mais baixa e, principalmente, a oferta de empregos e concursos. Ademais, observou-se que há pouca percepção dos bibliotecários quanto às relações de gênero presentes na sociedade e na profissão de bibliotecário.

**Palavras-chave:** Estudos de Gênero. Biblioteconomia. Divisão sexual do trabalho



## ABSTRACT

The unequal gender relations present in society has determined and is still determining spaces and actions of men and women. Anchored in a biological determinism, professions throughout time became more female and / or male by their working characteristics and type of activity. The librarian profession is in the context of certain professions by the sexual division of labor, since it became a female profession mainly by increasing technicality. However, there is recently increasing demand of men for trainer courses for librarians, especially after the 1980s, following the approach of the Library with other areas such as Business Administration and Computer Science, for example. The purpose of this study was to investigate why men choose increasingly more often the Librarianship course in Brazil, a mostly feminine space. From this point of view, a social survey was conducted in history and descriptive character that was divided in two stages: the first consisted of a research of universities of the five regions of the country, about the number of graduates in Librarianship since its foundation thereof. The second stage consisted of a survey with a questionnaire sent through Google Docs tool for the Library of Regional Councils of the five regions of the country, which passed it on to their librarians registered after 1980. The results of the first stage of this research indicate that in spite of men getting closer to librarianship courses, this approach happens above all due to the increase of the area at all as a whole, because the number of women also increases proportionately. This fact causes an illusion that there is a reduction of the feminization of the area, which in numerical and percentage terms shows as a very small trend. Talking about the survey data, it was found that men are attracted by the Librarianship course for various reasons, but above all by "rational reasons", such as offering evening classes, the average score notes lower than the other courses and, mainly, job offer and contests. Moreover, it was observed that there is little awareness of librarians when referring about the gender relations present in society and library profession.

**Keywords:** Gender Relationship. Librarianship. Sexual divisions of labour

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Evolução do número de graduados, por sexo, ao longo das décadas na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) .....	69
<b>Gráfico 2</b> – Evolução do número de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas na Universidade Federal de Goiás (UFG).....	71
<b>Gráfico 3</b> - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Goiás (UFG) .....	72
<b>Gráfico 5</b> – Evolução do número de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Nacional de Brasília (UnB) .....	73
<b>Gráfico 5</b> – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Nacional de Brasília. ....	74
<b>Gráfico 6</b> – Ingressantes no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas, por sexo, ao longo das décadas. ....	76
<b>Gráfico 7</b> – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, por sexo, ao longo das décadas. ....	78
<b>Gráfico 8</b> – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, por sexo, ao longo das décadas.....	79
<b>Gráfico 9</b> – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Pernambuco.....	80
<b>Gráfico 10</b> - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Santa Catarina. ....	84
<b>Gráfico 11</b> – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por sexo, ao longo das décadas.....	85
<b>Gráfico 12</b> – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.....	86
<b>Gráfico 13</b> – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade de São Paulo, por sexo, ao longo das décadas. ....	88
<b>Gráfico 14</b> – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade de São Paulo (USP).....	89

<b>Gráfico 15</b> – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso diurno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).....	92
<b>Gráfico 16</b> – Graduados em Biblioteconomia do curso noturno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais.....	93
<b>Gráfico 17</b> – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso noturno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais.....	94
<b>Gráfico 18</b> - Porcentagem de bibliotecários que tiveram o curso de Biblioteconomia como primeira opção de curso. ....	96
<b>Gráfico 19</b> - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia que já conheciam o curso de Biblioteconomia antes de optar por cursá-lo. ....	96
<b>Gráfico 20</b> – Número de respostas ao <i>survey</i> quanto aos motivos que levaram os bibliotecários a optarem pelo curso de Biblioteconomia .....	98
<b>Gráfico 21</b> – Tipo de universidade em que os bibliotecários se graduaram.....	99
<b>Gráfico 22</b> – Ano de formação dos bibliotecários.....	101
<b>Gráfico 23</b> - Faixa etária dos bibliotecários .....	102
<b>Gráfico 24</b> – Áreas que mais interessavam aos bibliotecários durante a graduação.....	104
<b>Gráfico 25</b> – Segmento em que os bibliotecários que estão atuando na área, trabalham .....	105
<b>Gráfico 26</b> – Porcentagem de respostas dos bibliotecários quanto se houve ou não conflito com as colegas de gênero feminino, durante a graduação.....	107
<b>Gráfico 27</b> – Porcentagem de respostas dos bibliotecários quanto se houve ou não conflito com as colegas de gênero masculino, durante a graduação.....	107
<b>Gráfico 28</b> – Porcentagem de respostas dos bibliotecários que responderam ao <i>survey</i> quanto a comentar com os colegas que se encontravam em uma área majoritariamente feminina. ....	108
<b>Gráfico 29</b> – Porcentagem de respostas dos bibliotecários que responderam ao <i>survey</i> quando questionados se há vantagens em ser homem no mercado de trabalho em geral.....	109
<b>Gráfico 30</b> – Porcentagem de respostas dos bibliotecários quando questionados se há vantagens em ser homem no mercado de trabalho bibliotecário.....	110

<b>Gráfico 31</b> – Porcentagem de bibliotecários que já sofreram preconceito no mercado de trabalho quanto a estarem em uma profissão majoritariamente feminina. ....	112
<b>Gráfico 32</b> – Porcentagem bibliotecários que já sofreram preconceito quanto a estarem em uma profissão majoritariamente feminina.....	113

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - Distribuição dos alunos graduados em Biblioteconomia na Escola de Ciência da Informação/UFMG no período 1950-2011 - Turno diurno .....	47
<b>TABELA 2</b> - Distribuição dos alunos graduados em Biblioteconomia na ECI/UFMG no período 2000 - 2011 - Turno noturno .....	47
<b>TABELA 3</b> - Distribuição dos alunos graduados em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba no período 1970-2011 .....	48
<b>TABELA 4</b> - Distribuição dos cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil divididos por regiões geográficas – 2011 .....	56
<b>TABELA 5</b> - Graduados nos cursos de Biblioteconomia das cinco regiões do território brasileiro, por sexo .....	58
<b>TABELA 6</b> - Graduados, a partir de 1980, nos cursos de Biblioteconomia das cinco regiões do território brasileiro, por sexo.....	60
<b>TABELA 7</b> - Graduados em Biblioteconomia por região do Brasil, a partir dos anos 1980 e número de respostas recebidas dos <i>survey</i> .....	63
<b>TABELA 8</b> - Número de filiados homens de cada CRB ao qual foi solicitado envio do questionário <i>survey</i> .....	64
<b>TABELA 9</b> - Graduados em Biblioteconomia nos cursos da Região Norte .....	67
<b>TABELA 10</b> - Graduados em Biblioteconomia, por sexo, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).....	68
<b>TABELA 11</b> - Número de graduados, por sexo, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL).....	76
<b>TABELA 12</b> - Graduados em Biblioteconomia, por sexo, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).....	82
<b>TABELA 13</b> - Graduados em Biblioteconomia, por sexo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) .....	83
<b>TABELA 14</b> - Graduados no curso diurno, por sexo, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) .....	90
<b>TABELA 15</b> - Turno de formação dos bibliotecários .....	100

<b>TABELA 16</b> - Motivos que levaram os graduados em Biblioteconomia na faixa entre 29 e 35 anos, a cursarem Biblioteconomia .....	102
---	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS

CI	–	Ciência da Informação
CRB	–	Conselho Regional de Biblioteconomia
ENANCIB	–	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
e-SIC	–	Sistema Eletrônico do Serviços de Informação do Cidadão
EUA	–	Estados Unidos da América
FURG	–	Universidade Federal do Rio Grande
INEP	–	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OCDE	–	Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico
RAIS	–	Relação Anual de Informações Sociais
UFAL	–	Universidade Federal do Alagoas
UFAM	–	Universidade Fedearl do Amazonas
UFC	–	Universidade Federal do Ceará
UFG	–	Universidade Federal de Goiás
UFMA	–	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	–	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	–	Universidade Federal do Pará
UFPB	–	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	–	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	–	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	–	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	–	Univesidade de Brasília

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

USP – Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>2 GÊNERO, SOCIEDADE E TRABALHO .....</b>	<b>24</b>
2.1 O gênero como categoria de análise.....	24
2.2 A divisão sexual do trabalho.....	27
2.3 O trabalho feminino .....	30
<b>3 SER BIBLIOTECÁRIA: UMA PROFISSÃO DE MULHER? .....</b>	<b>37</b>
<b>4 OS ESTUDOS DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA, A CONSOLIDAÇÃO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO E A MAIOR PROCURA DE HOMENS PELOS CURSOS FORMADORES DE BIBLIOTECÁRIOS.....</b>	<b>45</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>52</b>
5.1 O pré-teste da pesquisa .....	56
5.2 Universo e amostra da pesquisa .....	57
<b>6 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>66</b>
6.1 Análise dos dados quantitativos: os números de graduados.....	66
6.1.1 A região Norte .....	66
6.2.2 A região Centro-Oeste.....	70
6.2.3 A região Nordeste .....	75
6.2.4 A região Sul.....	81
6.2.5 A região Sudeste.....	87
6.2 O questionário survey .....	95

6.2.1 As respostas.....	95
<b>7 CONCLUSÕES .....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS BIBLIOTECÁRIOS .....</b>	<b>129</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As relações históricas de dominação estabelecidas entre os gêneros e as divisões entre os sexos em nossa sociedade se tornaram tão naturais e tão enraizadas que, por vezes, passam a ser imperceptíveis. Em todos os campos, tais divisões — fundadas e alimentadas pela dominação do masculino sobre o feminino — interferem nas relações sociais e de hierarquia, inclusive definindo as relações de trabalho e alimentando profissões e espaços masculinos e femininos.

Entre tais espaços, a profissão bibliotecária foi definida, sobretudo a partir do século XX, como uma profissão feminina. No começo de seu desenvolvimento, associada aos ideais de conhecimento e sabedoria, os postos nas bibliotecas eram ocupados por homens. Com o aumento da tecnicidade da profissão, conjugada à saída das mulheres do espaço privado para o mundo do trabalho (mundo este pautado pelas relações de gênero) e a aproximação da Biblioteconomia com a Educação, a profissão e os cursos formadores de bibliotecários passam a atrair um grande contingente feminino.

Oliveira (2003) destaca que no começo do século XX, o acesso da mulher à esfera pública do trabalho relacionava-se às funções que correspondiam ao seu papel na família e que, com o fenômeno de urbanização observado no Brasil após os anos 70, a participação feminina no mundo do trabalho aumentou consideravelmente. As mulheres passaram, então, a deixar de lado a imagem de “dona de casa” (restrita ao espaço privado da família) e passaram a galgar posições mais elevadas no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2003). Muitas dessas mulheres, entretanto ocuparam profissões que se caracterizavam como prolongamentos das atividades exercidas nos espaços privados.

Assim, um grande número de mulheres se empregou em profissões cujas atividades estavam intimamente relacionadas à noção de cuidar e zelar, como as profissões de enfermeiras, professoras e bibliotecárias (FERREIRA, 2003). Vale considerar que as relações entre os sexos na sociedade só passaram a ser compreendidas como construções sociais a partir da segunda metade do século XX, com a popularização dos estudos de gênero, que têm como principal objetivo compreender e estudar, além das divisões entre os sexos, a diminuição e/ou exclusão da mulher em vários campos da sociedade. Além disso, buscam demonstrar que o prestígio dado aos homens em diversos setores na sociedade e a baixa participação e/ou exclusão das mulheres em alguns espaços são construções históricas e sociais, reproduzidas por vários mecanismos, que vão desde a educação formal até os canais de comunicação e conhecimento.

Apesar dos avanços observados nos últimos tempos, o número de profissões determinadas pelo gênero ainda é grande. Leta (2003) cita pesquisa realizada por Tabak

(2002)<sup>1</sup> demonstrando que há maior entrada, em termos percentuais, de mulheres em cursos antes considerados masculinos, como Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Medicina. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) essa tendência não é diferente. Queiroz (2014) cita dados obtidos junto ao Censo Socioeconômico de alunos da UFMG em que há maior entrada de mulheres do que de homens na referida universidade a partir de 2009, o que demonstra que as mulheres estão buscando maior escolarização que os homens.

Entretanto, no mundo do trabalho, ainda permanecem preconceitos, definições de profissões associadas ao feminino e ao masculino e diferenças salariais entre homens e mulheres que atuam na mesma profissão. A escritora Virginia Woolf, na abertura de uma conferência em 1931, destacou que “mesmo quando o caminho está normalmente aberto – quando nada impede que uma mulher seja médica, advogada, funcionária pública –, são muitos, imagino eu, os fantasmas pelo caminho” (WOOLF, 2013, p. 09).

Tais fantasmas, citados pela escritora, apesar de terem diminuído, ainda se mostram presentes no mercado de trabalho. A também escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2014), ao refletir sobre as relações de gênero nos tempos atuais, destaca que apesar de serem 52% da população mundial, as mulheres não ocupam cargos de poder e prestígio. Segundo a autora, “nos EUA, quando um homem e uma mulher têm o mesmo emprego, com as mesmas qualificações, se o homem ganha mais é porque ele é homem” (p. 20-21), o que demonstra que “a questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça” (p. 24).

Quanto à profissão bibliotecária, a constituição desta como uma “profissão feminina” influenciou o *status* que a atividade tem, bem como os estereótipos associados pela sociedade à profissão. Roggau (2006), ao analisar os estereótipos na construção da profissão bibliotecária, destaca que durante a Antiguidade os bibliotecários gozavam de certo prestígio pois o eram por complementaridade: eram cientistas e eruditos que se tornaram bibliotecários, em razão da atuação no campo de determinada disciplina e pela necessidade de desenvolvimento de investigações daquela especialidade.

Na Idade Média há a difusão da imagem de bibliotecário ligado à igreja e sendo um homem introspectivo, guardião do conhecimento e leitor voraz. Tal imagem vai durar mesmo após o Renascimento, uma vez que o estereótipo do bibliotecário como um preservador e organizador já havia sido construído e difundido, num período em que

se interpretou que a causa de uma era de proibições foi a ação pessoal dos monges e não o efeito lógico das ideias estabelecidas pela igreja e da estrutura de poder canalizada através dos mosteiros. O estereótipo se

---

<sup>1</sup> TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora**: estudos sobre a ciência no feminino. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 262 p.

centrou na pessoa, não reconheceu o contexto (ROGGAU, 2006, p. 20; tradução nossa)

A emergência de uma sociedade pautada no conhecimento, na informação e o aumento da tecnicidade da profissão levaram à criação de um estereótipo diferente, no qual o profissional passa a ser visto como um guardador de livros (ROGGAU, 2006). Além disso, o período em que os cursos de Biblioteconomia começam a se difundir coincide com o aumento das mulheres no mercado de trabalho e a procura pelos cursos formadores de bibliotecárias.

Martucci (1996), ao buscar aproximar a feminização das áreas do Magistério e da Biblioteconomia, afirma que o movimento de feminização das duas áreas se deu principalmente a partir do século XIX, quando há o desenvolvimento da Educação e do maior controle do Estado sobre o processo educacional, principalmente na Europa. Nesse mesmo período, a biblioteca se aproxima da Educação como uma extensão da sala de aula, sendo o bibliotecário considerado um professor informal. As bibliotecas no Brasil, antes administradas pelos clérigos jesuítas, passaram a ser criadas já vinculadas às escolas, principalmente nos primeiros anos do século XX, (MARTUCCI, 1996) e a atrair mulheres da classe dominante que, “se quisessem trabalhar, tinham duas opções: a escola normal ou então a biblioteconomia” (BOTASSI<sup>2</sup> *apud* MARTUCCI, 1996, p. 240)

Nesse sentido, conforme ressalta Walter (2008), muitos dos estereótipos ligados à profissão também advêm do fato da mesma ser uma profissão feminina, uma vez que, historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual e que exigem atitudes relacionadas às tarefas de cuidado e ordem, características essas que muitas vezes são associadas ao trabalho bibliotecário.

Em período mais recente, sobretudo após os anos 1980, observa-se uma maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia. Tal movimento foi impulsionado por diversos fatores, que vão desde a aproximação da área com outras, como a Administração e Ciência da Computação, até mesmo a um movimento da sociedade no sentido de rompimento de barreiras da divisão sexual do trabalho.

Cabe ressaltar que são poucos os trabalhos na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação que relacionam as questões de gênero à profissão. Desses poucos, duas pesquisas merecem destaque por demarcarem o aumento da entrada masculina nos cursos. O trabalho de Reis; Xavier Júnior; Pires (2011) demonstra que, a partir dos anos 1990 e 2000, e principalmente com a criação do curso noturno em Biblioteconomia na UFMG, o número de

---

<sup>2</sup> BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984.

homens no curso cresceu exponencialmente. Já o trabalho de Ferreira (2010) na Universidade do Maranhão, mostra que entre 2006 e 2010, o número de homens ingressantes no curso de Biblioteconomia é maior que o total de homens que fizeram o curso nos anos 1980 e 1990.

Desta forma, é de fundamental importância que se pense a atuação e a presença feminina e masculina nos cursos de Biblioteconomia no Brasil, uma vez que essa presença se apresenta como um reflexo de questões sociais e culturais que permeiam as relações entre homens e mulheres na sociedade. Ademais, a constituição e a determinação de profissões masculinas e femininas refletem, muitas vezes, o *status* de uma profissão na sociedade, e compreender tais questões pode colaborar para a valorização e a criação de profissionais críticos e mais reflexivos.

Nesse contexto, o presente trabalho buscou investigar essa maior entrada de homens no curso e responder ao seguinte questionamento de pesquisa: **quais as razões que levaram os homens, sobretudo após os anos 1980, a procurarem os cursos Biblioteconomia, um espaço majoritariamente feminino?**

Para responder tal questão, em termos metodológicos, a pesquisa se deu em duas etapas: a primeira consistiu em um levantamento do número de graduados em Biblioteconomia em universidades das cinco regiões do país, desde as respectivas fundações dos cursos até os dias atuais. A segunda etapa consistiu, com o auxílio dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, no envio de um questionário *survey* para bibliotecários graduados a partir de 1980 (década que marca a aproximação da área com outras), com o objetivo de traçar um perfil, além de verificar os motivos que os trouxeram aos cursos, a percepção desses quanto às questões de gênero e se houve conflitos com colegas homens e mulheres durante a graduação.

Os motivos são diversos e não se pode afirmar que haja uma causa direta para que a Biblioteconomia esteja se tornando mais atrativa para os homens. Essa multiplicidade de motivos também me ocorria quando me perguntavam: “E você? Por que escolheu Biblioteconomia? Não há uma razão única: foi pelo apreço à leitura, o apreço às bibliotecas, a facilidade em se passar no vestibular, a indecisão sobre o que fazer para a vida quando se tem 17 anos. Em muitos momentos, me vi nas respostas desse questionário.

Assim, esta dissertação busca relacionar as questões de gênero à profissão bibliotecária, demonstrando de que formas se deu a feminização da profissão e as implicações disto. Desta forma, o capítulo 2 apresenta a conceituação de gênero, de divisão sexual do trabalho e a importância dos estudos de gênero na Ciências Sociais. No capítulo 3, a discussão de gênero e divisão sexual do trabalho é trazida para dentro do campo da Biblioteconomia e busca-se demonstrar de quais formas a profissão bibliotecária se tornou feminina. O capítulo 4 versa sobre os estudos de gênero na Biblioteconomia e na Ciência da

Informação e sobre a maior procura de homens pelo curso. No capítulo 5 é descrito o percurso metodológico da dissertação, e no 6 são mostrados os resultados e análise dos dados obtidos. Finalmente, no capítulo 7 são apresentadas as conclusões.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar as razões que levam os homens a escolher o curso de Biblioteconomia no Brasil, um espaço tradicionalmente feminino. Já os objetivos específicos foram:

- recuperar historicamente a presença masculina na Biblioteconomia brasileira, visando identificar a partir de quando se passou a verificar maior presença masculina nos cursos, e quais fatos sociais, políticos e culturais interferiram nesse aumento da presença masculina no referido curso;
- verificar se existem diferenças entre cursos de diferentes regiões do país quanto à maior presença masculina na Biblioteconomia;
- relacionar a interdisciplinaridade da Ciência da Informação à maior entrada de homens no curso de Biblioteconomia;
- identificar os motivos mais recorrentes que levaram os homens graduados em Biblioteconomia ao curso;
- verificar se há preconceitos e/ou conflitos entre homens e mulheres durante a graduação em Biblioteconomia;
- verificar se há percepção das relações de gênero de homens bibliotecários quanto às vantagens em ser homem no mercado de trabalho em geral e na profissão de bibliotecário.

## 2 GÊNERO, SOCIEDADE E TRABALHO

A introdução do gênero como categoria de análise sociológica provocou diversas mudanças no rumo dos estudos a respeito dos espaços ocupados por mulheres e homens no mercado de trabalho. A profissão de bibliotecário se insere no nicho de profissões femininas. Para compreender as razões que levaram a essa conjuntura, é necessário compreender o processo de consolidação do trabalho feminino na sociedade.

Desta forma, esse capítulo versa sobre o gênero como categoria de análise sociológica e demonstra de que forma esse pode auxiliar no entendimento do processo de divisão sexual do trabalho na sociedade. Além disso, busca-se demonstrar a evolução do trabalho feminino na sociedade, os seus aspectos históricos e a ocupação de “nichos femininos”.

### 2.1 O gênero como categoria de análise

Os estudos das relações de gênero têm como principal objetivo compreender e estudar a definição dos papéis de gênero como construções históricas e sociais, reproduzidas por mecanismos que vão desde a educação formal até os canais de comunicação e conhecimento, passando pelos sistemas políticos e pelo mercado de trabalho.

Cabe aqui diferenciar os conceitos de sexo e gênero. O dicionário Aurélio (2009) ao definir sexo, deixa claro o caráter biológico do termo. Sexo, segundo o dicionário é: “Conformação particular que distingue o macho da fêmea nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas.” (p.1841). Já o gênero, é definido pelo dicionário como “a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e *status* atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos” (p.975).

Sendo assim, o sexo tem ligação com o biológico, enquanto o gênero com o social e cultural. Neste sentido, Freitas e Dantas (2012) definem que o sexo refere-se à determinação biológica homem e mulher, enquanto gênero se refere às relações sociais e culturais de papéis atribuídos ao masculino e ao feminino. Dantas (2012) ainda destaca que, nos últimos tempos, os estudos partiram da diferença básica entre os sexos (macho e fêmea) para um mundo mais complexo, o do gênero (masculino e o feminino), no qual são estudados os aspectos sociais históricos exercidos por eles.

As preocupações com o gênero estiveram ausentes na maioria das teorias anteriores ao século XX, e os poucos estudos existentes basearam-se principalmente na oposição masculino/feminino ou no reconhecimento das questões femininas na sociedade.



Beauvoir (1949) em sua clássica obra 'O segundo sexo', livro que se tornou referência básica para o movimento feminista no mundo, destaca que a mulher é sempre vista e definida em relação ao homem. Para a autora "a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (...) Ela não é senão o que o homem decide que seja: (...)." (p.16). A autora ainda afirma que homens e mulheres nunca partilharam o mundo em igualdade de condições e que por mais que a situação da mulher venha se modificando ao longo do tempo, ela ainda carrega um *handicap*. Ao contrário dos trabalhadores ou escravos, onde um evento ou acontecimento gerou o nascimento de tais classes, para Beauvoir a dependência feminina não é consequência de um evento ou evolução, "ela não **aconteceu**" (p. 19, grifo da autora) e sim foi construída através das relações desiguais entre os sexos.

Após o século XX a palavra "gênero" passou a ser utilizada pelas feministas no sentido mais literal, "como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos" (SCOTT, 1995, p.72). Primeiramente utilizada pelas feministas americanas que buscavam destacar as distinções baseadas em sexo na sociedade, o termo sublinhava, também o aspecto relacional dos gêneros. Entretanto, para Scott (1995), o mais importante da introdução da palavra "gênero" nas Ciências Sociais deriva do fato de a introdução ter sido feita também por aqueles que defendiam que a pesquisa sobre a história das mulheres traria mudanças para os paradigmas de cada disciplina. Scott (1995) ainda destaca que

O termo 'gênero' faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (p. 85)

Cabe ressaltar que as discussões acerca das formas como as percepções do sexo e do gênero são criadas e alimentadas tiveram, como um dos marcos na academia, a descrição do caso da transexual Agnes feita por Garfinkel (2006) nos anos 1960. Agnes se apresentou para Garfinkel e uma rede de médicos da Clínica de Identidade de Gênero da Universidade da Califórnia requerendo uma cirurgia de redesignação sexual. Ela se apresentava socialmente e fisicamente como mulher, mas possuía genitálias masculinas. Após uma série de exames e entrevistas, constatou-se que Agnes havia nascido com uma anomalia genética que feminizou seu corpo durante a puberdade e como se identificava com o sexo feminino, foi autorizada a cirurgia de redesignação genital.

Anos depois, Garfinkel publicou um apêndice de seu estudo revelando que Agnes, na verdade, enganou toda a equipe médica, pois não possuía nenhuma anomalia genética. Ela havia nascido com o sexo masculino e a partir dos 12 anos de idade, passou a tomar hormônios sintéticos, tomando feições femininas. Para o sociólogo, a revelação de Agnes em

nada invalidou sua primeira análise, uma vez que o caso mostra de quais formas a construção de gênero envolve a interpretação ou a leitura do corpo para sinais sociais, mas não é uma propriedade material do corpo. Segundo o autor, o gênero é, portanto, uma construção social, e pode ou não ser consonante com a determinação biológica homem e mulher.

O gênero, segundo Castro (1992), é um conceito aberto, problematizado, que possui múltiplas interpretações e abordagens. Segundo a referida autora, o gênero é “para alguns, uma decolagem de relações sociais ancoradas em perfis naturais, ser homem/ser mulher; para outros, decolagens de relações naturais, realizando-se por culturas e poderes mais além do sexo de referência” (p. 81) e por possuir caráter interdisciplinar, os estudos de gênero instauram diálogos entre um movimento social — o feminismo — e a academia (CASTRO, 1992).

Scott (1995) defende que o gênero deve ser colocado como categoria de análise — em vez de ser utilizado como complemento às análises já feitas — para que se possa compreender que está ligado a processos históricos indissociáveis, explicando assim, determinados fatores da sociedade. Isso não quer dizer, para a autora, que os arquivos ou estudos do passado devam ser abandonados, mas que algumas questões e visões devem ser revistas, colocando o gênero como categoria de análise das questões de pesquisa.

Ainda nesse sentido, Scott argumenta que é necessário que se rejeite o aspecto binário da sexualidade (homem-mulher) e que haja uma historicização e desconstrução autêntica dos termos que diferenciam os sexos. Nesse sentido, a autora afirma que:

Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança. Finalmente, é preciso substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por algo como o conceito de poder de Michel Foucault, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em "campos de força" sociais (p.86).

Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos, para Scott (1995) o gênero implica quatro elementos relacionados entre si:

- Os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas, como os de Adão e Eva, da luz e da escuridão;
- Os conceitos normativos que colocam em evidência interpretações no sentido dos símbolos que tentam limitar e conter possibilidades metafóricas, expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas, etc. e afirmam categoricamente o sentido de masculino e feminino;

- A ideia de que o gênero não é construído somente por meio de parentesco (como muitos teóricos argumentam), mas igualmente pela economia e pela organização política e que opera em nossa sociedade de forma ampla, independente do parentesco;
- A construção do gênero como identidade subjetiva, onde as diferenças entre os corpos não possuem, necessariamente, ligação com a sexualidade (SCOTT, 1995).

O gênero é, para a autora, um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1995). A divisão sexual do trabalho se apresenta como uma das facetas das relações de gênero e da dominação masculina sobre as mulheres, determinando os papéis masculinos e femininos na sociedade e no mundo do trabalho. Compreender de que forma se dá essa divisão torna-se fundamental para entender quais características fazem com que determinada profissão seja “feminina” ou “masculina”, assim como ocorre na profissão de bibliotecário, uma das vertentes deste estudo.

## **2.2 A divisão sexual do trabalho**

Sendo o gênero entendido como um instrumento de análise que atua nas diversas relações sociais, as relações de gênero definiram (e continuam definindo) papéis para homens e mulheres nos diversos setores da sociedade. Esses papéis são ancorados em bases biológicas, baseadas na ideia de que as tarefas de cuidado da casa e dos filhos são tarefas femininas, uma vez que apenas por serem detentoras de um útero, elas nasceram para procriar e cuidar dos filhos. Essas concepções encobrem, no entanto, as relações desiguais de dominação que os homens exercem sobre as mulheres (MIES, 1988). A partir dos anos 70, com a emergência dos estudos de gênero e a aproximação com estudos femininos, essas definições biológicas passam a ser rechaçadas e a constituição de profissões femininas e masculinas passa a ser compreendidas como construções sociais. (FERREIRA, 2003).

No campo do trabalho, as construções de gênero tiveram, historicamente, grande influência na divisão sexual do trabalho, nas “definições” de ocupações masculinas e femininas, sendo somente uma das inúmeras facetas a que o patriarcado submeteu as mulheres. Mies (1988) destaca que o enfoque biológico dado à designação de trabalhos masculinos e femininos traz a noção de que as tarefas são simplesmente divididas entre homens e mulheres, o que mascara que as tarefas masculinas sejam sempre consideradas

mais importantes (racionais, planejadas, produtivas) do que as femininas, sempre designadas pela natureza da mulher.

Cabe destacar aqui as discussões acerca do espaço privado e público, que estão diretamente ligadas ao paradigma da divisão sexual do trabalho. Arendt (2007) destaca que desde as primeiras civilizações até as modernas, o privado precisou ser escondido, ligado à parte corporal da existência humana e aos processos vitais. O “termo público significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele” (p.62) e foi ao longo do tempo ocupado pelos homens. As mulheres e os escravos pertenciam à categoria do mundo privado e “eram mantidos fora das vistas alheias — não somente porque eram a propriedade de outrem, mas porque a sua vida era ‘laboriosa’, dedicada a funções corporais”. (p.82).

Nesse sentido, para Pateman (1993), o contrato de casamento firmado entre homem e mulher institui uma divisão sexual do trabalho, refletindo a organização patriarcal da sociedade, em que a mulher passa a ser “serva” e propriedade do homem após o matrimônio. Confinadas à esfera privada, as mulheres se assemelhavam, até o século XIX, aos escravos, uma vez que, ao se casar, uma mulher perdia todos os seus direitos civis, se tornando ela e seu marido “uma pessoa só”, definida pelo homem. Para a autora

As mulheres são incorporadas a uma esfera que ao mesmo tempo faz e não faz parte da sociedade civil, mas que está separada da esfera ‘civil’. A antinomia privado/público é uma outra expressão das divisões natural/civil e mulheres/homens. A esfera privada, feminina (natural) e a esfera pública, masculina (civil) são contrárias, mas adquire significado a partir da outra (p.28).

Saffioti (1979) corrobora tal afirmação, diz que a felicidade da mulher incluía necessariamente o casamento e que, somente através dele, a mulher possuía garantia de estabilidade ou prosperidade econômica.

Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família (p. 33).

A inserção da mulher no espaço público se deu por trabalhos que são extensão daquele exercido no âmbito privado (FERREIRA, 2003) e que são pautados na divisão sexual do trabalho, que se constitui como um sistema de relações que evolui com o tempo e que varia entre os lugares, conforme as culturas diferentes (CACOUAULT, 2003). Os estudos sobre a temática buscam compreender que os ambientes de trabalho são mistos e que as transformações no campo estão em curso, sendo as profissões definidas como “masculinas”

ou “femininas” de tempos em tempos. A divisão sexual do trabalho se insere, assim, nas questões de gênero, além de propiciar

não somente uma apreensão mais justa (em todos os sentidos do termo) da participação que elas sempre tiveram na produção das riquezas e na gestão da vida cotidiana, mas também uma melhor compreensão do trabalho dos homens e do funcionamento das sociedades. (CACOUAULT, 2003, p.35).

O paradigma da divisão sexual do trabalho, conforme Castro (1992), enriqueceu o debate a respeito do trabalho feminino nos espaços público e privado. Neste sentido, Lobo (1991) sublinha que “as relações entre homens e mulheres são vividas e pensadas como relações entre o que é definido como masculino e feminino — os gêneros. (...) a divisão sexual do trabalho é um dos muitos *locus* das relações de gênero” (p.84). Para a autora, a problemática da divisão sexual do trabalho se articula com a do gênero (e se utiliza como categoria analítica), pois

abre espaço para se pensar as novas questões que preocupam a sociologia do trabalho: as “metamorfoses” do trabalho e o seu questionamento, a subjetividade no trabalho, e as identidades no trabalho, o problema de igualdade e diferenças e as formas contemporâneas da gestão e de políticas sociais. (LOBO, 1991, p. 11).

Hirata e Kergoat (2007), em análise sobre as novas configurações que o trabalho assumiu — em especial na Europa — a partir dos anos 2000, definem a divisão sexual como “a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos” e destacam que “é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos.” (p. 599)

Para Hirata e Kergoat (2003)

a divisão do trabalho entre os homens e as mulheres é em primeiro lugar a imputação aos homens do trabalho produtivo – e a dispensa do trabalho doméstico – e a atribuição do trabalho doméstico às mulheres, ao passo que são cada vez mais numerosas na nossa sociedade salarial as mulheres a querer entrar e se manter no mercado de trabalho. (p.113).

Além disso, as autoras argumentam que a sustentação do trabalho social sobre o biológico varia quanto a forma e dimensão de acordo com o período estudado. O que vai distinguir o trabalho masculino do feminino, na sociedade, é o valor<sup>3</sup> que é atribuído. O trabalho masculino pesa mais que o trabalho feminino, a “produção ‘vale’ mais que reprodução,

---

3 O termo “valor” é empregado pelas autoras no sentido antropológico e ético e não no sentido econômico.

produção masculina 'vale' mais que produção feminina (mesmo quando uma e outra são idênticas)" (p.113). Tal configuração cria uma hierarquia social nas relações sociais entre os sexos e está encarnada na realidade social (HIRATA; KERGOAT, 2003).

Assim, a divisão sexual do trabalho é o suporte empírico para a mediação entre as relações sociais e as práticas sociais. Essa divisão está, para as autoras, no âmago do poder que os homens exercem sobre as mulheres. Caso se pudesse suprimir a imputação do trabalho doméstico para as mulheres, as relações sociais desmoronariam "junto com as relações de força, a dominação, a violência real ou simbólica, o antagonismo que elas carregam" (HIRATA; KERGOAT, 2003, p.114).

No mesmo sentido, Safiotti (1979) afirma que ao adentrar no mercado de trabalho, a mulher tem que lutar contra o peso da determinação sexual, além de fatores como classe social, cor e religião. Desta forma, as mulheres optam por ocupar profissões femininas porque a sociedade de classes não oferece a elas referências com as quais suas funções possam ser avaliadas e integradas.

A evolução do trabalho feminino e dos lugares que as mulheres ocuparam ao longo do tempo demonstra que há mudanças significativas ocorrendo nos últimos tempos. As fronteiras entre profissões masculinas e femininas vêm sendo quebradas e diminuídas, como no caso da Biblioteconomia. Entretanto, há, para a mulher o peso da divisão sexual do trabalho e das atividades ligadas à esfera da reprodução. Compreender de que forma se deu a evolução do trabalho feminino e dos lugares que a mulher ocupou no mundo do trabalho torna-se fundamental para entender como se dá a diminuição de algumas dessas barreiras.

## **2.3 O trabalho feminino**

Apesar de muitas vezes relegadas ao espaço privado, as mulheres sempre trabalharam, e sua contribuição teve importância para a sociedade mesmo antes do capitalismo. Safiotti (1979) afirma que, nas economias pré-capitalistas, a mulher ocupava espaço nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, além de tecer e fiar, fermentar a cerveja e exercer outras tarefas domésticas.

Na Inglaterra, havia mulheres entre agiotas, proprietários de navios, vendedores de livros. Além disso, a mulher casada podia atuar no comércio, ainda que fosse necessário neste caso, que ela fosse levada por um homem, geralmente o seu marido (SAFIOTTI, 1979). Na França, nos séculos XIX e XX, há corpos de ofícios femininos ou mistos, de arrumadeiras, costureiras, vendedoras de grãos, comerciantes de moda, etc. As mulheres que compunham estes corpos de ofício eram, em sua maioria, independentes, não sendo casadas nem viúvas (GARDEY, 2003). Para Safiotti (1979) "nas sociedades pré-capitalistas, embora jurídica,

social e politicamente seja a mulher inferior ao homem, ela participa do sistema produtivo, desempenha, portanto, um relevante papel econômico (p.35)".

O surgimento do capitalismo se deu em condições adversas para as mulheres, uma vez que a mulher contava com uma desvantagem social que possuía duas dimensões: a subvalorização das capacidades femininas traduzidas no pensamento da supremacia masculina e a marginalização da mulher à medida que eram desenvolvidas as forças produtivas. O trabalho feminino se desenvolve para atender à necessidade das fábricas (e do seu maquinário), que dependiam de indivíduos que dispusessem de reduzida força física ou que ainda não houvessem completado o desenvolvimento de seu organismo. Assim, a força de trabalho de mulheres e crianças era importante e requisitada nesses espaços. (SAFFIOTI, 1979). Nesse período, os trabalhadores eram vítimas de jornadas de trabalho muito longas, além de péssimas condições de trabalho. (PENA, 2007)

A partir da segunda metade do século XIX, o trabalho passa a ter algum tipo de regulamentação e, no século XX, ganha *status* de atividade regulada. Pena (2007) destaca que o modelo fordista/taylorista influenciou a organização do trabalho em diversos setores produtivos, com um "compromisso" de regulação do capital e do trabalho mediado pelo Estado. Nesse período, a concepção referente ao trabalho feminino não se alterou na sociedade e a participação das mulheres no mercado de trabalho somente foi tolerada como inevitável para aquelas extremamente pobres. (SOUSA, 2014)

Na França, há um aumento da população feminina ativa no século XIX e um decréscimo no período entre guerras. Gardey (2003) destaca que a Primeira Guerra Mundial interrompeu o movimento de aumento do trabalho feminino e houve um retorno forçado de inúmeras mulheres ao lar, uma vez que

a 'mobilização' das mulheres durante o conflito, que se manifesta por sua admissão em setores ou em empregos nos quais eram até então ausentes ou pouco numerosas (indústria de armamento, por exemplo, mas também condução de bondes), choca os contemporâneos porque essas mulheres são visíveis e circulam no espaço público. (p. 46)

Entre as duas guerras, há uma equiparação, na França, de número de mulheres que trabalhavam nos setores primário, secundário e terciário, em que se observou uma diversificação da participação das mulheres entre os diversos ramos da indústria. Tal movimento foi ocasionado pelo assalariamento das mulheres ativas em profissões não agrícolas e houve crescimento do número de mulheres em atividades de serviços públicos e privados. (GARDEY, 2003)

No Brasil, segundo Matos e Borelli (2012), entre 1920 e 1940 houve uma diminuição da participação feminina no setor fabril, por diversos fatores, como o

desenvolvimento dos setores tradicionalmente masculinos da indústria (o metalúrgico, o siderúrgico e o mecânico, por exemplo), além de ações públicas, médicas e do movimento operário contra o trabalho feminino e a legislação deste. Nesse período então, as mulheres começam a ocupar cargos no setor terciário, com novas funções no comércio e nos escritórios. Segundo as autoras,

nos estabelecimentos bancários, comerciais e de seguros, as mulheres foram incorporadas em postos na telegrafia, telefonia, contabilidade e como escrituárias, secretárias, **guarda-livros**, entre outros cargos burocráticos de menor status (p. 134; grifo nosso<sup>4</sup>)

Após a Segunda Guerra Mundial, há um aumento de modo quantitativo e qualitativo no emprego, uma vez que há aumento efetivo do número de empregados e a consolidação das leis trabalhistas (PENA, 2007). Nesse período, há alteração no setor produtivo e um aumento da necessidade da mão-de-obra feminina, o que ocasiona maior participação da mulher no mercado de trabalho. (SOUSA, 2014)

Na década de 70, há uma reconfiguração do trabalho, principalmente na indústria, baseada na especialização flexível e na adoção de modelos japoneses, como o toyotismo. A informação e o conhecimento adquirem valor de mercado e se observa a valorização de profissionais que trabalham com ambos, caso de administradores, técnicos e profissionais especializados, como os bibliotecários. (PENA, 2007)<sup>5</sup>

A partir dos anos 90 há, na América Latina, um aumento da participação feminina no trabalho, que vai durar até o fim da década, quando observa-se o aumento do desemprego entre as mulheres, de modo geral (ABRAMO, 2007). Além disso, os anos 1990 também são marcados por uma retração persistente no nível do emprego no Brasil, além de um processo de maior seletividade do mercado de trabalho, sobretudo no setor industrial. Tais aspectos são notadamente influenciados por mudanças micro-organizacionais (mudanças tecnológicas e organizacionais) e macrosociais (redefinição da indústria na divisão social do trabalho), pautados pela economia neoliberal adotada pelo país. (GUIMARÃES, 2001)

---

<sup>4</sup> A função de “guarda-livros” se aproxima das características técnicas da profissão bibliotecária e aumento da tecnicidade dos cursos formadores de bibliotecários.

<sup>5</sup> Segundo Pena (2007) o toyotismo pode ser caracterizado pelos programas de *just-in-time*, pela qualidade total, gestão participativa, dentre outras expressões do modelo japonês. A especialização flexível tem como pressuposto o atendimento a demandas específicas, com produção em série dos produtos e onde o trabalhador é capaz de operar várias máquinas ao mesmo tempo.



A explosão do mundo globalizado permitiu um aumento do emprego feminino em espaços formais e informais (SOUSA, 2014) e a noção de gênero torna-se imprescindível para compreender as novas configurações do trabalho (ARAÚJO, 2002). Tal aumento, muitas vezes, ocorreu pelo viés dos “trabalhos femininos”, sempre ligados às noções de cuidado, paciência, delicadeza, organização, higiene e presteza e associadas a profissões de pouca demanda e a salários menores. Segundo Perrot (2005), profissões que se inscrevem no prolongamento das funções ditas “naturais”, maternais e domésticas das mulheres, além de permitirem “que a uma mulher realize bem sua tarefa profissional (menor) e doméstica (maior)” (p.251). Conforme Lobo (2011) destaca muito bem,

não é a docilidade que faz parte intrínseca da natureza feminina, mas o que é aparentemente natural é que uns se ocupem da fábrica e outras da casa, isto é, que exista uma divisão sexual do trabalho desde sempre articulada às relações sociais e embutida nas práticas sociais (p. 126).

Araújo (2002) destaca que o caráter excludente da feminização do mercado de trabalho observada nos últimos anos,

se expressa no seu confinamento em ocupações de menor prestígio social, na alta instabilidade, nas reduzidas chances de mobilidade, na desigualdade de oportunidades para homens e mulheres e nas assimetrias salariais entre eles, assim como na desvalorização das atividades qualificadas como femininas e nas dificuldades de acesso aos postos considerados masculinos. (p.136)

A baixa qualificação era atribuída como um dos fatores que levavam as mulheres a receberem menos que os homens, mesmo desempenhando as mesmas tarefas. Saffioti (1979) afirma que as mulheres optavam por trabalhos sem possibilidade de promoção, pois não eram preparadas para o exercício de uma profissão. Para a autora, a inserção da mulher nesses trabalhos (e no setor terciário) não significava uma vitória, uma vez que “ela representa uma escalada dos trabalhos manuais para os trabalhos não-manuais” (p.49).

A participação das mulheres no mercado de trabalho, segundo Daune-Richard (2003), alimentou sobretudo na França, segmentos já feminizados. Ferreira (2003) ressalta, que, no Brasil, a inserção da mulher nas universidades — observada principalmente a partir do início do século XX — esteve ligada ao direito sufragista, e se deu pela escolha de profissões tradicionalmente femininas, escolhas essas baseadas na visão que as mulheres têm de si e pela transmissão na sociedade de ideais que evocam o dom de servir feminino. Para Araújo (2002), a participação das mulheres no mercado de trabalho e na sociedade brasileira entre os anos 1920 e 1980 acompanhou os processos de industrialização e urbanização. Para a autora,

este período é marcado por continuidades no que diz respeito à inserção das mulheres no mundo do trabalho extradoméstico – um grande contingente de mulheres ocupa posições não qualificadas, com vínculo empregatício e condições de trabalho precários, mal remuneradas e sem proteção social. Elas estão predominantemente nas ocupações femininas tradicionais – trabalho doméstico, atividades de produção para consumo próprio e do grupo familiar – e em certos nichos – magistério, enfermagem, comércio, telefonia, alguns setores industriais, como os ramos têxtil e do vestuário, e nos serviços pessoais como cabelereiras, manicures, lavadeiras. (p.133)

Bruschini (2007) apresenta que o aumento do trabalho feminino no país foi também condicionado por mudanças sociais e culturais na sociedade brasileira nos últimos tempos, como a queda da taxa de fecundidade, sobretudo nas cidades e nas regiões mais desenvolvidas do país; a diminuição do tamanho das famílias; o aumento da expectativa de vida da população e o crescimento acentuado de arranjos familiares chefiados por mulheres. Além disso, a autora mostra que o perfil da trabalhadora alterou-se, passando de mulheres solteiras e sem filhos, para ser composto, em sua maioria, por mulheres casadas e já com filhos<sup>6</sup>.

A autora destaca, ainda, que o ingresso das mulheres no ensino superior possibilitou o aumento da participação feminina em setores antes considerados masculinos, além de se observar queda dessa participação em alguns setores considerados feminizados. Nos últimos anos pode-se observar que há maior participação feminina em profissões como a de engenheiro e médico, em que a presença feminina cresceu substancialmente entre 1993 e 2005. Na primeira, de 12% para 14%, e na segunda, de 36% para 41,3%. Cabe destacar a queda de 92,2% em 1994 para 81,1% no setor educacional, notadamente um setor “feminino”. (BRUSCHINI, 2007)

Entretanto, apesar dessas mudanças significativas, as mulheres ainda continuam encontrando maiores oportunidades de trabalho e emprego, em ordem, nos setores de prestação de serviços, na agropecuária, no setor social (serviços comunitários e sociais, médicos, odontológicos, veterinários e ensino), no comércio de mercadorias e na indústria. É grande também o contingente de mulheres que ainda ocupam trabalhos precários, como de trabalhadora doméstica, e as que realizam trabalhos não-remunerados, além de ainda receberem menores salários que os homens. (BRUSCHINI, 2007)

---

6 A porcentagem de mulheres na população economicamente ativa (PEA) subiu de 39,6% da população para 43,5%, entre 1993 e 2005. Além disso, a taxa de mulheres entre 30 e 39 anos que estão no mercado de trabalho, subiu de 66,4% em 1995 para 73,7% em 2005, enquanto a taxa de homens no mercado na mesma faixa etária, caiu de 96,3% para 95,3% (BRUSCHINI, 2007).

Abramo (2007) afirma que, apesar da maior inserção da mulher no mercado de trabalho, ainda não há igualdade de condições. Vale destacar que tal princípio de igualdade já havia sido estabelecido por lei na Revolução Russa de 1917, que também estabelecia a igualdade de salários para funções iguais (SOUSA, 2014).

Há aspectos positivos e negativos da inserção das mulheres no mercado de trabalho, segundo Abramo (2007). Para a autora, a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho se acentuou em alguns pontos e diminuiu em outros. Como tendências positivas, a autora destaca

- a diminuição da margem de participação entre as mulheres pobres e as demais;
- a diminuição da margem de participação entre homens e mulheres;
- absorção maior das mulheres nos empregos gerados na década de 1990, tendo a taxa de ocupação feminina crescido mais que a masculina;
- diminuição da margem de renda;
- diminuição da margem de informalidade<sup>7</sup>.

Como tendências negativas, Abramo (2007) destaca:

- o aumento significativo do índice de desemprego entre as mulheres, especialmente as mais pobres;
- o número de mulheres no setor informal em relação à força total de trabalho feminina é superior ao dos homens na mesma situação, tendo inclusive crescido nos anos 1990;
- aumento também, nos anos 1990, do total de mulheres que não contam com nenhum tipo de proteção social.

A introdução (e o conseqüente aumento da sua utilização) da palavra gênero nas Ciências Sociais provocou profundas mudanças na compreensão de como se dá e se estabelece as relações entre os sexos na sociedade. Tais relações, alimentadas pelos mais diversos campos da sociedade, se caracterizam como desiguas, onde homens e mulheres não ocupam o mesmo espaço no mercado de trabalho e não possuem as mesmas oportunidades, sendo o trabalho feminino de menor “valor” que o masculino.

---

<sup>7</sup> Segundo a autora, de cada 100 novos empregos femininos, 54 foram gerados no setor informal, enquanto para os homens, esse número foi de 70. Vale considerar que o setor informal, segundo Abramo (2007, p. 25) corresponde “aos que trabalham por conta própria (nem profissionais liberais, nem técnicos), aos trabalhadores familiares não-remunerados, aos empregados no serviço doméstico e nas microempresas (até cinco trabalhadores)

Apesar de alguns avanços no sentido da diminuição de tais desigualdades e de diversificação de espaços, alguns nichos de trabalhos continuam sendo femininos e/ou masculinos. A profissão bibliotecária se inclui nesse grupo de profissões femininas que vêm se modificando e atraindo um número maior de homens. Compreender de que formas a profissão se constituiu como uma profissão feminina pode ajudar a compreender a visão do bibliotecário na sociedade e de que como essa diversificação de gênero pode mudar a visão da profissão.

### 3 SER BIBLIOTECÁRIA: UMA PROFISSÃO DE MULHER?

As bibliotecas historicamente foram lugares destinados ao cuidado, à organização e à guarda do conhecimento. A constituição da profissão de bibliotecário demonstra que as primeiras bibliotecas eram administradas por homens e que a profissão bibliotecária se constituiu como feminina com o passar do tempo. Sousa (2014) destaca que a mudança da composição sexual da Biblioteconomia se dá, na Europa, no início do século XIX, com a emergência do Estado Nação, a Revolução Industrial e a institucionalização e estatização dos sistemas escolares. Nesse período, há uma difusão do livro e cresce o número de bibliotecas públicas nos países mais desenvolvidos. Já nos Estados Unidos, as bibliotecas se difundem atreladas às escolas, sendo um meio de espalhar a educação de forma igual para todos.

Martucci (1996), afirma que o movimento de feminização nas áreas de Magistério e Biblioteconomia se deu a partir do século XIX, quando há maior controle estatal sobre o processo educacional, sobretudo na Europa. Nesse mesmo período, a biblioteca se aproxima da educação como uma extensão da sala de aula, sendo o bibliotecário considerado um professor informal. O discurso de Mevil Dewey, um dos teóricos mais importantes da área, feito em 1876 e citado por Mueller (1984), corrobora tal direcionamento:

Foi se o tempo em que a biblioteca se parecia com um museu e o bibliotecário era um catador de ratos entre livros embolorados e os visitantes olhavam com olhos curiosos tomos e manuscritos antigos. **Agora a biblioteca é como uma escola, e o bibliotecário é, no mais alto sentido, um professor**, e o visitante é um leitor entre livros como um trabalhador entre suas ferramentas (p. 11, grifo nosso)

Nesse contexto, os atributos necessários para se trabalhar em bibliotecas sofrem modificações. Do perfil erudito dos séculos anteriores, passa a ser requerido que os futuros profissionais bibliotecários fossem mais técnicos e práticos. Para Mueller (1984), a expansão das bibliotecas públicas e universitárias no fim do século XIX e início do século XX, levou ao desenvolvimento de novas formas de organização e atendimento. Nas palavras da autora

esta biblioteconomia menos nobre e mais pragmática, que se espalhava com rapidez, despertou muito ressentimento em alguns bibliotecários, que sentiam nela um abandono da atenção e respeito pelo conteúdo dos livros em favor das técnicas de organização (p. 17).

Apesar do descontentamento inicial, o perfil de formação de bibliotecários mais técnicos acabou se difundindo, a princípio nos Estados Unidos e, mais tarde, em outros países, como o Brasil. Ancorados em estereótipos de gênero, era necessário que os novos profissionais tivessem ordem, educação e bons costumes, características associadas ao

feminino, o que abriu espaço para que as mulheres ocupassem espaços na profissão. Segundo Sousa (2014),

na época, as mulheres eram consideradas: educadoras por 'natureza', conservadoras, obedientes, pacientes e, dispostas a aceitar a autoridade e a hierarquia dos homens. Ademais, a Biblioteconomia agrega, no exercício de suas funções, atributos como cuidar, zelar, arrumar, guardar, preservar; valores que a sociedade esperava encontrar nas mulheres. Assim, como professora, enfermeira, assistente social, a mulher se enquadra também na Biblioteconomia considerada extensão das funções domésticas, ou como ocupações transitórias (casamento, maternidade) criadas sob o amparo dos serviços públicos. (p. 122)

Nesse direcionamento mais técnico, Mevil Dewey também foi um dos primeiros bibliotecários a contratar mulheres para a função nos EUA e a admiti-las no curso que criou em Columbia. Giacometti e Velloso (1987) destacam que quando o teórico conseguiu estabelecer o curso na referida universidade, dezessete dos vinte alunos matriculados eram mulheres, o que demonstra a feminização da profissão já em seus primeiros cursos.

Entretanto, Battles (2003) faz uma análise mais crítica e demonstra que Dewey só tomou a atitude de contratar mulheres para a função de bibliotecário para rebaixar a profissão, uma vez que para ele as mulheres eram socialmente subalternas, o que refletia a subordinação que bibliotecários deveriam ter frente a professores e pesquisadores. Schiller (1970) destaca que Dewey pensou em aspectos práticos, como economia dos recursos das bibliotecas, sempre tão escassos: ao se contratar mulheres, poderia se pagar menores salários para as mesmas e, assim, economizar recursos para setores mais importantes.

Desta forma, o trabalho em bibliotecas passou a se inserir no contexto da divisão sexual do trabalho como uma extensão do trabalho doméstico, feminino. Dentre outras variáveis econômico-sociais e ideológicas, Martucci (1996) destaca que o trabalho na biblioteca passou a ser uma atividade que possibilitava a harmonização do trabalho com as atividades domésticas, além de ser uma profissão que anuncia respeitabilidade, atrelada a uma imagem de pessoa culta e dada a orientar e ensinar.

No Brasil, a feminização da Biblioteconomia vai ocorrer paralelamente à criação dos cursos formadores de bibliotecárias. As primeiras bibliotecas brasileiras pertenciam aos jesuítas e tinham a função de dar subsídios para as atividades religiosas dos clérigos. Como a grande maioria destes espaços eram masculinos, cabia a alguns homens da igreja zelar pela rotina e administração desses lugares.

Segundo Moraes (2006) os jesuítas possuíam bibliotecas em seus colégios, espalhados por diversos locais da província. A biblioteca de Salvador era a mais famosa delas, contando com cerca de 15 mil volumes em 1549. Tal acervo requeria um trabalho intenso de

organização, expansão e catalogação do material por parte de quem trabalhava nas bibliotecas. Dentre estes, o autor destaca que

O bibliotecário irmão Antônio da Costa (professor em Salvador já em 1677, aos 33 anos, falecera em 1722) é o mais notável, pois catalogou todos os livros por autor e matéria. É esse o primeiro catálogo verdadeiro de biblioteca brasileira e seu organizador, nascido, por sinal, em Lião, na França, o primeiro bibliotecário – e não simples guardião de livros – que houve entre nós (MORAES, 2006, p.8).

A vinda da família real portuguesa para o Brasil e a independência do país permitiram a criação de bibliotecas públicas e escolares no país. Nesse período, a profissão de bibliotecário se ligava a homens da aristocracia, uma vez que era exigido que os candidatos aos cargos fossem fluentes em mais de uma língua e possuíssem conhecimento de história e literatura, além de uma formação acadêmica, como bacharelado em letras ou ciências (FONSECA, 1992). Sousa (2014) destaca que a profissão bibliotecária se consolidou no país com uma questão de gênero forte, uma vez que os requisitos para a contratação não permitiam o acesso das mulheres e das pessoas de classes sociais inferiores. Segundo a autora,

Nesse período, a Biblioteconomia brasileira foi tida como uma profissão aristocrática, influenciada pelos países europeus principalmente a França, que via o bibliotecário como intelectual e a biblioteca como local de elite, cujo objetivo era a organização sistemática do conhecimento científico. (SOUSA, 2014, p. 118)

Em 1911, fruto dos esforços de diversos intelectuais inspirados nos humanistas franceses, instala-se o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, ministrado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O perfil do profissional que se buscava formar ia ao encontro do perfil erudito, de orientação francesa. Programado para durar um ano, o curso enfrentou algumas paralisações e retomou suas atividades no começo da década de 30 (SILVEIRA, 2007), período que coincide com o maior controle do Estado sobre a educação (FREITAG, 2007).

Nesse período, as bibliotecas no Brasil passaram a ser criadas já vinculadas às escolas, com função educativa semelhante à dos Estados Unidos (MARTUCCI, 1996), e a profissão passa a atrair mulheres da classe dominante que “se quisessem trabalhar, tinham duas opções: a escola normal ou então a biblioteconomia” (BOTASSI<sup>8</sup> *apud* MARTUCCI, 1996,

---

8 BOTASSI, Miriam. **Bibliotecária (o):** a profissão no feminino e o mercado. Palavra-Chave, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984.

p. 240). Acompanhando a expansão universitária que o país vivia (FREITAG, 2007), muitos são os cursos de Biblioteconomia criados pelo Brasil. Pode-se citar como exemplos os cursos do Colégio Mackenzie em São Paulo, fundado em 1929; em 1945, o Curso de Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da Bahia (incorporado à Universidade Federal da Bahia em 1958); o Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Católica de Campinas, em 1945; (o) Curso de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1950; o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, também criado em 1950, entre outros. Conjugado ao aumento de cursos de Biblioteconomia no país, estava a luta dos bibliotecários por maior reconhecimento da profissão e maior uniformidade no ensino da profissão.

Entretanto, muitos desses cursos foram criados sob influência norte-americana, com enfoque mais tecnicista e menos erudito, em que “a ênfase curricular de preparação humanística cede lugar a uma de ordem mais técnica, uniformizando os saberes bibliotecários e consolidando o modelo pragmático de instrução norte-americana no país” (SILVEIRA, 2007, p. 136).

O curso do Colégio Mackenzie foi o primeiro a adotar tal orientação. Sob a influência da bibliotecária norte-americana Dorothy Muriel Gedds Gropp<sup>9</sup> (SOUSA, 2014), seu currículo possuía disciplinas ligadas à catalogação, classificação e referência. Encerrando suas atividades em 1935, o curso cedeu espaço para um criado pela Prefeitura de São Paulo, sob a administração de Adelpha Figueiredo e Rubens Borba de Moraes, e também se orientou pelo “modo de fazer” norte-americano (SILVEIRA, 2007).

Nesse sentido, refletir sobre a constituição dos currículos de Biblioteconomia dos cursos brasileiros pode ser um dos caminhos para se compreender a constituição da profissão bibliotecária como uma profissão feminina. Conforme Silveira (2007), até a década de 60

Cada curso ou escola de Biblioteconomia era independente para determinar o segmento teórico-prático que seu programa curricular deveria seguir, tendo-se em vista atender às necessidades de mão-de-obra específica para determinados setores da sociedade brasileira. (SILVEIRA, 2007, p.142)

Essa independência curricular fez com que, ao longo do tempo, os novos cursos de Biblioteconomia fossem adquirindo caráter mais técnico, que enfatizava disciplinas de tratamento da informação (SILVEIRA, 2007). Tal orientação acabou por gerar discussão

---

9 Segundo Sousa (2014), Dorothy veio ao Brasil para orientar a organização da biblioteca do colégio e assumiu a coordenação do curso por um tempo, enquanto a bibliotecária Adelpha Figueiredo fazia curso nos Estados Unidos.



acerca da necessidade da criação de currículos que dessem aos futuros bibliotecários tanto uma formação erudita, quanto técnica. Segundo Russo (1966)

(...) o ensino da Biblioteconomia deixou de ser eminentemente erudito para tornar-se, no decorrer dos anos, exclusivamente técnico. Disto resultou um visível rebaixamento do nível do bibliotecário, reduzido a produzir fichas e ordenar livros nas estantes, sem participar das responsabilidades de direção das bibliotecas que estão a reclamar, em escala crescente, a orientação de pessoas tecnicamente habilitadas. (p.23)

Tais fatos e discussões levaram à criação, em 1962, de um currículo mínimo de Biblioteconomia, que procurou unir as duas orientações (francesa e norte-americana), além de permitir que as escolas incluíssem disciplinas de acordo com as suas necessidades (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009). Todavia, muitas eram as críticas a esse currículo, o que levou à formulação de um novo currículo mínimo nos anos 80 que alterou a duração dos cursos para quatro anos e que foi sofrendo modificações nos anos subsequentes, inserindo disciplinas de caráter tecnológico.

A perda do caráter humanista na profissão e a opção da orientação norte-americana, mais técnica, podem ser apontados como indícios que colaboraram para a caracterização da profissão como feminina. Nesse período, a profissão bibliotecária era considerada como de moças bem-nascidas, que ingressavam em um curso superior somente para “esperar marido”. Para Ferreira (2003), a facilidade de ingresso, a oferta de cursos em horários matutinos – em sua maioria de curta duração (três anos) – e a facilidade de entrada no mercado de trabalho propiciaram a entrada na profissão de moças de boa família.

Saffioti (1979) destaca que, numa sociedade de classes, as mulheres não são preparadas para o exercício de uma profissão. Segundo a autora “a grande maioria delas, atingida a escolarização média, engaja-se num emprego de escrituária ou vendedora, à espera de um marido” (p.49). O mesmo poderia dizer das mulheres bibliotecárias na época de desenvolvimento da profissão no Brasil, uma vez que a mesma se caracterizava por mulheres que buscavam adquirir uma profissão até se casarem.

Com o tempo, esse perfil de estudantes foi se alterando. De moças bem-nascidas, os cursos de Biblioteconomia passaram a atrair estudantes das camadas populares da sociedade. Levantamento de Braga e Peixoto (2006) feito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) corrobora tal mudança e mostra que o curso de Biblioteconomia se incluía entre uma das opções mais procuradas por estudantes mais pobres, além de possuir alto aspecto de feminização, se comparado a outros cursos da mesma universidade.

O maior interesse dos estudantes de camadas populares pelo curso de Biblioteconomia pode ser explicado pela consolidação da profissão como geradora de

empregos formais, com destaque para a administração pública (PENA, 2006), além da baixa concorrência no vestibular, o que permitiria aos oriundos das classes menos favorecidas pleitear o acesso à universidade.

Nos últimos anos, tem-se observado maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia. Pena, Crivellari e Neves (2006) demonstram que, entre 1994 e 2004, o número de bibliotecários do gênero masculino saltou de 13,02%, para 23,87%.

Em outra pesquisa, Oliveira e Crivellari (2011) utilizam dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e comparando a profissão de bibliotecário com a de contadores e analistas de TI, demonstram que há queda na feminização da profissão de bibliotecário entre os anos de 1985 e 2009, enquanto nas outras duas profissões estudadas há ligeiro aumento nesse processo<sup>10</sup>. Entretanto, as autoras ressaltam que, mesmo com essa queda significativa, a profissão de bibliotecário ainda pode ser considerada como altamente feminizada.

Cabe ressaltar a força dos estereótipos<sup>11</sup> na construção da imagem dos bibliotecários, estereótipos esses que estão ligados não só à noção de divisão sexual do trabalho, mas também a uma imagem negativa das mulheres que atuam na profissão, identificadas como idosas, de óculos e coque no cabelo, que possuem uma postura agressiva e pouco receptiva para com os usuários (WALTER; BAPTISTA, 2007). Segundo Sousa (2014), apesar das mudanças no mercado da informação e no perfil do bibliotecário,

A bibliotecária ainda é reconhecida pelo domínio das técnicas de processamento e organização da documentação, taxada de burocrática, confinada nos minuciosos e áridos processos técnicos (carimba, registra, classifica, cataloga e organiza), trabalho criterioso bem sugestivo para ser desenvolvido por mulheres (p. 124).

Roggau (2006), ao investigar as origens dos estereótipos da profissão bibliotecária, argumenta que o nascimento e desenvolvimento da profissão, ao visar responder a uma demanda social, na qual o 'fazer' tinha prioridade sobre o 'pensar', acabou por formar "a base de uma imagem sem prestígio acadêmico: a de um aplicado repetidor de práticas, isto é, uma atividade rotulada como um ofício, no melhor dos casos" (p. 19, tradução nossa).

Walter (2008) destaca que grande parte dos estereótipos ligados à profissão de bibliotecários advém do fato desta ser uma profissão feminina, uma vez que, historicamente,

---

10 A razão de feminização da profissão bibliotecária caiu de 7,32 (1985) para 2,28 (2009) (OLIVEIRA; CRIVELLARI, 2013).

11 Os estereótipos são entendidos e compreendidos segundo a definição de Mcgarthy *et al.* apud Walter; Baptista (2007) como um "conjunto de crenças, de conceitos interrelacionados que informam as percepções de membros de um certo grupo; ou ainda como a representação específica de um grupo particular em determinado tempo".

as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual e que demandam práticas e procedimentos relacionados às tarefas de cuidado e ordem. Além disso, segundo a autora,

das mulheres normalmente se espera comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser 'solteirona' e recalcada, enquanto que aos homens essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte. (p. 54)

Sousa (2014) mostra, em trabalho feito com bibliotecárias, que muito poucas delas associam a questão do gênero à desvalorização da profissão. De todas as entrevistadas pela pesquisadora, somente duas associaram as questões de gênero ao rebaixamento da profissão. Nas palavras de uma das entrevistadas

Na nossa concepção não apenas a Biblioteconomia, mas profissões como: Serviço social, Psicologia, Enfermagem e todas ditas femininas são desprestigiadas, sofrem discriminação, por uma questão cultural que desvaloriza o trabalho realizado por mulheres mesmo quando se trata de atividades de suma importância para a sociedade, como é o caso da Biblioteconomia (SOUSA, 2014, p. 95)

A autora destaca que, apesar dos comportamentos ditos femininos não fazerem parte do perfil atual das bibliotecárias entrevistadas por ela em sua pesquisa, suas atitudes não são capazes de afastar a imagem negativa arraigadas na sociedade, uma vez que alguns estereótipos a respeito da profissão de bibliotecário, se mantêm.

No caso dos bibliotecários homens, Sousa (2014) destaca que os estereótipos são ligados às questões de orientação sexual e assinala que face o valor tradicional que ainda se dá ao macho na sociedade, muitos bibliotecários demonstram receio em ser confundidos com homossexuais. Um dos seus entrevistados corrobora tal afirmação ao dizer que, em todos os locais a que vai, necessita afirmar que não é *gay*.

Destarte, a profissão bibliotecária foi marcada e profundamente influenciada (sobretudo durante a expansão do número de cursos formadores) pelas relações de gênero. O aumento da tecnicidade dos cursos e da profissão, conjugado com a saída da mulher da esfera privada para a esfera pública, além da curta duração dos primeiros cursos formadores, fez com que esta se tornasse uma profissão "feminina".

Nesse sentido, os estudos de gênero na Ciência da Informação (e sobre a profissão de bibliotecário) tornam-se importantes uma vez que, conforme Ferreira (2003), ao se repensar a atuação profissional e a valorização da profissão por meio da questão de gênero, o amadurecimento enquanto bibliotecários e cidadãos surgirá, aliado à prática profissional com as necessidades informacionais da sociedade. Buscar uma nova identidade para a

Biblioteconomia e para os bibliotecários passa pela busca de um novo equilíbrio entre as origens da profissão, da prática e da sua ação política e social.

#### **4 OS ESTUDOS DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA, A CONSOLIDAÇÃO DA PROFISSÃO DE BIBLIOTECÁRIO E A MAIOR PROCURA DE HOMENS PELOS CURSOS FORMADORES DE BIBLIOTECÁRIOS**

Ao longo do tempo, os cursos de graduação em Biblioteconomia se consolidaram como majoritariamente femininos e, tanto na atuação profissional como nas universidades, pode-se perceber a presença massiva de mulheres. Ademais, pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação que abordam a questão do gênero ainda são muito poucas. Ferreira (2003), em estudo sobre o profissional da informação e as relações de gênero, mostrou que são poucos os trabalhos na área que têm como enfoque a mulher e o gênero, e a grande maioria não apresenta consolidação dos dados.

Cabe esclarecer que o enfoque desta pesquisa são os cursos de graduação em Biblioteconomia, e não os cursos de pós-graduação em Ciência da Informação (CI), nos quais se observa um equilíbrio entre o número de homens e mulheres no corpo discente. Entretanto, são utilizados aqui dados de trabalhos e estudos produzidos no âmbito da Ciência da Informação, uma vez que a Biblioteconomia se insere dentro da CI, sobretudo nos programas de pós-graduação.

Em pesquisa feita com bibliotecários do sexo masculino que já atuam no mercado norte-americano, Carmichael (1992) mostra que 66% dos entrevistados reconhecem que a profissão é dominada por mulheres e 88% deles disseram que são respeitados por suas companheiras de profissão no ambiente de trabalho. Além disso, o estudo mostrou que a maioria dos bibliotecários homens que atuam na profissão exercem funções ligadas à ideia de masculino, como administração (53%) e serviços de automação (3,74%).

Já a pesquisa realizada por Piper e Collamer (2001), também nos Estados Unidos, demonstrou que, apesar de achar que o gênero não influencia no exercício da profissão e que não há expectativas das outras pessoas em relação a sua carreira, grande parte dos bibliotecários que atuam no setor público (76,5%) e no setor acadêmico (65,7%) reconhece que possui vantagens em termos de avanço na carreira e promoções em relação às mulheres. Tais dados evidenciam, de acordo com as percepções dos entrevistados, que ser homem bibliotecário pode trazer alguma vantagem no exercício da profissão.

Espírito Santo (2008) demonstrou, em estudo junto a bancos de dados internacionais que se encontram no portal CAPES, revistas de Qualis A e B e artigos publicados em ENANCIBs, que no período de 2000 a 2007, a produção de trabalhos que relacionam gênero e Ciência da Informação é pequena. Nas bases internacionais foram encontrados somente 18 trabalhos, seis artigos publicados em revistas de Qualis A e B e apenas quatro trabalhos foram apresentados nos ENANCIBs no período estudado pela autora.

Desses artigos apresentados nos ENANCIBs, nenhum trata de gênero na profissão de bibliotecário — três tratavam da participação da mulher na sociedade do conhecimento e um da busca da informação por mulheres em jornais impressos.

No mesmo direcionamento, Bufrém e Nascimento (2012) realizaram pesquisa a respeito da produção científica sobre gênero na Ciência da Informação durante 30 anos. Utilizando-se da base BRAPCI para recuperar trabalhos que versam sobre o tema na área, as autoras demonstraram que há grande feminização da produção acadêmica a respeito do gênero na Ciência da Informação (79,28% dos autores são mulheres), o que, para as autoras, evidencia que há maior preocupação das pesquisadoras quanto à influência das relações de gênero na Ciência da Informação.

Também quanto à produção científica de homens e mulheres na Ciência da Informação, Sousa e Perucchi (2013) analisam os trabalhos publicados no XIV Encontro Nacional de Pesquisa da ANCIB (ENANCIB) quanto ao gênero dos autores e suas temáticas, e demonstram que há a segregação horizontal e vertical. A primeira atua no sentido de ser uma área predominantemente feminina, o que reflete no *status* e na valorização da profissão. A segunda diz respeito à segregação existente na execução de tarefas dentro do ambiente profissional: as mulheres, na sua maioria, exercem e publicam trabalhos a respeito de funções ligadas à gestão da informação (processamento, organização, disseminação) burocráticas e atividades ligadas ao funcionamento interno da unidade de informação, enquanto os homens exercem atividades de aplicação e desenvolvimento de tecnologias, bem como cargos de liderança e chefia (SOUSA; PERUCCHI, 2013).

Em levantamento feito junto ao colegiado do Curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da UFMG, Reis; Xavier Junior; Pires (2011) mostraram que, em 60 anos do curso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), as mulheres representaram cerca de 87% do total de graduados em Biblioteconomia. Até meados dos anos 70, somente 16 homens haviam se graduado em Biblioteconomia na UFMG e a participação masculina só foi significativa após a década de 80. A tabela 1 e 2 apresentam os dados consolidados dos cursos diurno e noturno de Biblioteconomia da UFMG

**TABELA 1** - Distribuição dos alunos graduados em Biblioteconomia na Escola de Ciência da Informação/UFMG no período 1950-2011 - Turno diurno

<b>Década</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>Total de Formados</b>
1950	03	140	143
1960	01	153	154
1970	12	526	538
1980	20	447	467
1990	75	458	533
2000	149	524	673
2010-2011	29	62	91
<b>Total</b>	<b>284</b>	<b>2310</b>	<b>2599</b>

Fonte: REIS; XAVIER JUNIOR; PIRES, 2011

**TABELA 2** - Distribuição dos alunos graduados em Biblioteconomia na ECI/UFMG no período 2000<sup>12</sup> - 2011 - Turno noturno

(continua)

<b>Década</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>Total de Formados</b>
2000	114	146	260

12 O curso noturno de Biblioteconomia da UFMG iniciou suas atividades a partir de 2000.

<b>Década</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>Total de Formados</b>
2010-2011	42	40	82
<b>Total</b>	156	224	342

Fonte: REIS; XAVIER JUNIOR; PIRES, 2011

Pode-se observar, nas tabelas apresentadas, que o número de homens vem crescendo conforme o passar dos anos, o que coincide com o emergir da Sociedade da Informação. A década de 1990, que marca a aproximação mais incisiva da Ciência da Informação e da Biblioteconomia com outras áreas do conhecimento, apresenta um número maior de bibliotecários formados do que todas as décadas de curso até ali. Cabe ressaltar o aumento de graduados homens no curso na década de 2000, fato que coincide com o início do curso no período da noite, o que pode ter possibilitado que os homens que trabalhavam durante o dia pudessem estudar durante a noite.

Sousa (2014) demonstra que na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) o mesmo fenômeno pode ser observado. Assim como na UFMG, o curso da UFPB também passou, a partir da década de 1990, a funcionar no período noturno, o que coincide com o aumento de homens no referido curso. A tabela 3 apresenta os dados do número de formandos da UFPB.

**TABELA 3** - Distribuição dos alunos graduados em Biblioteconomia na Universidade Federal da Paraíba no período 1970-2011

(continua)

<b>Décadas</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>	<b>Porcentagem de homens (%)</b>
1970	122	07	6
1980	227	23	10



<b>Décadas</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>	<b>Porcentagem de homens (%)</b>
1990	142	24	17
2000	222	73	33
2010-2011	63	36	57

Fonte: SOUSA, 2014

Na Universidade do Maranhão o cenário também se repete, ainda que a presença masculina no curso de Biblioteconomia se dê principalmente após a década de 2000. Em levantamento, Ferreira (2010) mostra que, entre 2006 e 2010, 31 homens ingressaram no Curso de Biblioteconomia na referida universidade, número que é maior do que o total de homens que o cursaram nas décadas de oitenta e noventa.

As pesquisas supracitadas demonstram houve aumento expressivo de homens graduados em Biblioteconomia após os anos 80 e 90, em se observa maior aproximação da Biblioteconomia — após o surgimento da Ciência da Informação — com áreas afins, como a Administração e a Ciência da Computação, por exemplo.

O campo da administração sempre esteve ligado à ideia o masculino, em virtude de suas atividades racionais e objetivas. O próprio trabalho do administrador foi concebido conforme ideias masculinas de disciplina, desvinculado da reprodução, com controle das emoções e disponível para a produção. (ECCEL, ALCADIPANI, 2012). Por conta disso, a aproximação da Biblioteconomia com esse campo do conhecimento pode ter influenciado na maior entrada masculina nos cursos.

Vale considerar, no entanto, que os primeiros cursos formadores de bibliotecários no país que tinham viés técnico já possuíam disciplinas de administração de bibliotecas. O curso da UFMG, por exemplo, conforme demonstra Cesarino; Vianna (1960), já oferecia a disciplina Organização e Administração de bibliotecas I, II e III em seu currículo no final dos anos 50. Entretanto, as disciplinas ofertadas nesse sentido eram específicas da atuação em bibliotecas. No fim da década de 80 e principalmente durante a década de 90, observa-se que as disciplinas dos novos currículos desenvolvidos visavam dotar os bibliotecários, conforme Silveira (2007), de habilidades e competências necessárias para atuação no mercado informacional, notadamente influenciado pelas tecnologias de informação.

Além da aproximação do curso com outras áreas, a evolução e consolidação do mercado dos profissionais da informação nas décadas de 1980 e 1990 pode ser considerada como atrativo para um contingente masculino. Crivellari e Pena (2007) demonstram por meio de dados da RAIS obtidos entre 1985 e 2005 que, enquanto no Brasil há queda no nível do emprego nos anos 1990, o total de empregos para bibliotecários aumenta 190%. Quanto aos setores de atuação, observa-se queda no número de empregados na administração pública durante o período em que o Brasil se orientou por uma política neoliberal, e uma retomada após os anos 2000, com aumento do número de concursos públicos. Além disso, há aumento de cerca de 1000% no número de bibliotecários empregados no setor universitário, o que pode ser explicado pela expansão universitária que o país viveu, aliada à obrigatoriedade exigida pelo Ministério da Educação da contratação de bibliotecários para a abertura de universidades e faculdades.

Em outra pesquisa, Pena, Crivellari e Neves (2006) comparam os anos de 1994 e 2004 para o profissional da informação e ressaltam que, durante a década de 1990, de modo geral, há uma diminuição do emprego na agricultura, na indústria e leve retração no número de empregos na administração pública no Brasil, enquanto há crescimento dos setores terciário e de serviços.

Acompanhando a tendência no país, o mercado bibliotecário também vê aumento no número de postos de trabalho nos setores privado e terciário e leve retração no número de postos de trabalho na administração pública, ainda que esta tenha se mantido como a maior empregadora de bibliotecários (PENA; CRIVELLARI; NEVES, 2006). Entretanto, conforme mostrado anteriormente, apesar do cenário de crise do emprego em diversos setores, o mercado de trabalho do bibliotecário cresceu e se consolidou no período citado (CRIVELLARI; PENA, 2007)

Baptista e Mueller (2005), ao refletirem sobre os novos espaços de atuação do bibliotecário, destacam que as mudanças que as tecnologias trouxeram para a profissão fizeram com que houvesse oferta de informação sem a necessidade da participação direta da instituição biblioteca, “fortalecendo a entrada no mercado de profissionais da informação com diversas formações, e muitas vezes trabalhando como autônomos” (p.37).

Apesar da referida queda no número de postos de trabalho no setor público, Souza e Natri (1996) demonstram a importância desse no mercado de trabalho bibliotecário no Estado de São Paulo. Os bibliotecários que responderam ao questionário enviado pelas autoras, assinalaram que cerca de

32,43% estavam trabalhando em instituições do governo municipal; 29,73% se encontravam em instituições do governo estadual e 18,92% em empresas

privadas. Uma pequena porcentagem, 9,91 %, atuava em instituições do governo federal; 5,41 % em empresa pública ou de economia mista e 1,80% como autônomo (SOUZA; NASTRI, 1996, p.196)

Vale destacar que no período entre 1994 e 2004, o setor de ensino se destaca como grande empregador de bibliotecários no país, passando de 768 postos de trabalho, em 1994, para 3.642, em 2004. Além disso, há aumento do número de contratações em empresas de pequeno e médio portes<sup>13</sup>, que passaram a representar cerca de 10% do mercado para o profissional da informação. Quanto à remuneração média do profissional bibliotecário, cabe destacar que, em 2004, se apresentava como de 9,25 salários mínimos, o que coloca o bibliotecário como um profissional com renda média razoável, se comparado à outras profissões<sup>14</sup>. (PENA; CRIVELLARI; NEVES, 2006).

Januzzi (2003) mostra por meio de levantamentos feitos entre os anos de 1980 e 1996, que houve um crescimento de 82% do número de pessoal ocupado no contingente de profissionais da informação, de forma geral. Excluindo as outras profissões e observando somente as de bibliotecário, arquivista e museólogo, apesar do aumento de profissionais ter sido da ordem de apenas 2 mil postos de trabalho, tal número representou um crescimento de 19,8%.

Esse contexto de aproximação com outras áreas e inserção curricular de disciplinas de gestão da informação, gestão do conhecimento e ligadas às áreas de tecnologia, aliada à consolidação do mercado de trabalho do profissional, pode ter atraído mais os estudantes homens para os cursos de Biblioteconomia. Cabe ressaltar que as preocupações com as relações de gênero e a influência na Biblioteconomia e na Ciência da Informação (assim como em outras áreas) emergem sobretudo com os estudos de gênero da Sociologia e da Antropologia, que influenciaram de forma considerável o pensamento segundo as profissões e os papéis dos gêneros masculino e feminino na nossa sociedade são determinados pelo cultural e pelo social, e não pelo biológico.

---

13 Empresas de pequeno e médio porte são consideradas aqui, as com menos de 100 empregados. As empresas com 20 a 49 empregados se destacaram no período analisado pelos autores, contratando 81,53% a mais em 2004, passando de 677 contratações em 1994, para 1.229 em 2004.

14 Apesar de ter renda inferior a de sociólogos (9,57 salários mínimos) e estatísticos (11,46 salários mínimos), os bibliotecários possuem remuneração maior que assistentes sociais (6,93 salários mínimos) e jornalistas (7,83 salários mínimos), por exemplo. Se comparada a renda média do conjunto de ocupações no Brasil (3,90 salários mínimos em 2004), a renda do profissional da informação é superior (PENA; CRIVELLARI; NEVES, 2006)

## 5 METODOLOGIA

A pesquisa, segundo Minayo (2004) é “a atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade” (p. 23). As etapas que o pesquisador segue em seu processo visam responder a análise de um problema. Nesse sentido, a metodologia é parte fundamental do processo da atividade científica, já que norteia os procedimentos que serão realizados para responder a um questionamento inicial. Minayo (1994), define metodologia como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (p. 16) e Martins (2004), citando Demo (1989)<sup>15</sup>, chama de “o conhecimento crítico dos caminhos do processo científico, indagando e questionando acerca de seus limites e possibilidades” (p.291).

Para González de Gómez (2000), a metodologia designa de maneira ampla “o início e orientação de um movimento de pensamento, cujo esforço e intenção direciona-se à produção de um novo conhecimento, num horizonte de possibilidades sociais e historicamente definidas” (p. 1). Os métodos, para a autora, designam a direção e a modalidade das ações da pesquisa e estão ancorados em um domínio epistemológico e político, que dá legitimação às condições de produção do objeto da pesquisa. Dessa forma, “a metodologia da pesquisa pode ser uma das pontes para o traslado dos sonhos às realidades” (p. 10).

Tendo como objetivo identificar algumas das razões que levaram os homens a procurar, nas últimas décadas, com maior frequência, os cursos de Biblioteconomia, um espaço majoritariamente feminino, e identificar a percepção de gênero dos profissionais bibliotecários na área, a presente pesquisa se caracteriza como social quantitativa, de caráter histórico e exploratório, e se deu em duas etapas: a primeira consistiu em levantamento junto aos colegiados de graduação das cinco regiões do país, do número de bibliotecários, de ambos os sexos, formados desde a fundação dos cursos. Já a segunda etapa tratou-se da realização de *survey*, por meio do envio de um questionário a bibliotecários homens formados a partir de 1980, buscando identificar as razões que os levaram a adentrar em uma profissão majoritariamente feminina. Tal escolha se deu por esse ser o período que marca maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia

A pesquisa social, ainda para Minayo (2004), se caracteriza por ser sempre tateante, mas não pode ser definida de forma estanque, uma vez que, para a autora, ela só pode ser caracterizada historicamente, pois “reflete posições frente à realidade, momentos do desenvolvimento e da dinâmica social, preocupações e interesses de classes e grupos determinados” (p.23).

---

15 DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989

Gil (2008) define a pesquisa social como “o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (p.26), sendo a realidade social o campo que envolve todos os aspectos relativos ao ser humano e suas relações com outros seres humanos e com o ambiente em que ele está inserido. Tais definições vão ao encontro do propósito desta pesquisa, uma vez que se buscou identificar as perspectivas dos homens sobre a realidade das relações de gênero, bem como os motivos (e estes estão ligados a muitas questões sociais) que os trouxeram à Biblioteconomia.

Martins (2004) discute a relação sujeito/objeto nas Ciências Humanas e cita Da Matta<sup>16</sup> para ressaltar que o ser humano é um ser transparente e opaco e, por isso, deve ser interpretado e compreendido com suas complexidades e percepções tanto individuais, quanto coletivas. Essas complexidades e percepções, muitas das vezes, se chocam com as do pesquisador, e é no contato com o “outro”, no diálogo, que certos preconceitos são superados. (MARTINS, 2004)

Em razão da pouca produção de literatura a respeito das relações de gênero dentro da profissão bibliotecária, a presente pesquisa pode ser caracterizada como exploratória. Nesse sentido, a caracterização dada por Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013) para os estudos exploratórios vem ao encontro dos objetivos da pesquisa. Segundo os autores, os estudos exploratórios se evidenciam quando o objetivo do pesquisador é examinar um tema ou problema pouco estudado e quando a revisão de literatura revela que existem orientações pouco estudadas a respeito do tema de pesquisa.

A pesquisa quantitativa se caracteriza por, a partir de dados numéricos e quantificáveis, explicar determinado aspecto e questão da pesquisa. Segundo Minayo (2004), é buscado, após a definição de uma amostragem de pesquisa, um critério de representatividade numérica que possibilite a generalização dos conceitos teóricos que se pretende testar. Godoy (1995) afirma que um estudo quantitativo busca, por meio de variáveis operacionalmente definidas, a precisão na análise e interpretação dos dados, o que garante uma margem de segurança acerca das inferências realizadas.

A primeira etapa da presente pesquisa consistiu em um levantamento junto às universidades das cinco regiões do país do número de graduados em Biblioteconomia, desde a fundação desses. Tal processo teve como objetivo identificar em que período a presença masculina aumentou nos cursos, bem como identificar se há diferenças nessa presença de acordo com as regiões do país.

---

16 DA MATTA, R. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

A segunda etapa da pesquisa consistiu em um levantamento (*survey*) com envio de questionário elaborado na ferramenta Google Docs para os Conselhos Regionais de Biblioteconomia das cinco regiões do país, que os repassaram para seus bibliotecários registrados após 1980, conforme os dados das pesquisas Reis; Xavier Junior; Pires (2011) e Sousa (2014), por exemplo. Freitas *et al.* (2000) caracteriza o método *survey* como

a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário (p. 105)

Para os autores, as principais características do *survey* são o interesse em produzir descrições quantitativas de uma população em que se faz uso de um instrumento de coleta pré-definido (FREITAS *et al.*, 2000). Para Gil (2008), o *survey* consiste basicamente em solicitar informações de um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, mediante emprego de análise quantitativa, obter as respostas do conteúdo pesquisado. O autor ainda destaca que os levantamentos sociais possibilitam:

- a) o conhecimento direto da realidade: os próprios entrevistados informam sobre seus comportamentos, crenças e opiniões;
- b) economia e rapidez: o método possibilita ao pesquisador obter grande quantidade de dados em pouco tempo e, quando realizados por meio de questionários, os custos tornam-se baixos;
- c) quantificação: os dados podem ser agrupados em tabelas, o que possibilita análises estatísticas (GIL, 2008).

Cendón *et al.* (2010) citando Babbie (2005)<sup>17</sup> ressaltam que os *surveys* permitem que o pesquisador colha dados de uma amostra representativa de uma população específica, em os resultados são descritos e analisados de forma analítica. Desta forma, os resultados podem ser generalizáveis ao universo da população pesquisada, não sendo necessária a realização de um censo para ouvir toda a população.

Para realização do *survey* desta pesquisa, o questionário foi o meio pré-definido para a coleta de dados. Gil (2008) define o questionário como uma técnica de investigação composta por um determinado conjunto de questões a fim de apreender as crenças, opiniões, valores, interesses, etc. dos entrevistados. Por se tratar de um meio rápido, com baixos custos, e tendo em vista o tamanho amostral da presente pesquisa o tempo escasso, optou-se por utilizar o questionário como técnica para coleta de dados.

---

17 BABBIE, Earl. Métodos de pesquisa de survey. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Diante do tamanho da amostra desta pesquisa e da possibilidade de maior alcance e retorno de respostas, optou-se pela confecção de um questionário semi-fechado, com questões fechadas e de múltipla escolha. As questões fechadas, segundo Gil (2008), são mais comumente utilizadas e possuem as vantagens de conferirem maior uniformidade às respostas e serem facilmente processadas. Já as questões de múltipla escolha, segundo Rampazzo (2013), por apresentarem uma série de possíveis respostas, abrangem várias facetas do mesmo assunto, além de proporcionarem exploração em profundidade quase tão eficiente quanto à das perguntas abertas.

Em linhas gerais, a amostra da pesquisa se caracterizou como uma amostra não-probabilística intencional ou por tipicidade, uma vez que, dado o tamanho da amostra populacional do número de formandos das universidades pesquisadas e número de bibliotecários filiados ao CRB, não era possível determinar precisamente quantos destes formados iriam responder ao questionário enviado.

Cabe ressaltar que diante da baixa produção acadêmica a respeito do gênero na Biblioteconomia, aliada ao ineditismo da pesquisa de um levantamento quantitativo e *survey* cobrindo todo o território nacional, os dados numéricos das respostas *survey* possibilitam análise aprofundada das respostas recebidas. Com base em perguntas como as que buscavam levantar quais fatores levaram os bibliotecários a escolha pelo curso de Biblioteconomia e quais áreas mais os atraíam durante a graduação, pôde-se compreender de quais formas as relações de gênero atuam na escolha profissional dos homens bibliotecários, refutar hipóteses iniciais e compreender perfis e comportamentos do homem bibliotecário.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2011), são ministrados 43 cursos de Biblioteconomia espalhados pelo Brasil. Desses, 32 localizam-se em universidades estaduais e federais e 11 em universidades particulares. A tabela 4 apresenta a distribuição desses cursos por regiões do país.

**TABELA 4** - Distribuição dos cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil divididos por regiões geográficas – 2011

<b>Regiões</b>	<b>Número de cursos em universidades Federais / Estaduais</b>	<b>Número de cursos em universidades particulares</b>	<b>Total</b>
Norte	3	0	3
Nordeste	10	0	10
Centro-Oeste	3	1	4
Sudeste	10	9	19
Sul	6	1	7
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>11</b>	<b>43</b>

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2011

Por meio das informações coletadas, buscou-se apreender quais fatores levaram os bibliotecários a optarem por um curso majoritariamente feminino, bem como se a questão de estarem em uma profissão feminina foi, durante algum momento da graduação ou da vida profissional problematizada. Além disso, buscou-se perceber se os bibliotecários possuem uma percepção acerca das questões de gênero presentes na sociedade e na profissão bibliotecária.

### **5.1 O pré-teste da pesquisa**

Logo após a confecção do questionário, foi realizado um pré-teste. Queiroz (2014) destaca que o pré-teste evita que algum imprevisto prejudique a pesquisa. Gil (2008, p. 134) afirma que a finalidade do pré-teste é evidenciar possíveis falhas na redação do questionário, tais como a complexidade, imprecisão ou não necessidade das questões, exaustão, entre outros. Segundo o autor, o pré-teste



deve assegurar que o questionário esteja bem elaborado, sobretudo no referente a:

- a) clareza e precisão dos termos;
- b) forma de questões;
- c) desmembramento das questões;
- d) ordem das questões;
- e) introdução do questionário.

O pré-teste desta pesquisa buscou identificar se o questionário não era exaustivo, evitando assim a desistência dos respondentes; se havia clareza e bom ordenamento das perguntas; se por meio do questionário os objetivos da pesquisa poderiam ser atingidos; dentre outros. Para isso, foi realizado com 10 bibliotecários, escolhidos via redes sociais do autor. O retorno dado por esses bibliotecários via e-mail e mensagens foi positivo devido à rapidez e à clareza com que as perguntas foram elaboradas, sendo necessários apenas pequenos ajustes no tocante ao ordenamento de questões e na introdução do questionário, para melhor compreensão. O tempo médio de respostas foi de um dia.

## 5.2 Universo e amostra da pesquisa

A presente pesquisa, conforme citado anteriormente, se deu em duas etapas: a primeira foi caracterizada pelo levantamento junto aos colegiados do número de graduados dos sexos masculino e feminino. Já a segunda se tratou de um questionário *survey* que buscou identificar as percepções e razões que trouxeram os profissionais homens para um curso majoritariamente feminino.

A escolha de universidades públicas na primeira etapa da pesquisa se deu pelo motivo de essas se apresentarem como importantes formadoras de bibliotecários, além de possuírem tradição nessa tarefa. Tais universidades possuem corpo docente capacitado, projetos de pesquisa e extensão, laboratórios específicos para prática da profissão, dentre outros. Além disso, dada a constituição dos cursos de Biblioteconomia no país, as universidades públicas abrigam os cursos mais antigos e, para realização da pesquisa, eram necessários dados de um período significativo de tempo, para análise da entrada masculina e feminina nos cursos e das mudanças e motivos que justificariam a maior entrada de homens na profissão.

Das 32 universidades federais e estaduais, foram solicitados os dados de 22 — via e-mail e via Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC)<sup>18</sup> —,

---

18 Portal do Governo Federal que permite a qualquer cidadão encaminhar pedidos de acesso à informação para órgãos e entidades do Executivo Federal, acompanhar prazos das solicitações

escolhidas sobretudo pelo critério do ano de fundação dos cursos e pela tradição em formar bibliotecários. Obteve-se resposta de 12 universidades (54,54%). Para a segunda etapa da pesquisa, foi enviado questionário através dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (APÊNDICE 1) para bibliotecários do gênero masculino. O questionário era composto por 24 perguntas fechadas e de múltipla escolha, por meio das quais se pôde verificar algumas das razões para o ingresso de bibliotecários do gênero masculino nos cursos de Biblioteconomia.

A tabela 5 apresenta o número total de graduados de ambos os sexos, de acordo com os dados obtidos junto aos colegiados das universidades divididas por região do país, bem como mostra os anos de fundação dos respectivos cursos.

**TABELA 5** - Graduados nos cursos de Biblioteconomia das cinco regiões do território brasileiro, por sexo

(continua)

Região do país	Universidade	Ano de fundação	Número de graduados por sexo		
			Mulheres	Homens	Não identificados <sup>19</sup>
	Fundação Universidade do Rio Grande	1974	589	68	-
Região Sul	Universidade Federal do Rio Grande do Sul <sup>20</sup>	1950	1222	169	-
	Universidade Federal de Santa Catarina	1976	948	196	8

e receber as respostas da informação desejada. Disponível em: <<http://www.acessoainformacao.gov.br/>>

19 A categoria “não identificados” refere-se aos graduados cujo sexo não pôde ser identificado, uma vez que os colegiados enviaram a listagem com os nomes dos graduados, sem identificação do sexo.

20 A universidade só possui dados relativos ao número de formandos por sexo a partir de 1973.

Região do país	Universidade	Ano de fundação	Número de graduados por sexo		
			Mulheres	Homens	Não identificados <sup>19</sup>
Região Nordeste	Universidade Federal de Alagoas	1995	171	44	-
	Universidade Federal do Maranhão <sup>21</sup>	1969	699	121	-
	Universidade Federal de Pernambuco	1950	1356	165	-
Região Norte	Universidade Federal do Amazonas	1966	810	143	-
	Universidade Federal de Rondônia	2009	13	1	-
Região Sudeste	Universidade Federal de Minas Gerais <sup>22</sup>	1950	2681	525	-
	Universidade de São Paulo	1967	545	173	7
Região Centro-Oeste	Universidade Federal de Goiás	1980	460	54	-
	Universidade de Brasília	1963	1427	355	-
TOTAL			10921	2014	15

Fonte: Elaborada pelo autor

<sup>21</sup> A universidade só possui dados relativos ao número de formados por sexo a partir de 1983.

<sup>22</sup> Refere-se à soma do número de formados nos cursos diurno e noturno da UFMG.

Cabe ressaltar que para a realização do *survey*, solicitou-se aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia que enviassem o questionário aos filiados que tivessem se graduado após a década de 1980. A solicitação aos Conselhos se deu por conta desses possuírem endereço de e-mail e outros dados atualizados dos bibliotecários, uma vez que para exercício da profissão, é necessário o registro.

A escolha do envio para bibliotecários a partir de 1980 se deu por esta ser a década que coincide com as mudanças sofridas pela Biblioteconomia quanto à aproximação com outras áreas e ao uso de tecnologias, fator este demonstrado em trabalhos existentes sobre o assunto, que podem ter influenciado na escolha dos homens pelo curso. Desta forma, a tabela 6 apresenta o número de graduados em Biblioteconomia a partir dos anos 1980, por sexo, nas universidades pesquisadas.

**TABELA 6** - Graduados, a partir de 1980, nos cursos de Biblioteconomia das cinco regiões do território brasileiro, por sexo

(continua)

Região do país	Universidade	Ano de fundação	Número de graduados por sexo		
			Mulheres	Homens	Não identificados <sup>23</sup>
	Fundação Universidade do Rio Grande	1974	558	66	-
Região Sul	Universidade Federal do Rio Grande do Sul <sup>24</sup>	1950	1029	163	-
	Universidade Federal de Santa Catarina	1976	946	196	8

23 A categoria “não identificados” refere-se aos graduados cujo sexo não pôde ser identificado, uma vez que os colegiados enviaram a listagem com os nomes dos graduados, sem identificação do sexo.

24 A universidade só possui dados relativos ao número de formandos por sexo a partir de 1973.

Região do país	Universidade	Ano de fundação	Número de graduados por sexo		
			Mulheres	Homens	Não identificados <sup>23</sup>
	Universidade Federal de Alagoas	1995	171	44	-
Região Nordeste	Universidade Federal do Maranhão <sup>25</sup>	1969	699	121	-
	Universidade Federal de Pernambuco	1950	714	140	-
	Universidade Federal do Amazonas	1966	708	134	-
Região Norte	Universidade Federal de Rondônia	2009	13	1	-
	Universidade Federal de Minas Gerais <sup>26</sup>	1950	1861	509	-
Região Sudeste	Universidade de São Paulo	1967	439	152	7

25 A universidade só possui dados relativos ao número de formados por sexo a partir de 1983.

26 Refere-se à soma do número de formados nos cursos diurno e noturno da UFMG.

Região do país	Universidade	Ano de fundação	Número de graduados por sexo		
			Mulheres	Homens	Não identificados <sup>23</sup>
Região Centro-Oeste	Universidade Federal de Goiás <sup>27</sup>	1980	460	54	-
	Universidade de Brasília	1963	1037	309	-
TOTAL			8635	1889	15

Fonte: Elaborada pelo autor

A partir dos dados obtidos junto aos colegiados para realização do questionário *survey*, e dado o número de graduados homens em Biblioteconomia a partir dos anos 1980 (conforme tabela 6), a amostra da pesquisa se caracteriza como uma amostra não probabilística intencional ou por tipicidade. Marconi; Lakatos (2010) destacam que a principal característica da amostragem não probabilística é que, dada o não uso de formas aleatórias de seleção, “torna-se impossível a aplicação de fórmulas estatísticas para cálculo, por exemplo, entre outros, de erros de amostra. Dito de outro modo, não podem ser objetos de certos tipos de tratamento estatístico” (p. 54).

Queiroz (2014) demonstra que em determinados casos o universo da pesquisa se torna demasiadamente extenso, como no caso desta pesquisa, a amostra não probabilística se apresenta como importante ferramenta, uma vez que remedia condições como dificuldade em se obter as respostas, a demora e o elevado custo.

Como se conhecia a população pesquisada (1889 homens graduados a partir de 1980), a escolha da amostra não probabilística pode ser caracterizada como intencional ou por tipicidade. Gil (2008) afirma que a amostra não probabilística intencional ou por tipicidade consiste em selecionar um subgrupo dentro da população que, baseado nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo para toda a população. Nesse sentido, Marconi; Lakatos (1999) destacam que, na amostra não probabilística intencional “o pesquisador está interessado na opinião (ação, intervenção, etc) de determinados elementos da população” (p.54).

<sup>27</sup> O curso teve a sua primeira turma formada no ano de 1983.

Dados os motivos acima explicitados — sobretudo pela extensão da população da pesquisa — e as características do *survey* que buscava apreender as razões que levam os homens a escolher o curso de Biblioteconomia no Brasil, o número de respostas obtidas (231) se mostrou satisfatório para responder à questão da pesquisa. A tabela 7 apresenta o número de respostas por região do país, o número de graduados de acordo com as universidades levantadas e o número de universidades aos quais os dados foram solicitados e de quantas se obteve resposta.

**TABELA 7** - Graduados em Biblioteconomia por região do Brasil, a partir dos anos 1980 e número de respostas recebidas dos *survey*

<b>Região</b>	<b>Número de respostas recebidas do <i>survey</i></b>	<b>Graduados em Biblioteconomia a partir dos anos 1980</b>	<b>Universidades para as quais os dados foram solicitados</b>	<b>Universidades respondentes</b>
Região Norte	8	135	3	2
Região Centro-Oeste	26	363	2	2
Região Nordeste	19	305	6	3
Região Sul	29	425	4	3
Região Sudeste	149	661	7	2
<b>TOTAL</b>	<b>231</b>	<b>1889</b>	<b>22</b>	<b>12</b>

Fonte: Elaborada pelo autor

A taxa de retorno das universidades as quais se solicitou os dados referentes aos graduados foi de 54,54%, número considerado satisfatório para a realização da pesquisa e que possibilitou traçar um panorama nacional da presença masculina e feminina nos cursos de Biblioteconomia. Solicitou-se, então, aos Conselhos Regionais das cinco regiões do país que enviassem o questionário para os bibliotecários filiados. Alguns Conselhos os fizeram via e-mail, enquanto outros divulgaram o link do questionário em seus portais e redes sociais.

Os CRBs foram escolhidos de acordo com o estado das universidades que forneceram o quantitativo de graduados, uma vez que, para exercer a profissão, é esperado que os bibliotecários se filiem aos Conselhos de sua região. Além disso, o questionário também foi enviado pelos próprios pesquisadores a bibliotecários aos quais os CRBs passaram os contatos. A tabela 8 apresenta o número de homens filiados de cada CRB a que foi solicitado o envio do questionário:

**TABELA 8** - Número de filiados homens de cada CRB ao qual foi solicitado envio do questionário *survey*

<b>CRB</b>	<b>Estado (s)</b>	<b>Número de filiados homens</b>
CRB-1	Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul	281
CRB-4	Pernambuco e Alagoas	132
CRB-6	Minas Gerais e Espírito Santo	346
CRB-8	São Paulo	633
CRB-10	Rio Grande do Sul	140
CRB-11	Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima	291
CRB-13	Maranhão	48
CRB-14	Santa Catarina	135
<b>TOTAL</b>		<b>2006</b>

Fonte: Elaborada pelo autor conforme dados recebidos dos CRBs.

O questionário foi respondido por 231 bibliotecários, o que representa cerca de 12% do total de formados a partir de 1980 nas universidades pesquisadas. Caso fosse limitada



a amostra probabilística aleatória simples, com os valores de coeficiente de confiança em 95% e a margem de erro em 5% para uma população finita, seriam necessárias 322 respostas, segundo cálculos pela EstatMG, empresa de consultoria júnior em Estatística da Universidade Federal de Minas Gerais. Levando-se em conta as características da pesquisa, sobretudo pelo tempo escasso, pelo ineditismo da pesquisa, pela extensão desta e dado o tamanho da população, o número de respostas obtidas (231) foi considerado satisfatório para os objetivos desta pesquisa e para a caracterização da amostra como não-probabilística intencional ou por tipicidade.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

De posse dos dados, passa-se para a análise do número de graduados em Biblioteconomia junto às universidades e dos respondentes do *survey* da pesquisa.

### 6.1 Análise dos dados quantitativos: os números de graduados

O número de graduados em Biblioteconomia nas 12 universidades pesquisadas confirma a tendência observada no cotidiano e nas pesquisas (SOARES, XAVIER JUNIOR, PIRES, 2010; FERREIRA, 2009; SOUSA, 2014) de aumento da procura e da presença masculina ao longo do tempo. Entretanto, em números percentuais, observa-se que ainda se constata alta feminilização dos cursos de Biblioteconomia no país. Mesmo nos cursos criados a partir dos anos 90 — sob influência das intensas mudanças sofridas pela Biblioteconomia ao se aproximar de outras áreas — o percentual de mulheres graduadas é maior que o de homens, o que pode ser entendido como um dos reflexos da pouca valorização profissional que ainda persiste na profissão bibliotecária. Optou-se aqui, para efeitos de entendimento, de analisar os dados de acordo com as regiões do país, a saber: região Norte, região Centro-Oeste, região Nordeste, região Sul e região Sudeste.

#### 6.1.1 A região Norte

A região norte do Brasil possui 3 cursos de Biblioteconomia em universidades federais. Desses 3 cursos, os cursos da Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal do Amazonas iniciaram-se na mesma década, com apenas três anos de diferença, e possuíam objetivos similares: a resolução de problemas específicos referentes às bibliotecas daquelas universidades.

O curso criado em Belém do Pará iniciou suas atividades em 1963 e nasceu com o propósito de formar profissionais para atuar dentro da própria universidade. Já o da Universidade Federal do Amazonas foi criado em 1966 e tinha por objetivo funcionar somente por cinco anos e formar três turmas para a resolução de problemas pontuais da criação de bibliotecas na Universidade. Por esse motivo, o curso sediado em Manaus, segundo Lima (1998)<sup>28</sup> citado por Souza (2002), teve um aspecto altamente técnico em sua criação. Aliada à falta de consonância entre a realidade sociocultural do estado do Amazonas e do curso de

---

28 LIMA, R. M. de. **A construção social da biblioteconomia brasileira: a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário**. Manaus: Ed. Universidade do Amazonas, 1999.

Biblioteconomia, essa característica gerou distorções na formação dos alunos e insatisfação dos egressos.

O terceiro curso da região norte é o curso da Universidade Federal de Rondônia. Criado em 2008, o curso iniciou suas atividades como bacharelado em Ciência da Informação mas, em razão do não reconhecimento por parte dos conselhos profissionais e da impossibilidade dos graduados de se registrarem profissionalmente nos Conselhos de Biblioteconomia, teve seu nome alterado para Bacharelado em Biblioteconomia.

Quanto à presença masculina e feminina nos cursos da Região norte, obteve-se junto aos colegiados o número de graduados dos cursos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), não havendo resposta da Universidade Federal do Pará (UFPA). A tabela 9 apresenta o número total de graduados, por sexo, nas duas universidades levantadas.

**TABELA 9** - Graduados<sup>29</sup> em Biblioteconomia nos cursos da Região Norte

Universidade	Total de Graduados	
	Mulheres	Homens
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	810	143
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	13	1

Fonte: Elaborada pelo autor conforme dados obtidos junto aos colegiados

Os dados da tabela acima mostram o predomínio feminino na profissão nos cursos da região. O curso de Rondônia, apesar de ser um curso novo, criado a partir dos anos 2000, seguiu a tendência dos cursos de Biblioteconomia de serem mais atrativos para as mulheres em seu início.

Na Universidade Federal do Amazonas, observa-se a tendência de crescimento no número de graduados do gênero masculino principalmente a partir dos anos 80, conforme tabela 10:

<sup>29</sup> Os dados compreendem os graduados em Biblioteconomia até o segundo semestre de 2013.

**TABELA 10** - Graduados em Biblioteconomia, por sexo, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

<b>Década</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
1970 <sup>30</sup>	102	9
1980	139	33
1990	154	23
2000	302	56
2010 <sup>31</sup>	113	22
TOTAL	810	143

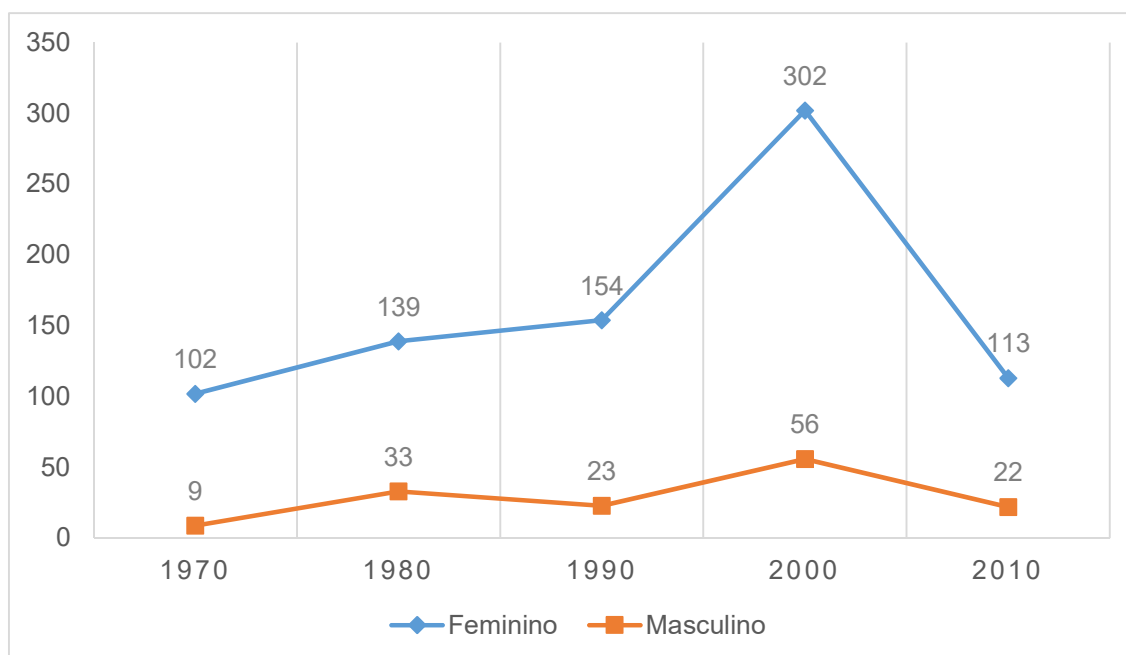
Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado dos cursos.

O gráfico 1 demonstra o crescimento do número de graduados dos sexos masculino e feminino, ao longo das décadas.

<sup>30</sup> O curso teve sua primeira turma formada em 1973.

<sup>31</sup> Os dados compreendem os graduados em Biblioteconomia até o segundo semestre de 2013.

**Gráfico 1** - Evolução do número de graduados, por sexo, ao longo das décadas na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Conforme se pode observar no gráfico e na tabela, na UFAM o número de graduados em Biblioteconomia apresentou crescimento de ambos os sexos. Com relação ao número de graduados do sexo masculino, há um aumento número de bibliotecários em números absolutos, ainda que com leve decréscimo entre as décadas 1980 e 1990. O número de graduados do sexo masculino nos anos 2000 é igual ao número de formados nas décadas de 1980 e 1990 juntas.

Apesar do crescimento em números absolutos, há decréscimo na representatividade percentual dos graduados homens. Enquanto na década de 1980 eles representavam 23,74% dos graduados em Biblioteconomia na UFAM, na década de 2000 eles passam a representar 18,54% dos bibliotecários formados.

Tal fato pode ser explicado pelo aumento expressivo de mulheres que se graduaram em Biblioteconomia nas respectivas décadas: enquanto há aumento de 69% no número de bibliotecários graduados pela UFAM entre as décadas de 1980 e 2000 (o número salta de 33 para 56), o número de bibliotecárias aumenta 117% (de 139 graduadas para 302).

Os números de graduados em Biblioteconomia da Região Norte – em especial os da UFAM – demonstram que há maior procura de homens pelo curso ao longo do tempo. Ainda assim, tal fato não pode ser considerado como absoluto ou como uma tendência definitiva na região, uma vez que o curso da UNIR, criado após os anos 2000 e com denominação diferente

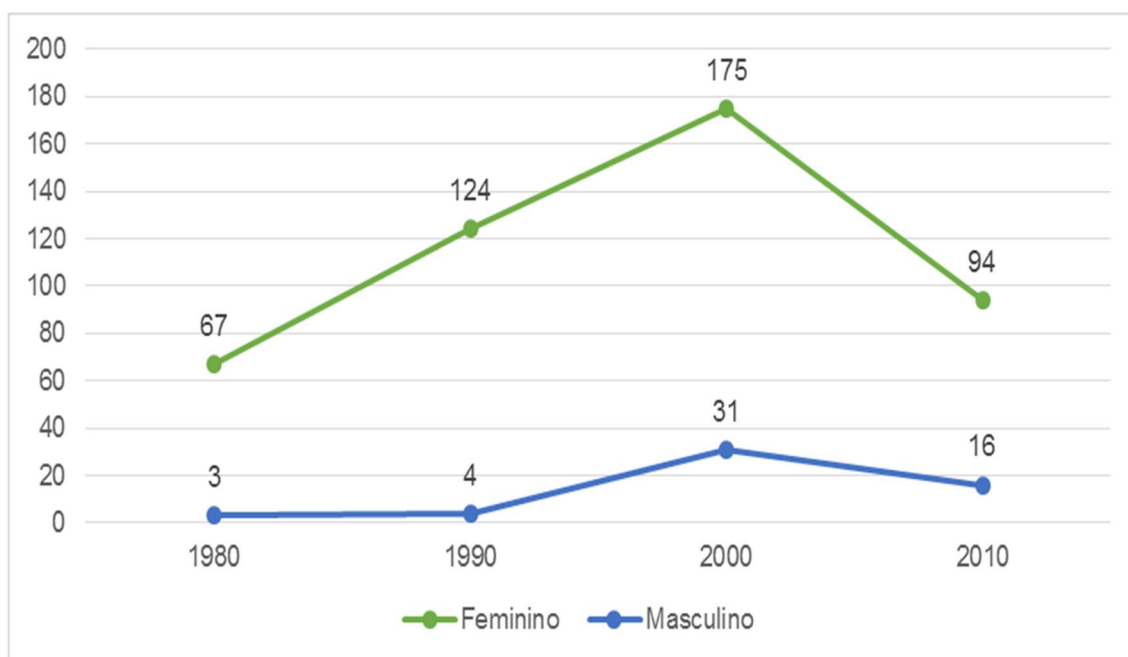
da de Biblioteconomia (o que poderia representar certo atrativo), apresentou número baixo de homens formados. Ainda que o número de bibliotecários homens tenha crescido na Região Norte, o número de bibliotecárias formadas ainda é superior, o que mostra que a área ainda é feminilizada na região.

### 6.2.2 A região Centro-Oeste

Nos estados que compreendem a região Centro-Oeste brasileira, há 4 cursos formadores de bibliotecários, sendo 3 em universidades públicas e um em universidade privada. Os cursos em universidades públicas estão situados em Universidades Federais de três estados da região: Goiás, Brasília e Mato Grosso. Na presente pesquisa, obteve-se dados dos cursos da Universidade Federal de Goiás e Universidade Nacional de Brasília.

O curso da Universidade Federal de Goiás foi criado em 1980 e teve sua primeira turma formada em 1983. Nasce, portanto, no contexto das primeiras mudanças que a Biblioteconomia sofre com a Ciência da Informação e a aproximação com outras áreas. Entretanto, tal fato não fez com que a composição do curso se desse de forma mais igualitária entre os sexos. Assim como nos cursos da Região Norte apresentados, o curso da Universidade Federal de Goiás nasce como um curso majoritariamente feminino e passa a atrair mais homens a partir dos anos 2000, conforme se pode observar no gráfico 2.

**Gráfico 2** – Evolução do número de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas na Universidade Federal de Goiás (UFG)



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Pode-se observar o crescimento tímido do número de bibliotecários formados nas duas primeiras décadas de funcionamento do curso, enquanto o número de bibliotecárias dobra. Entretanto, há crescimento expressivo do número de graduados homens entre os anos 1990 e 2000; crescimento esse maior que o de mulheres. Enquanto o aumento no número de graduadas foi de 41%, o número de graduados teve aumento de 675%, passando de 4 novos bibliotecários formados nos anos 1990 para 31 nos anos 2000. Tal tendência parece que se manterá na década de 2010, haja vista que mesmo se referindo somente até o segundo semestre de 2013, o número de graduados homens já representa cerca de 50% do número da década anterior.

O gráfico 3 apresenta os números em termos percentuais e pode se observar com maior clareza que, apesar de ainda ser um curso altamente feminizado, o percentual de bibliotecários homens tem um crescimento importante entre as décadas de 1990 e 2000, passando de pouco mais de 3% na primeira década para mais de 15% na segunda.

**Gráfico 3** - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Goiás (UFG)



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

O curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB) foi criado no começo da década de 1960. Iniciou suas atividades como um curso de pós-graduação *lato sensu* e após, um ano de funcionamento, tornou-se um curso de graduação, tendo em seu corpo docente nomes como os de Edson Nery da Fonseca<sup>32</sup> e Etelvina Lima<sup>33</sup>. Ao longo dos anos veio se mostrando como um dos mais tradicionais e importantes cursos formadores de bibliotecários do país, tendo formado quase 1800 bibliotecários ao longo de mais de 50 anos de exercício.

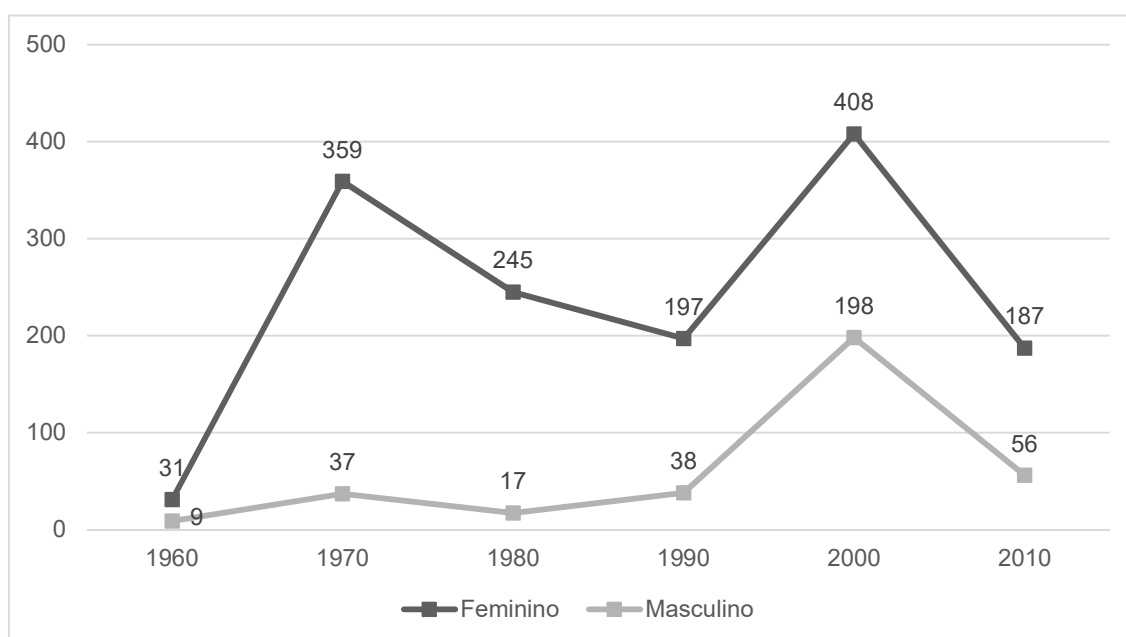
32 Bibliotecário graduado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1945) foi fundador do primeiro curso de Biblioteconomia de Recife. Acadêmico e professor, ficou conhecido pela contribuição na área, sobretudo pela visão crítica do modo de fazer bibliotecário e da Biblioteconomia brasileira. Fonte: SILVA, Nathalia Caliman Ferreira da. Um bibliotecário e sua paixão: leituras da Biblioteconomia brasileira a partir da vida e obra de Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. (Trabalho de Conclusão de curso).

33 Bibliotecária e professora de Biblioteconomia, foi um dos grandes nomes da área no Brasil. Teve grande importância no desenvolvimento da Biblioteconomia brasileira, sobretudo na parte social e na implantação de Bibliotecas públicas. Trabalhou em locais como Instituto Nacional do Livro (INL) – que originou o Curso de Biblioteconomia da UFMG – , Serviço Social da Indústria (SESI), Universidade Nacional de Brasília, no Queens College da City University of New York, dentre outros. Fonte: Fiuza, Marysia Malheiros. Percorrendo o currículo de Etelvina Lima. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 39 - 44, jan./jun.2000



Em seus primeiros anos de funcionamento, o curso de Biblioteconomia da UnB atraiu um número considerável de bibliotecários homens. Em quatro anos com turmas formadas (a primeira turma se graduou no ano de 1966), a UnB formou 9 bibliotecários. Ainda que o número de bibliotecárias tenha sido maior (31), o fato de bibliotecários do sexo masculino representarem cerca de 23% do total de graduados chama a atenção, tendo em vista o período em que o curso surge e por ser, até então, novo na universidade.

**Gráfico 5** – Evolução do número de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade de Brasília (UnB)



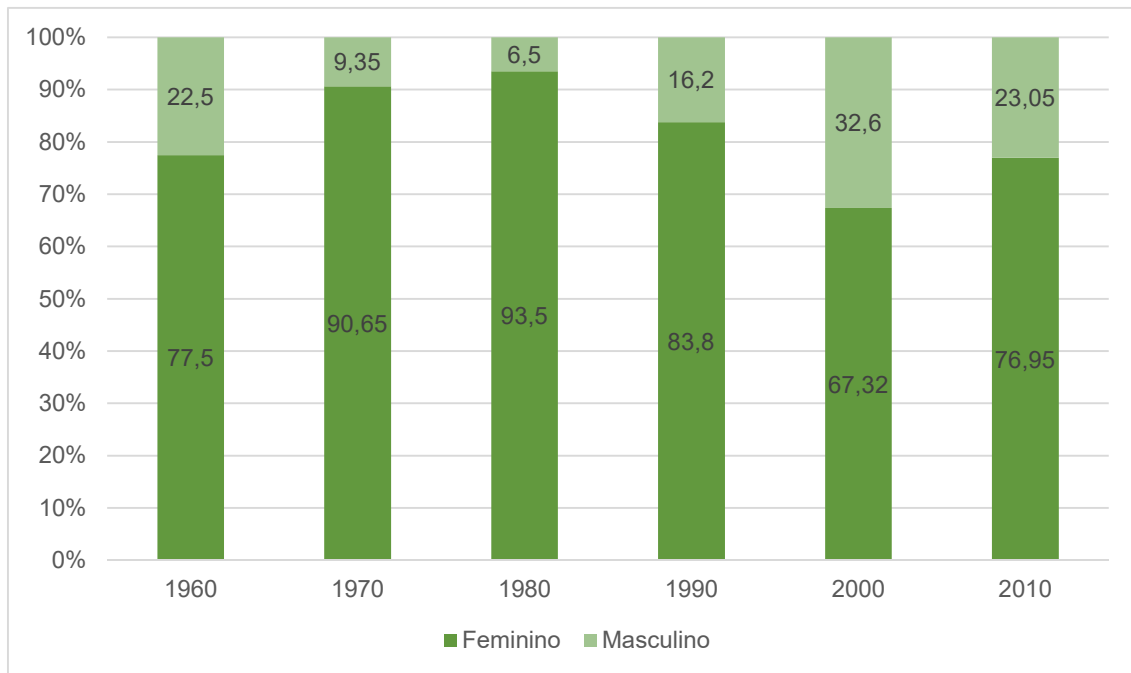
Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Conforme apresentado no Gráfico 4, pode-se observar que, durante a sua história, há alta feminização no Curso de Biblioteconomia da UnB, e que essa teve início principalmente na década de 70. O número de bibliotecários do sexo masculino cresce pouco mais de 4 vezes entre as décadas de 60 e 70, enquanto o número de mulheres aumenta mais de 1000%.

Nas décadas seguintes, o número de bibliotecárias formadas na UnB cai e só volta a subir entre as décadas de 1990 e 2000, ainda que tenha se mantido alto e bem superior ao número de bibliotecários homens. O número de bibliotecários, após um decréscimo nos anos 1980, cresce exponencialmente, alcançando o número de 198 graduados nos anos 2000. Tal aumento pode ser justificado pela aproximação maior da Biblioteconomia da UNB com a

Ciência da Informação, fato que culminou com a criação, em 2003, do Departamento de Ciência da Informação e, mais tardiamente, em 2010, na Faculdade de Ciência da Informação.

**Gráfico 5** – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Nacional de Brasília.



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

O gráfico 5 apresenta a representação de graduados de ambos os sexos em termos percentuais. Pode-se observar com maior clareza o aumento exponencial do número de mulheres graduadas em Biblioteconomia na UnB entre as décadas de 1970 e 1990, quando elas chegaram a representar mais de 90% dos profissionais formados na universidade. O percentual de bibliotecários do sexo masculino cresce somente após a década de 2000, quando eles passam a representar quase 33% do número de graduados no curso.

Os dados da região Centro-Oeste demonstram, dessa forma, que a área da Biblioteconomia é uma área que já nasceu feminilizada, em ambos os cursos analisados, o que indica que a profissão de bibliotecário ainda é considerada como “uma profissão de mulher”. Mesmo no curso de Goiás, por exemplo, que já nasceu sob a égide da aproximação da Biblioteconomia com a Ciência da Informação e com outras áreas, o número de mulheres sempre foi maior. Além disso, pode-se perceber que há aumento no número de homens em ambos os cursos ao longo do tempo, mas que tal fato não significou, em termos percentuais, na diminuição da feminilização do curso.

### 6.2.3 A região Nordeste

A região Nordeste do Brasil conta com 10 cursos de Biblioteconomia, todos localizados em universidades federais dos 9 estados que compõem a região, sendo que algumas universidades federais, como a do estado do Ceará (UFC), possuem dois cursos em dois *campus* diferentes. A presente pesquisa obteve o retorno de 3 universidades federais da região: a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

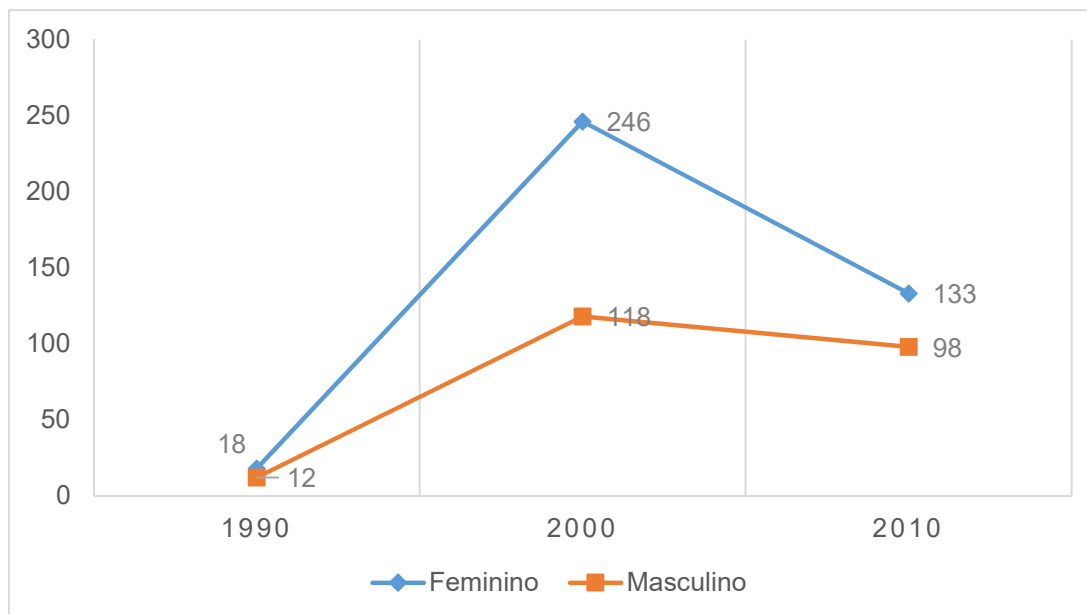
O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) nasceu dos esforços conjuntos de bibliotecárias da Universidade, da Associação de Bibliotecários de Alagoas e dos participantes do Curso de Especialização em Administração e Gerência de Serviços de Informação, ministrado na universidade desde 1997 (ICHCA, 2015). Criado em 1998, o curso nasceu, portanto, já influenciado pelas mudanças que a Biblioteconomia sofreu pela aproximação com outras áreas, oferecendo disciplinas ligadas à Administração e à Ciência da Computação, por exemplo, ao mesmo tempo em que buscou incorporar também disciplinas de orientação humanística.

O colegiado do curso da UFAL forneceu, além dos dados de graduados em Biblioteconomia ao longo do período de funcionamento do curso, o número de ingressantes a cada década. Os dados de ingressantes demonstram que o curso atraiu um contingente de 209 homens e 397 mulheres. Os estudantes homens representam, desta forma, 35,5% do número de estudantes que ingressam no curso a cada ano, com destaque para os primeiros anos do curso, quando o número de homens que ingressaram no curso representou 40% do total de alunos. O gráfico 6 apresenta a evolução do número de ingressantes no curso de Biblioteconomia da UFAL, por sexo, ao longo das décadas<sup>34</sup>.

---

34 Os dados da década de 1990 compreendem os primeiros anos do curso, criado em 1998. Os dados da década de 2010 compreendem até o primeiro semestre de 2014.

**Gráfico 6** – Ingressantes no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas, por sexo, ao longo das décadas.



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Cabe destacar que apesar do número expressivo de ingressantes de ambos os sexos, o curso da UFAL apresenta uma expressiva taxa de evasão, haja vista que dos 606 ingressantes no curso de Biblioteconomia ao longo dos 16 anos de curso, somente 215 se tornaram bibliotecários, ou 35,47% do total, independente do sexo.

Quando se trata do número de graduados em Biblioteconomia, na UFAL, assim como em outras universidades analisadas, os bibliotecários homens se apresentam em menor número. A Tabela 11 apresenta, em números absolutos, o número de estudantes graduados, por sexo, ao longo das décadas.

**TABELA 11** - Número de graduados, por sexo, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

(continua)

Década	Mulheres	Homens
2000 <sup>35</sup>	118	31

<sup>35</sup> A primeira turma do curso se graduou em 2003.

<b>Década</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
2010 <sup>36</sup>	53	13
<b>TOTAL</b>	<b>171</b>	<b>44</b>

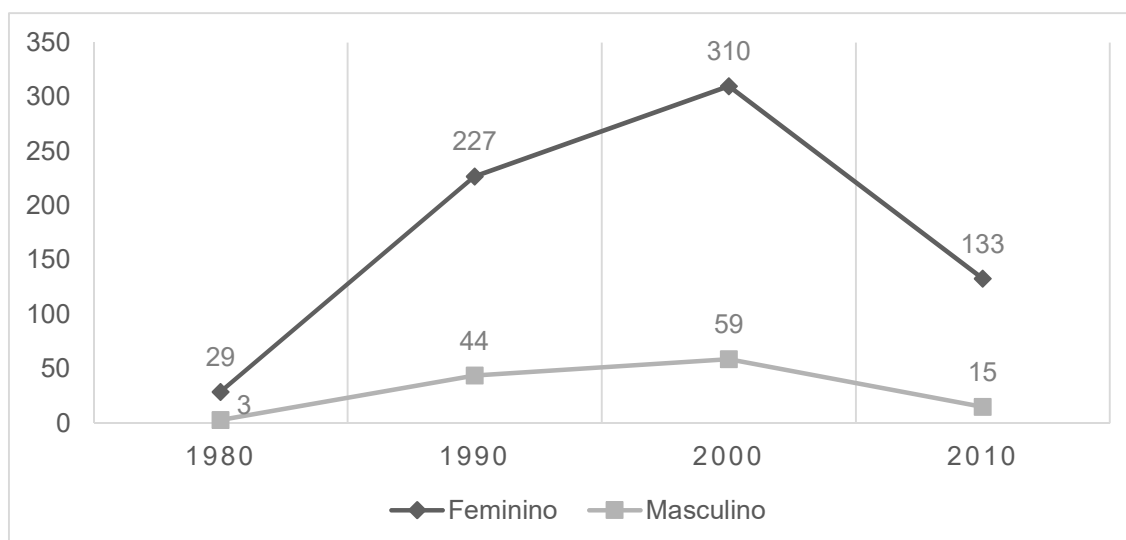
Fonte: Elaborada pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Pode-se observar que apesar de ter nascido no período de intensas mudanças na Biblioteconomia, o curso da UFAL apresenta manutenção das taxas de bibliotecários de ambos os sexos ao longo do tempo. Apesar de representarem 35,5% dos ingressantes em Biblioteconomia, somente 20% dos novos estudantes homens concluem o curso. Tal fato mostra que assim como os outros cursos aqui apresentados, o curso da UFAL também se mantém feminilizado. Além disso, pode-se perceber que o curso não é atrativo ou pode servir como “trampolim” para outros cursos para os estudantes do sexo masculino, haja vista a evasão de cerca de 15% dos ingressantes.

Já o curso da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) nasceu no fim dos anos 1960, diante da necessidade da qualificação de mão-de-obra para atuação nas bibliotecas da capital São Luiz (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2007). Entretanto, os dados obtidos junto ao colegiado só compreendem o número de graduados homens e mulheres, a partir do ano de 1983. Pode-se observar que, assim como nas outras universidades apresentadas, o curso da UFMA iniciou suas atividades com uma alta feminização. O gráfico 7 mostra a evolução do número de graduados, por sexo, no curso.

<sup>36</sup> Os dados compreendem até os graduados no primeiro semestre de 2014.

**Gráfico 7** – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, por sexo, ao longo das décadas.



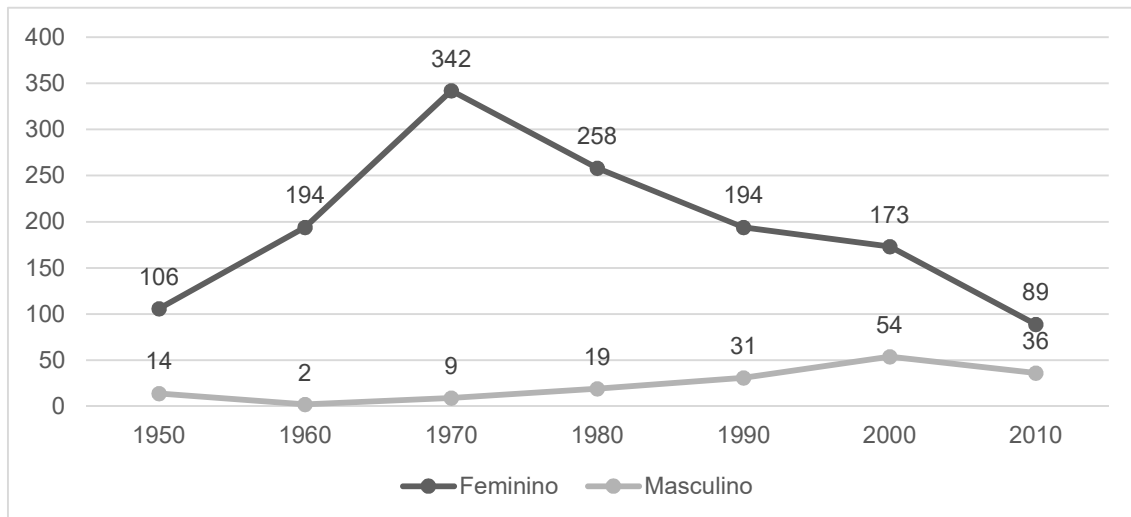
Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados fornecidos pelo colegiado do curso.

Pode se observar que o número de bibliotecárias no curso da UFMA sempre se manteve muito acima do número de graduados homens. Ao longo das décadas, elas representaram 85,2% dos graduados em Biblioteconomia no Maranhão e, apesar das mudanças curriculares que buscaram incorporar as transformações da área à formação dos profissionais, não houve aumento na taxa percentual de estudantes do sexo masculino, sendo a Biblioteconomia maranhense, ainda altamente feminilizada.

O curso da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) é um dos mais tradicionais da região Nordeste e do Brasil. Criado no começo da década de 1950, após intenso movimento da Prefeitura de Recife para a criação de bibliotecas públicas municipais, o curso de Biblioteconomia da UFPE dava a seus ingressantes uma formação mais técnica que humanística, ainda que esta segunda estivesse presente em algumas disciplinas. Em seu primeiro currículo, o curso apresentava disciplinas como bibliografia, classificação e catalogação de livros, organização e gestão de bibliotecas. Com o passar das décadas e as mudanças de currículo, o curso foi buscando mesclar formação técnica e humanística, ainda que a primeira permanesse tendo mais ênfase (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2011).

Ao longo de mais de 60 anos, o curso da UFPE formou mais de 1500 bibliotecários, sendo a imensa maioria deles (89%) do sexo feminino. Conforme pode-se observar no gráfico 8, em número absolutos, o número de bibliotecárias sempre foi maior que o número de bibliotecários graduados.

**Gráfico 8** – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, por sexo, ao longo das décadas

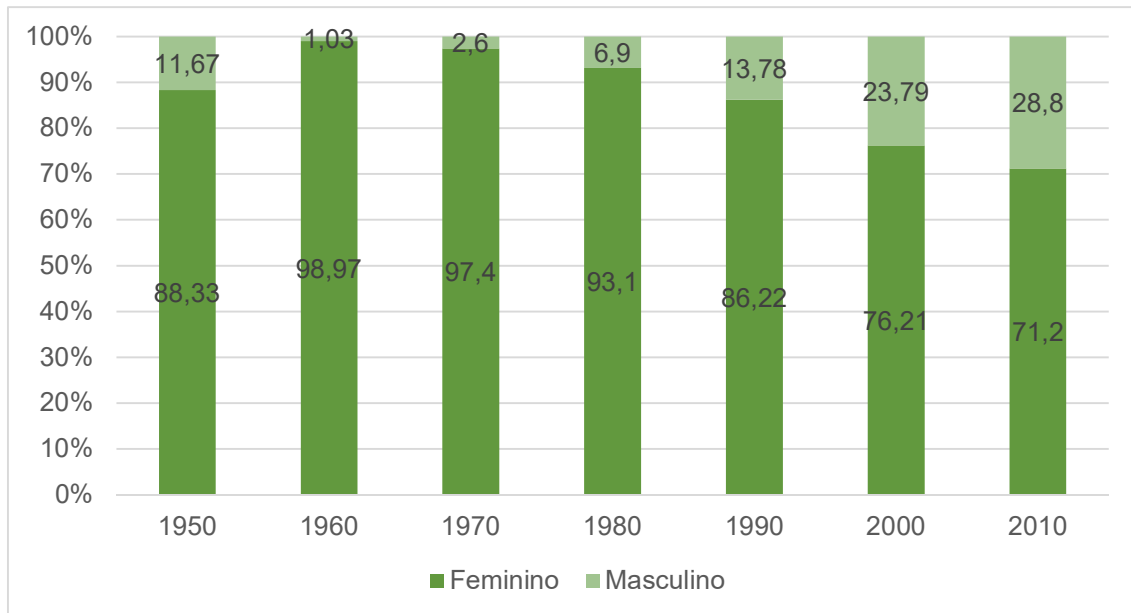


Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados fornecidos pelo colegiado do curso.

Os dados mostram que o número de graduados homens começou expressivo (14), na primeira década de criação do curso. Mas durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 o número de mulheres é muito superior ao número de homens graduados. Enquanto 794 bibliotecárias foram formadas entre 1960 e 1980, somente 30 bibliotecários se formaram no mesmo período.

Entretanto, a partir da década de 1990 pode-se observar que o número de homens graduados começa a crescer, enquanto há decréscimo no número de graduadas, demonstrando que a Biblioteconomia em Pernambuco pode ter se tornado mais atrativa para os homens a partir da referida década.

**Gráfico 9** – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Pernambuco.



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados fornecidos pelo colegiado do curso.

O gráfico 9 demonstra que, em termos percentuais, o sexo feminino representou quase 90% dos graduados ao longo das seis décadas de curso da UFPE. Observa-se, entretanto, que há crescimento do percentual de graduados do sexo masculino ao longo do tempo. Eles, que na primeira década representavam pouco mais de 10% do percentual de graduados e que, nos anos seguintes, se apresentam como cerca de 3% dos bibliotecários formados na UFPE, passam a ter maior representatividade no número de graduados, chegando a representar pouco mais de 23% na década de 2000 e quase 29% a partir de 2010<sup>37</sup>.

Mesmo sendo um curso altamente feminilizado (vale lembrar que as mulheres representam 89% dos graduados em Biblioteconomia na UFPE), há um contingente masculino maior a partir dos anos 1990, década que também marca a aproximação da Biblioteconomia com a Ciência da Informação na universidade, que culmina com a mudança de nome do departamento para Departamento de Ciência da Informação, em 1998.

Os cursos analisados da Região Nordeste, assim como os das regiões Centro-Oeste e Norte, apresentam tendência de aumento do número de graduados do gênero masculino, em especial nas últimas décadas. Em comum, pode-se perceber que nos cursos mais antigos há uma explosão do número de mulheres bibliotecárias na segunda e terceira

<sup>37</sup> Os dados compreendem até os graduados no segundo semestre de 2013.



décadas de funcionamento dos mesmos. No caso da UFPE, a explosão ocorre na década de 1960 e 1970, quando as mulheres representaram 98% do número de profissionais formadas pela universidade, enquanto na UFMA, tal explosão ocorre nas décadas de 1990 e 2000. Após esse período, há um decréscimo no número de mulheres formadas em ambos os cursos, fato que coincide com o maior aumento da presença feminina nos cursos superiores e com a diminuição da feminilização em cursos que podem ser considerados redutos femininos (BRUSCHINI, 2007). Já o curso da UFAL, que nasce após a aproximação da Biblioteconomia com outras áreas, apresenta porcentagem estável de graduados de ambos os gêneros na área.

#### 6.2.4 A região Sul

Dos 43 cursos de Biblioteconomia do Brasil, 7 deles se localizam na região sul do país, sendo 6 oferecidos por Universidades públicas e 1 por uma universidade privada. A presente pesquisa obteve os dados do número de graduados em Biblioteconomia de três universidades federais da região: da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O curso da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) recebeu sua autorização para funcionamento no início dos anos 1970, com o objetivo de formar profissionais que suprissem as demandas do município de Rio Grande e de outros do interior do estado, além da própria universidade, que havia sido criada havia pouco tempo (CARVALHO; MUCK; CORREA, 2007). O primeiro currículo já apresentava, segundo Carvalho, Muck e Correa (2013), um caráter técnico, tendo cerca de 79% de suas disciplinas com esta característica, como as de Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Bibliografia e Referência, por exemplo. As reformas curriculares feitas no curso ao longo das décadas buscaram unir o caráter técnico ao humanístico, com o objetivo de formar profissionais que possam atuar nas diversas áreas, como as técnico-científicas, as gerenciais, as sociais e as políticas (CARVALHO, MUCK, CORREA, 2013).

Ao longo de pouco mais de 40 anos, o curso da FURG formou mais de 600 bibliotecários. Assim como nos outros cursos aqui analisados, a imensa maioria desses graduados é do sexo feminino (89,6%). Conforme os dados apresentados na tabela 12, o curso de Biblioteconomia na FURG nunca atraiu um significativo contingente masculino. Nessas quatro décadas de funcionamento, a Universidade não conseguiu formar nem uma centena de bibliotecários do sexo masculino.

**TABELA 12** - Graduados em Biblioteconomia, por sexo, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

<b>Década</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
1970 <sup>38</sup>	31	2
1980	104	9
1990	129	13
2000	239	30
2010 <sup>39</sup>	86	14
<b>TOTAL</b>	<b>589</b>	<b>68</b>

Fonte: Elaborada pelo autor conforme Carvalho, Muck e Correa (2013) e dados obtidos junto ao colegiado do curso

Apesar de o número de bibliotecários homens ter aumentado ao longo das décadas, ele não acompanhou e nem mesmo chegou próximo ao número de mulheres formadas. Entretanto, caso sejam observadas as taxas de crescimento do número de bibliotecárias e bibliotecários formados, poderá se perceber que o crescimento do número de bibliotecários do sexo masculino, em termos percentuais, foi maior que o do sexo feminino, ainda que o número de bibliotecárias formadas também tenha sempre apresentado crescimento. Entre as décadas de 1980 e 1990, por exemplo, o número de bibliotecários homens formados pela FURG cresceu 44,7%, ao passo que o número de bibliotecárias subiu 24%.

Tal tendência de crescimento parece que se manterá na década de 2010. Apesar dos dados abrangerem somente três anos, o número de bibliotecários do sexo masculino já

<sup>38</sup> O curso teve a primeira turma formada em 1977.

<sup>39</sup> Os dados compreendem até os graduados no segundo semestre de 2013.

representa 46,66% do número de graduados na década de 2000, o que pode demonstrar, ainda que timidamente, que a profissão bibliotecária pode estar sendo mais atrativa para os homens, na FURG.

Pouco tempo antes da criação do curso da FURG (mais precisamente dois anos antes), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) iniciava as atividades do seu curso de Biblioteconomia, ideia da então diretora da Biblioteca Central da Universidade, que via a necessidade de formação de mão-de-obra para atuar nas bibliotecas do estado (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013). O primeiro currículo do curso, ainda que buscasse dar também formação humanística para os estudantes, tinha um caráter mais técnico, com a maioria das disciplinas obrigatórias voltadas para as áreas de classificação, indexação e documentação.

O corpo de profissionais formados no curso da UFSC se mostrou, assim como os demais cursos, altamente feminizado. As mulheres sempre foram a grande maioria dos estudantes do curso, representando quase 83% dos bibliotecários graduados pela UFSC. A tabela 13 apresenta o número de graduados ao longo das décadas no curso.

**TABELA 13** - Graduados em Biblioteconomia, por sexo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

(continua)

<b>Década</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
1970 <sup>40</sup>	2	0
1980	41	7
1990	246	50
2000	480	101
2010 <sup>41</sup>	179	38

40 Os dados fornecidos compreendem o número de graduados a partir do ano de 1979.

41 Os dados compreendem até os graduados no primeiro semestre de 2014.

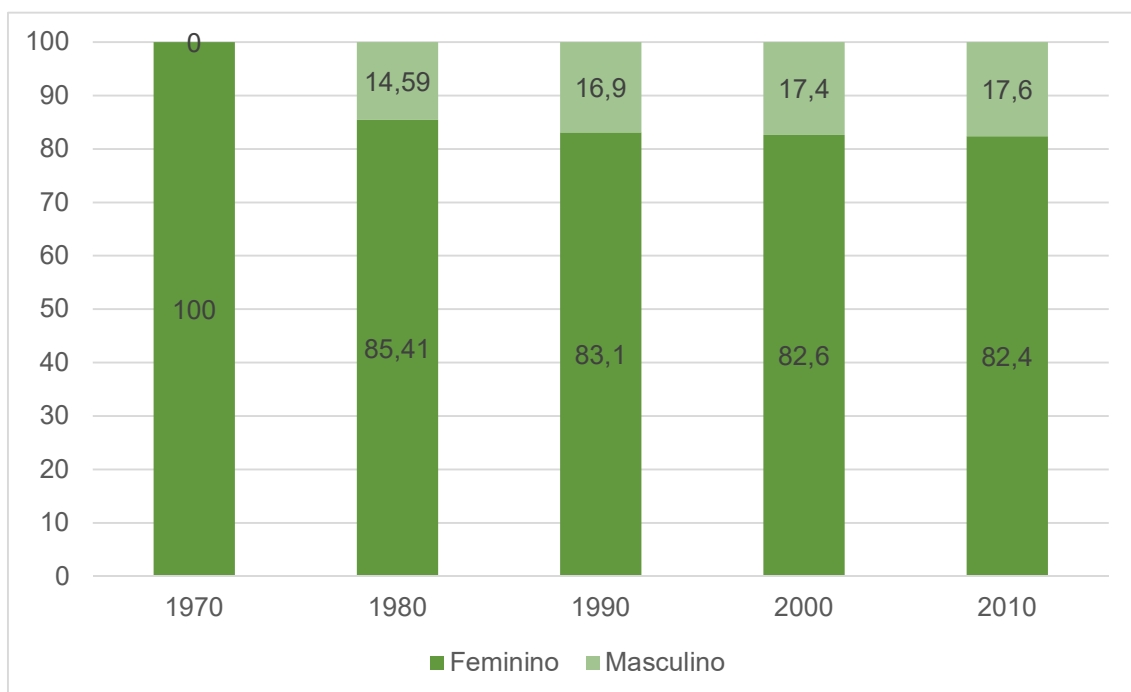
Década	Mulheres	Homens
TOTAL	948	196

Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Pode-se observar nos dados da tabela que o número de homens no curso de Biblioteconomia cresceu ao longo das décadas. Tal fato pode ser explicado pela mudança do curso para o turno noturno, ocorrida em 1986. Inicialmente funcionando no turno diurno, o curso passou a ser ministrado à noite para atender uma demanda e uma procura maior dos alunos pelo curso noturno (HILLESHEIM; MENEZES; CHAGAS, 2013).

Entretanto, apesar de ser um fator que pode ter trazido mais homens para o curso, a oferta noturna não representou a diminuição da feminização do curso, uma vez que as mulheres continuaram a representar mais de 80% dos bibliotecários formados (gráfico 10).

**Gráfico 10** - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Santa Catarina.

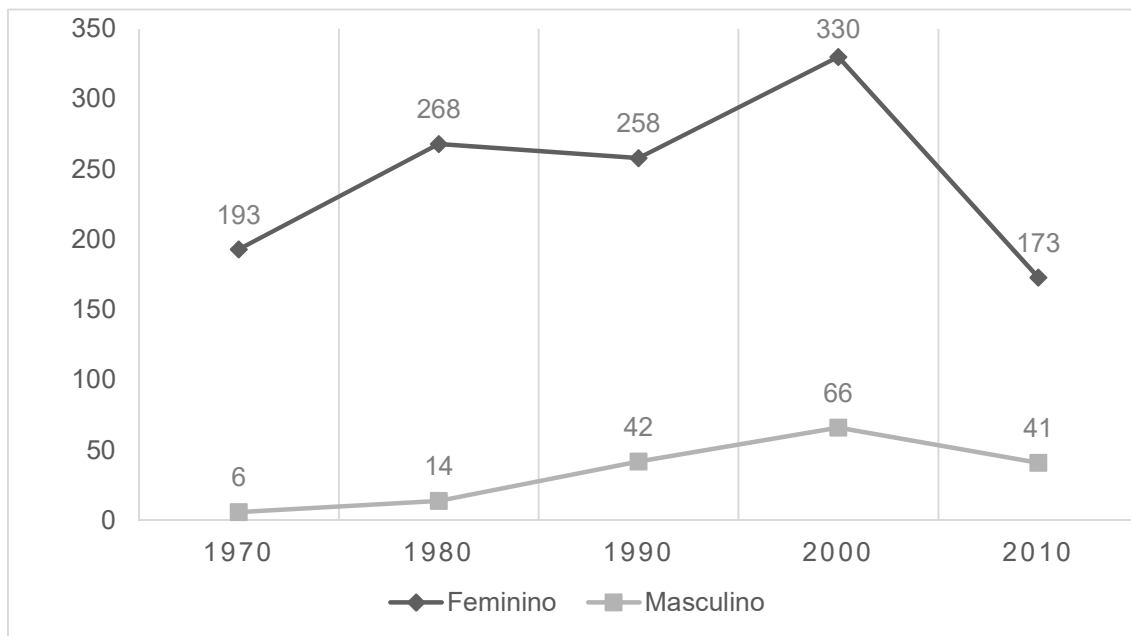


Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

As mudanças curriculares sofridas pelo curso nos anos 2000, incorporando disciplinas ligadas às áreas de Gestão da Informação e do Conhecimento e Administração, por exemplo, atraíram um maior número de estudantes homens, uma vez que há aumento de 102% no número de bibliotecários formados entre as décadas de 1990 e 2000. Tal fato, apesar de relevante, não representou diminuição significativa da feminização do curso, haja vista que o número de bibliotecárias cresceu 95% no mesmo período.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o cenário se assemelha aos da FURG e da UFSC. O curso de Biblioteconomia da universidade, criado em 1947 e obtendo o reconhecimento em 1950, se apresenta como altamente feminizado, com o número de graduados dos sexos masculino e feminino aumentando ao longo das décadas. Entretanto, o número de graduadas tem aumentado em maiores taxas, tendo elas representado quase 88% do número de bibliotecários formados pela UFRGS. O gráfico 11 apresenta a evolução do número de graduados, por sexo, ao longo das décadas, no curso de Biblioteconomia da UFRGS.

**Gráfico 11** – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por sexo, ao longo das décadas.

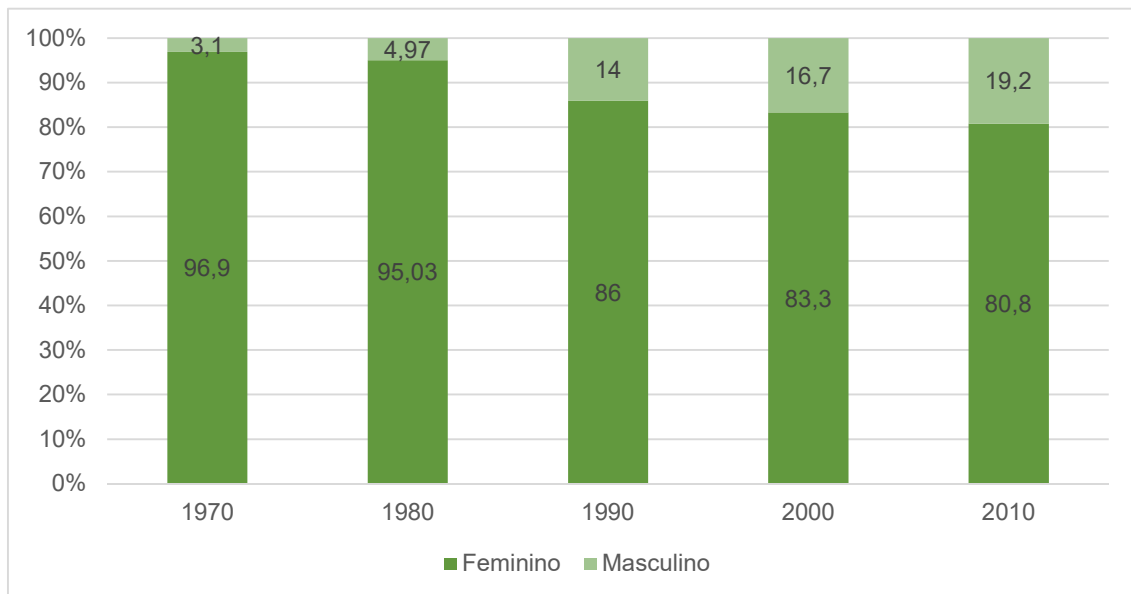


Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Pode-se perceber que o número de bibliotecárias formadas sempre se manteve em patamares mais altos que o de bibliotecários. Vinte anos após a criação do curso<sup>42</sup>, somente 6 bibliotecários do sexo masculino haviam se graduado na UFRGS, ao passo que 193 mulheres já haviam se tornado bibliotecárias; mais de 3000% de diferença.

Nas três décadas seguintes (1980, 1990 e 2000), o número de homens graduados em Biblioteconomia cresceu mais de 1000%, passando de 6 para 66 bibliotecários, mas essa mudança não foi suficiente para que o número de homens e mulheres graduados em Biblioteconomia se aproximasse, sendo a Biblioteconomia da UFRGS altamente feminizada.

**Gráfico 12** – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

O gráfico 12 demonstra que a porcentagem de bibliotecárias formadas na UFRGS sempre se manteve acima dos 80%. Entretanto, ainda que em número muito superior, a porcentagem de bibliotecários do sexo masculino vem crescendo ao longo das décadas. Se no começo da década de 70 eles representavam pouco mais de 3% dos estudantes que se graduavam em Biblioteconomia na UFRGS, nos anos 2000 eles já eram cerca de 17%.

A década de 2010 demonstra que será mantida a tendência de aumento na porcentagem de graduados do gênero masculino no curso. Apesar de os dados se referirem

42 O colegiado só dispõe dos dados do número de formados a partir de 1973.

somente até o terceiro semestre de 2013, os bibliotecários já representavam cerca de 19% dos graduados em Biblioteconomia na UFRGS. Além disso, o número de bibliotecários formados no curso nesses 3 anos já representa cerca de 62,1% do número de graduados na década anterior, enquanto o número de graduadas representa pouco mais de 50%.

Na região Sul, a feminização do curso de Biblioteconomia, assim como nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, também se mantém alta, mesmo com maior entrada de homens se graduando ao longo do tempo. Nos três cursos analisados pode-se verificar que as mulheres sempre representaram mais de 80% de profissionais formados ao longo do tempo. Apesar de haver crescimento do número de graduados do sexo masculino nos cursos analisados, há também crescimento no número de bibliotecárias formadas, o que pode ser explicado pelo crescimento da área de Biblioteconomia como um todo.

#### 6.2.5 A região Sudeste

A região Sudeste do país abriga o maior número de cursos superiores em Biblioteconomia, sendo 10 destes em universidades federais e estaduais e 9 em universidades particulares. Vale considerar que o primeiro curso de Biblioteconomia do país localizava-se na região, na então capital do país, Rio de Janeiro. Na década de 1930, com a expansão universitária, os cursos de Biblioteconomia começaram a surgir, principalmente em São Paulo, já com viés mais tecnicista.

A presente pesquisa solicitou os dados de algumas universidades federais e estaduais da região, selecionadas conforme o critério principal da tradição na formação de bibliotecários, e obteve a resposta de duas: a Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), duas tradicionais e importantes universidades formadoras de bibliotecários no país.

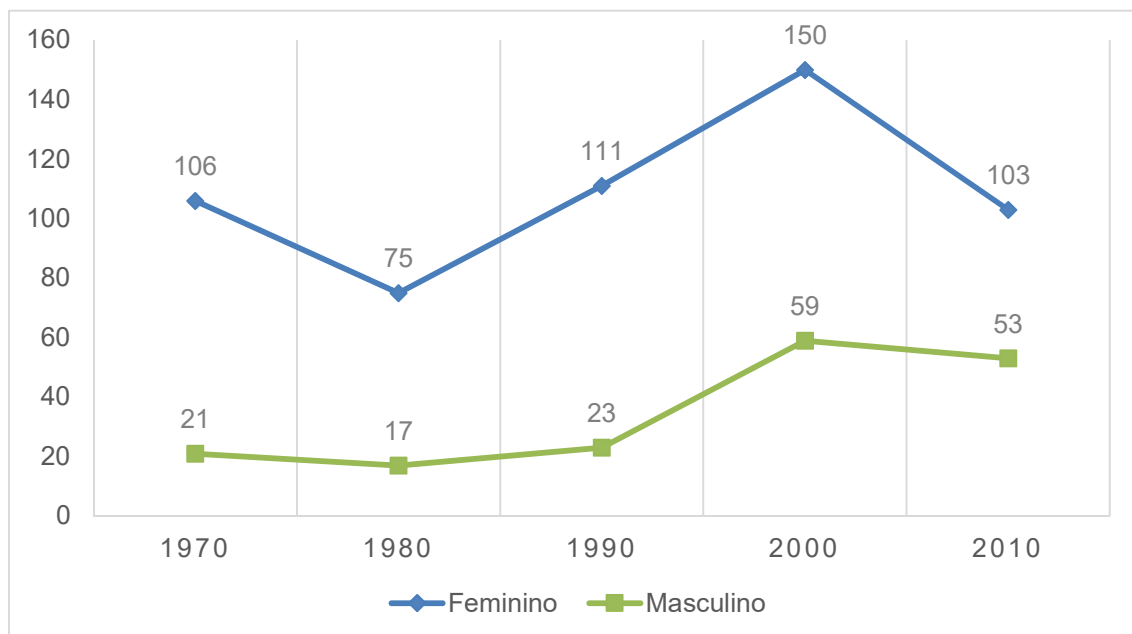
O curso de Biblioteconomia da Universidade de São Paulo (USP) nasceu em 1966 com o objetivo de formar profissionais que fossem capazes de executar o planejamento e administração de bibliotecas e centros de documentação, o que, segundo o site da universidade, refletia com clareza as necessidades da época (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2015)

A USP guarda uma peculiaridade, pois em seu nascimento foram criados os cursos de Biblioteconomia e Documentação e, segundo o site da Universidade de São Paulo (2015), “o primeiro tinha como objetivo central a organização de acervos; o segundo buscava o domínio dos instrumentos disponíveis na época para o ordenamento da informação de um determinado campo do conhecimento”. Com o tempo percebeu-se que as áreas tinham muitos pontos em comum e optou-se pela unificação em apenas um curso, de Biblioteconomia e

Documentação. O curso, ao longo do tempo, buscou incorporar as mudanças da sociedade e do modo como essa sociedade busca e produz a informação ao seu currículo, incorporando disciplinas de tecnologia, produção científica, organização da informação, etc. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2015).

Quanto ao corpo de bibliotecários formados pela USP ao longo de quatro décadas, pelo aspecto do gênero, percebe-se que, assim como os demais, caracteriza-se por ser um curso altamente feminizado. O gráfico 13 apresenta a evolução do número de graduados no curso, por sexo, ao longo das décadas:

**Gráfico 13** – Graduados no curso de Biblioteconomia da Universidade de São Paulo, por sexo, ao longo das décadas.



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

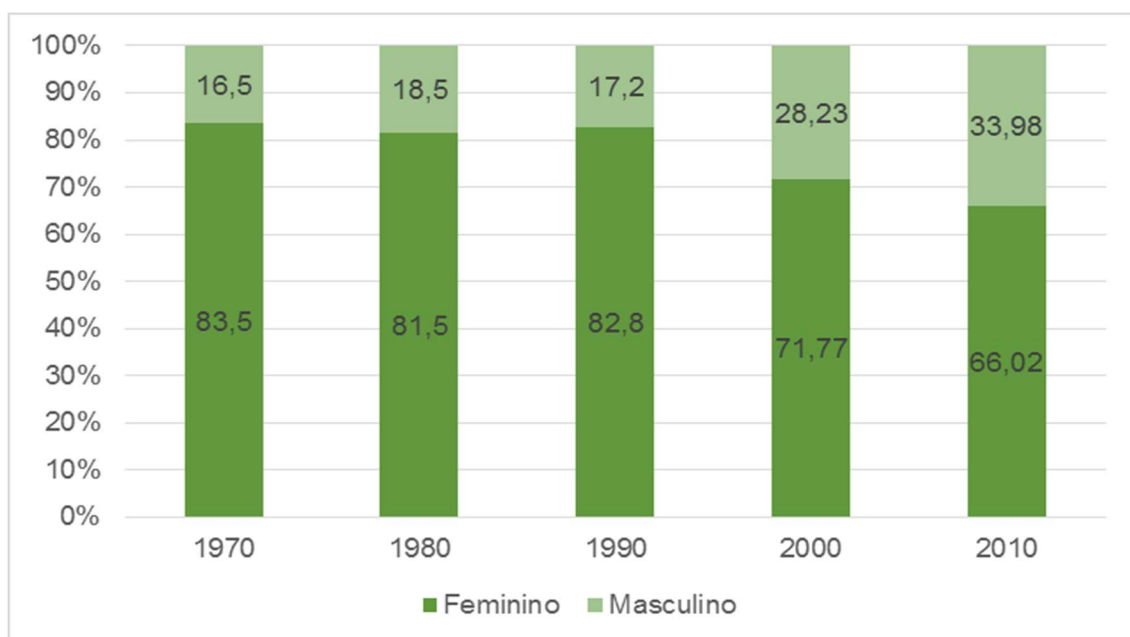
Pode-se observar que, em seu nascimento, o curso de Biblioteconomia da USP formou um número muito maior de profissionais do sexo feminino. O número de mulheres graduadas pela universidade cai na segunda década e volta a subir na terceira, enquanto o de homens se mantém praticamente inalterado, com pequena queda em 1980 e pequena alta em 1990.

Entre os anos de 1990 e 2000, o crescimento do número de bibliotecários do sexo masculino formados pela USP sobe consideravelmente, apesar de se manter ainda bem menor que o de mulheres (2,5 vezes menor). Enquanto o número de bibliotecárias sobe 35,13% no período, o número de bibliotecários aumenta em 156%, em cerca de 20 anos. É nesse



período também que os homens passam a representar maior porcentagem no número de profissionais que se graduaram na USP, conforme o gráfico 14.

**Gráfico 14** – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade de São Paulo (USP)



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

A análise do gráfico demonstra que o curso da USP já iniciou suas atividades formando um percentual considerável de profissionais do sexo masculino, cerca de 17%, na sua primeira década. Tal percentual se manteve pouco alterado até 2000, quando, conforme citado anteriormente, a taxa de crescimento de bibliotecários homens sobe mais de 156%, o que reflete nos percentuais de homens e mulheres formados na referida década, quando eles chegam a representar 28% dos graduados em Biblioteconomia.

Os dados da década de 2010, apesar de compreenderem somente três anos, mostram que, pelo menos no começo desta década, o percentual de graduados do sexo masculino na USP continua a crescer, passando dos 30%. Não se pode afirmar que essa taxa irá se manter até o fim da década, mas ela demonstra que, nos anos 2000, o curso de Biblioteconomia da USP passou a ser mais atrativo para os homens, talvez pela incorporação de disciplinas tecnológicas à grade do curso.

O curso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criado duas décadas antes do curso da USP. Nascido em 1950, foi fruto de um convênio entre a Secretaria

de Educação do Estado de Minas Gerais e o Instituto Nacional do Livro e passou a fazer parte da UFMG a partir da década de 1960, sendo expedidos, em 1966, os diplomas universitários de todos os graduados a partir de 1950. Reis, Xavier Junior, Pires (2011) destacam que

Quanto à duração do curso, em seu início (1950-1952) a formação era realizada em um ano; no período de 1953-1957 a duração era de dois anos e posteriormente, a partir de 1957, a formação se realiza em três anos. A partir de 1985 a graduação se faz em quatro anos (p.13).

O fato de, até 1985, o curso para a formação de bibliotecários ter duração de três anos, pode ter colaborado para que um grande contingente de mulheres, principalmente da classe mais alta, optassem por cursá-lo, ou conforme BOTASSI<sup>43</sup> *apud* MARTUCCI, (1996) destaca, era o curso possível – além dos cursos de magistério – para as moças que queriam trabalhar. A tabela 14 demonstra o número de graduados, por sexo, no curso diurno de Biblioteconomia da UFMG:

**TABELA 14** - Graduados no curso diurno, por sexo, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

(continua)

<b>Década</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
1950	140	3
1960	154	1
1970	526	12
1980	447	20
1990	456	75
2000	524	149

43 BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. *Palavra-Chave*, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984.

<b>Década</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
2010 <sup>44</sup>	171	68
<b>TOTAL</b>	<b>2418</b>	<b>328</b>

Fonte: elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

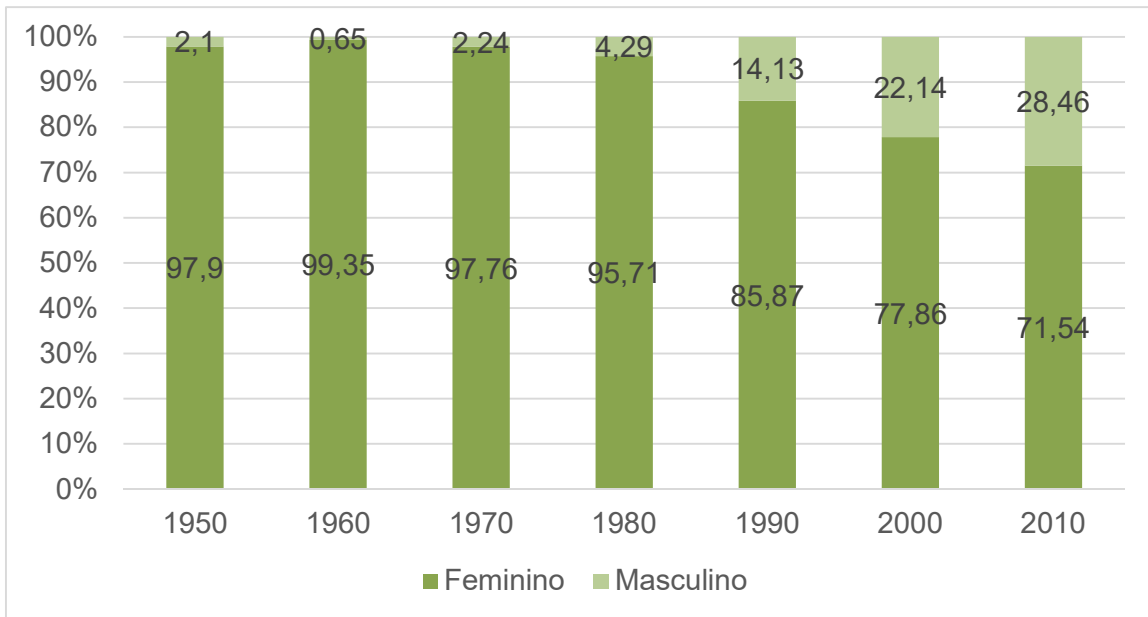
Pode-se observar que o número de bibliotecárias formadas pela UFMG, no turno diurno, sempre foi muito maior que o número de homens. Nas primeiras três décadas de curso, mais de 800 bibliotecárias já haviam se graduado na universidade, ao passo que somente 16 profissionais do sexo masculino haviam chegado ao mercado formados pela UFMG.

Nas décadas seguintes (1980, 1990, 2000 e 2010), o número de bibliotecárias formadas pela UFMG permanece muito superior ao de bibliotecários, ainda que o número de profissionais do sexo masculino tenha subido consideravelmente. Entre 1990 e 2000, por exemplo, o número de homens graduados praticamente dobra. Tal fato pode ser explicado pela intensa aproximação do curso de Biblioteconomia da UFMG com a Ciência da Informação, que culminou com a mudança do nome da escola que abrigava o curso de Escola de Biblioteconomia para Escola de Ciência da Informação.

Através do gráfico 15, que mostra percentualmente as taxas de graduados do sexo masculino e feminino no curso de Biblioteconomia da UFMG, pode-se observar com mais clareza a enorme predominância das mulheres no curso até a década de 1980, que representava mais de 90% do percentual de profissionais bibliotecários formados pela universidade mineira.

<sup>44</sup> Os dados compreendem até os graduados no segundo semestre de 2013.

**Gráfico 15** – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso diurno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Quando se trata do curso noturno, o cenário é um pouco diferente. Apesar de se apresentar ainda feminizado, o curso que se iniciou no início dos anos 2000 e teve sua primeira turma formada em 2003, apresenta um equilíbrio maior no número de homens e mulheres graduados.

**Gráfico 16** – Graduados em Biblioteconomia do curso noturno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais.



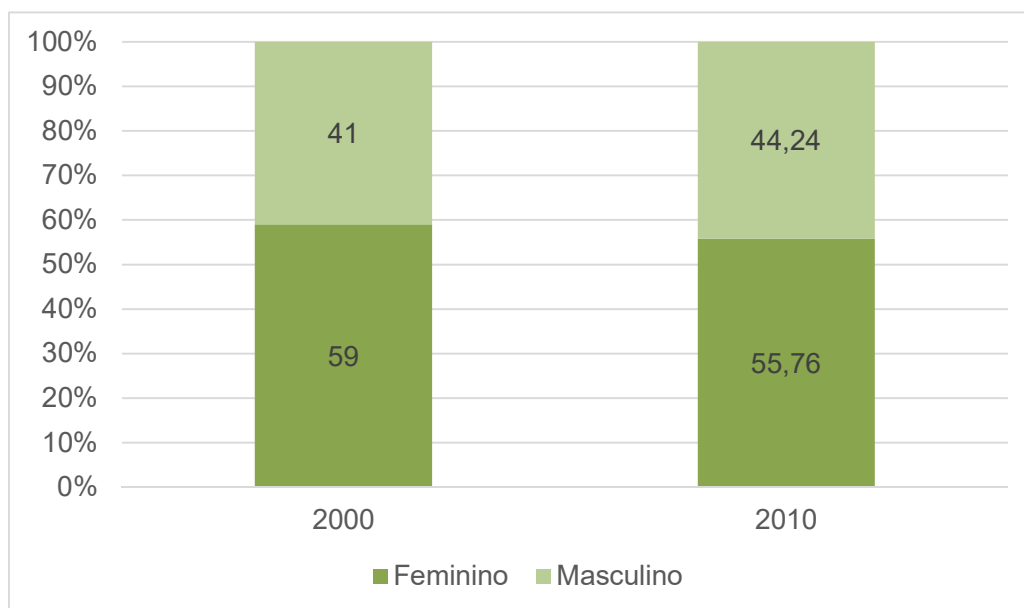
Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

O gráfico 16 mostra que o número de graduados em Biblioteconomia no curso noturno da UFMG apresenta maior equilíbrio entre os sexos. Apesar de formar mais mulheres que homens, pode-se observar que a diferença do número de formados de ambos os gêneros não é tão grande, se comparado ao curso diurno. Em termos percentuais, os bibliotecários do sexo masculino representam mais de 40% dos profissionais formados no curso noturno da UFMG, maior taxa percentual apresentada (gráfico 17). Cabe ressaltar que a mudança de nome da escola que abriga o curso para Escola de Ciência da Informação pode ter colaborado para maior aproximação dos homens ao curso noturno, que já nasce nesse novo cenário. Tal mudança foi justificada pela necessidade de adequação do curso às realidades da área de informação e consequentes futuras ofertas de outros cursos que tivessem viés ligados à informação. Barbosa *et al.* (2000) destacam como justificativa para a mudança de nome que:

- a) a biblioteconomia tem como objeto central de seu estudo a informação que, considerada em uma perspectiva ampla, inclui não apenas o livro e a biblioteca mas também outros tipos de materiais e unidades de informação;
- b) a maioria das escolas de biblioteconomia, em todo o mundo, têm mudado suas denominações de forma a evidenciar a evolução de seus programas e da própria área, fato que vem ocorrendo no Brasil, inclusive em escolas do interior do País;

- c) além do curso de graduação em biblioteconomia, a EB/UFMG oferece programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) em ciência da informação, especialização em gestão estratégica da informação e aperfeiçoamento em arquivologia; acompanhando essa evolução, a EB já promoveu a mudança do nome de um de seus departamentos (Organização e Tratamento da Informação) e de sua própria revista (Perspectivas em Ciência da Informação);
- d) as diretrizes curriculares da educação nacional, do Ministério da Educação - MEC, incluem a biblioteconomia, a arquivologia e a museologia como disciplinas da área da ciência da informação (p.82).

**Gráfico 17** – Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso noturno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais



Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto ao colegiado do curso.

Os dados aqui apresentados dão um panorama geral a respeito da presença masculina e feminina nos cursos de Biblioteconomia nas cinco regiões do país. Observa-se que, nas universidades pesquisadas, o curso se apresenta como altamente feminizado e que, apesar de maior aproximação masculina em números absolutos, em termos percentuais há, de modo geral, pouca diminuição da feminização do curso, como no caso das universidades federais de Santa Catarina, de Pernambuco, do Amazonas e de Minas Gerais, apesar desta última ter apresentado maior número de homens no seu curso noturno. Os números não demonstram que há fatores concretos relacionados a grandes mudanças quanto ao número de homens e mulheres graduados em Biblioteconomia. O aumento de homens tem sido gradativo, mas não se pode dizer que tal aumento representou uma diminuição da feminização da profissão.

Os dados da próxima seção buscam, via questionário *survey*, identificar tendências e razões que levaram os bibliotecários do sexo masculino a optarem pelo curso.

## 6.2 O questionário *survey*

Para melhor compreensão da tendência gradativa de aumento no número de graduados em Biblioteconomia do sexo masculino ao longo do tempo — conforme os dados quantitativos mostraram — foi enviado questionário *survey* (APÊNDICE) para os conselhos profissionais das regiões referentes às universidades respondentes da etapa anterior da pesquisa. Tal questionário formulado na ferramenta Google Docs fundamentou-se nos objetivos traçados para a pesquisa e foi repassado pelos conselhos para os profissionais com registro ativo nos órgãos, formados após 1980, via e-mail, divulgação nos blogs dos conselhos, sites e pelas redes sociais.

Em linhas gerais, o questionário buscou apreender a percepção dos bibliotecários a respeito de estarem inseridos em uma profissão feminina, além de buscar identificar algumas motivações que os levaram a escolher o curso de Biblioteconomia como curso superior, bem como constatar se percebem que possuem vantagens por serem homens em uma área feminina, no mercado de trabalho e no exercício da sua profissão. Foram obtidas 231 respostas para o questionário de bibliotecários das cinco regiões do país.

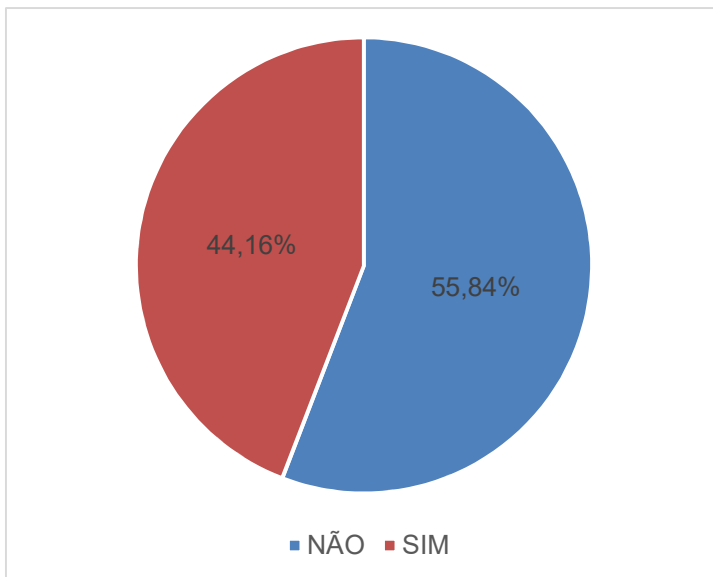
Cabe ressaltar que, para efeito de entendimento, optou-se aqui por apresentar os resultados do *survey* de forma geral e não dividido por regiões, como os dados da primeira etapa do levantamento. Apesar do número de respostas da região Sudeste ter sido maior que o das demais regiões (certamente por tratar-se da região onde se localiza o PPGCI/ECI e por abrigar um número maior de cursos de Biblioteconomia, além do fato do questionário ter sido enviado, em sua maioria, diretamente via e-mail pelos próprios autores da pesquisa e não por intermédio dos CRBs), não houve discrepâncias entre os resultados do questionário, uma vez que as respostas — quando comparadas entre as regiões dos respondentes — apresentaram resultado bastante similar.

### 6.2.1 As respostas

Quanto à escolha do curso de Biblioteconomia, este não foi a primeira opção de curso para a maioria dos respondentes do questionário (55,84%), e cerca de 51,95% dos

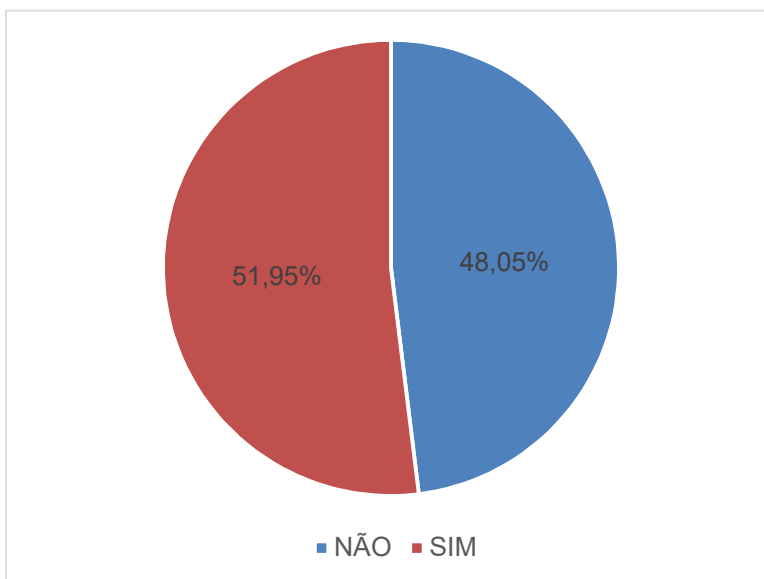
respondentes diziam que já conheciam o curso antes de optar por fazê-lo. O gráfico 18 e 19 apresentam o percentual de respostas para as duas primeiras questões.

**Gráfico 18** - Porcentagem de bibliotecários que tiveram o curso de Biblioteconomia como primeira opção de curso.



Fonte: Elaborado pelo autor.

**Gráfico 19** - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia que já conheciam o curso de Biblioteconomia antes de optar por cursá-lo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

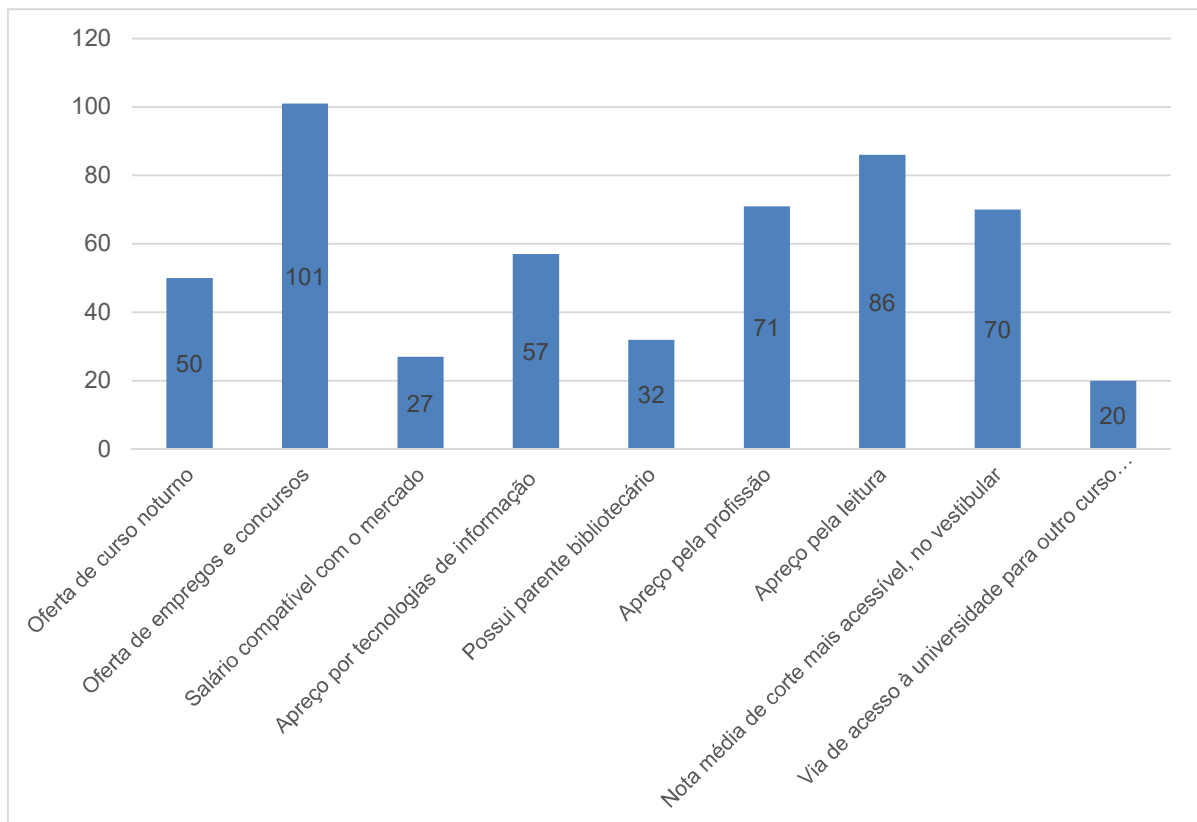


Quanto aos motivos que levaram esses bibliotecários a optar pelo curso de Biblioteconomia, é importante destacar que a oferta de empregos e concursos se mostra como principal atrativo para os bibliotecários do gênero masculino, o que pode ser considerado reflexo da consolidação da profissão em um momento de crise do trabalho, principalmente nos anos 1990, período em que há decréscimo no número de postos de trabalho como a agricultura e a indústria, enquanto o mercado bibliotecário se expande. (CRIVELLARI; PENA, 2007). Entretanto, a opção “salário compatível com o mercado” foi uma das menos votadas, o que demonstra que a estabilidade do emprego e da profissão foram mais atraentes para os profissionais na hora da escolha profissional que a remuneração dada a mesma.

O fato da estabilidade na profissão bibliotecária foi também identificado por Oliveira; Crivellari (2013) ao comparar a profissão com as de contador e analistas de tecnologia da informação, entre 1999 e 2009. Segundo as autoras, as profissões com maior profissionalização (como é o caso da profissão bibliotecária) possuem tendência de maior estabilidade salarial e de postos de trabalho.

Cabe destacar também “apreço à leitura” e “apreço à profissão” como opções que tiveram um grande número de respondentes, superando o quesito “apreço por tecnologias de informação” que, numa hipótese inicial, acreditava-se ser um dos maiores atrativos para o contingente masculino à Biblioteconomia. A opção “oferta de curso noturno” e “nota de corte mais acessível no vestibular” também foram muito assinaladas, o que demonstra que as facilidades de ingresso no curso são importantes na hora da escolha dos homens pela profissão bibliotecária.

**Gráfico 20** – Número de respostas ao *survey* quanto aos motivos que levaram os bibliotecários a optarem pelo curso de Biblioteconomia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota: Era permitido aos respondentes que assinalassem mais de uma resposta à questão.

Observa-se que dos respondentes que disseram não conhecer o curso, cerca de 37% responderam que ainda assim foi a sua primeira opção, o que denota que muitos desses bibliotecários podem ter escolhido a profissão pela facilidade de ingresso e/ou por falta de opções. Quando responderam o que os levou a serem bibliotecários, os motivos variam desde a oferta de empregos e concursos ao apreço pelas tecnologias, passando pela indicação de amigos, a “paixão pelo objeto livro”, pelas provas da segunda etapa do vestibular serem da “área de humanas”, ou por ter um parente próximo cursando Biblioteconomia, além do apreço pela profissão.

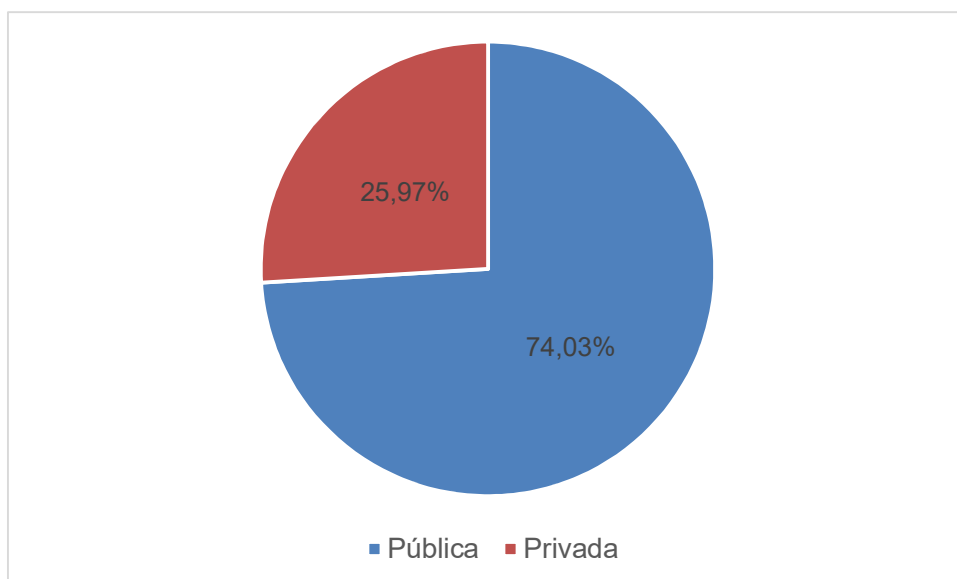
Sousa (2014), ao entrevistar bibliotecárias sobre o porquê de terem escolhido a profissão, constatou que boa parte das respondentes não viam a Biblioteconomia como uma área valorizada, como uma carreira a ser seguida. Além disso, segunda a autora, somente 22% das entrevistadas por ela escolheram a profissão de forma consciente. Nas palavras de uma das entrevistadas pela autora,

não foi uma escolha consciente assim. [silêncio] Eu coloquei Biblioteconomia como segunda opção no vestibular. Passei e fui cursando. Quando vi já estava formada, trabalhando na área. Foi bem por acaso mesmo (SOUSA, 2014, p. 186)

Os motivos levantados pela autora para a escolha da profissão por parte das bibliotecárias entrevistadas são diferentes dos motivos da escolha de bibliotecários do sexo masculino que responderam ao *survey* desta pesquisa, haja vista o grande número de profissionais que assinalaram a opção “oferta de empregos e concursos”, que demonstra uma escolha consciente da profissão que teriam. Sousa (2014) também destaca tal fato nas entrevistas que realizou com bibliotecários homens. Segundo a autora, seus entrevistados disseram que “escolheram a profissão porque vislumbraram uma profissão interessante e uma carreira promissora” (p.188). Além disso, somente 8% dos entrevistados pela autora (homens e mulheres) encararam as tecnologias como responsáveis pela busca do curso pelos homens, sendo a mudanças de paradigmas, as mudanças da imagem da profissão e a quebra de preconceitos como os motivos mais citados.

Pode-se apreender que tal contraste entre os motivos da escolha pela profissão bibliotecária entre homens e mulheres é fundamentado nas relações de gênero presentes na sociedade, em que aos homens é permitido, mesmo estando em uma profissão tipicamente feminina, se manifestarem com mais autonomia e mostrarem o poder de decisão masculino (SOUSA, 2014).

**Gráfico 21** – Tipo de universidade em que os bibliotecários se graduaram



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto ao tipo de universidade que os bibliotecários respondentes do questionário cursaram, a grande maioria informou que cursou Biblioteconomia em universidades públicas, conforme pode-se observar no gráfico 21. Foram citadas pelos bibliotecários 20 diferentes universidades públicas, nas cinco regiões do país. Tal fato demonstra que a tradição das universidades públicas como formadoras de bibliotecários ainda se mantém, além de se apresentarem em maior número. Quanto às universidades privadas, 9 foram citadas, com a grande maioria se localizando na região Sudeste do país, onde se encontram mais cursos privados de Biblioteconomia.

Quando perguntados em qual turno haviam se graduado, houve um equilíbrio entre os turnos manhã e noite por parte dos bibliotecários, conforme demonstra a tabela 15. O número de profissionais que realizaram sua formação no turno noturno foi ligeiramente superior que os demais, o que denota que a oferta de curso noturno se mostra como um atrativo para o contingente masculino nos cursos de Biblioteconomia, fato que corrobora o número considerável de vezes que o item “oferta de curso noturno” foi assinalado como motivo para que os profissionais optassem por cursar Biblioteconomia.

**TABELA 15** - Turno de formação dos bibliotecário

<b>Resposta</b>	<b>Número de respondentes</b>	<b>Porcentagem</b>
Manhã	101	43,72%
Tarde	23	9,96%
Noite	107	46,32%
<b>TOTAL</b>	<b>231</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor.

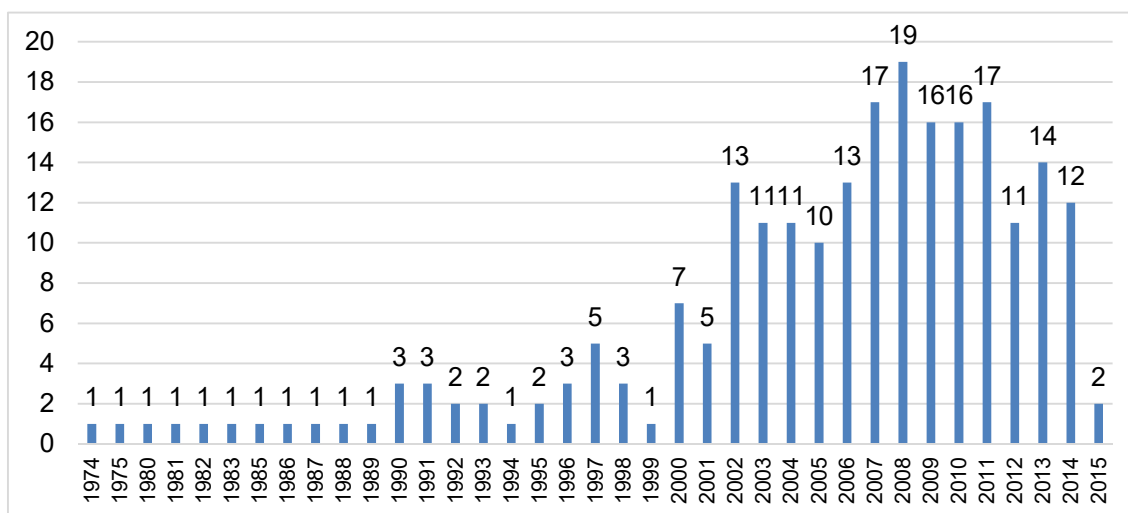
Abreu e Campello (2000), ao apresentarem justificativa para a criação do curso noturno de Biblioteconomia na Universidade Federal de Minas Gerais, destacam, entre outros objetivos, o de garantir a frequência dos trabalhadores na Universidade e diminuir a evasão. Segundo as autoras,

a demanda pelo curso noturno já havia sido expressa em repetidas ocasiões, de maneira informal, refletindo um desejo de alunos matriculados no curso diurno e que, principalmente por motivo de trabalho, necessitariam frequentar as aulas no horário noturno (p. 94).

Além disso, segundo as autoras, em estudo cujo objetivo era analisar a situação dos alunos retidos por aproveitamento insuficiente, infrequência às aulas e trancamento de matrícula realizados na UFMG, demonstrou que mais de 61,2% dos alunos pesquisados gostariam de fazer o curso em horário noturno (ABREU; CAMPELLO, 2000).

Quando perguntados o ano em que se graduaram, pôde-se observar uma distribuição entre os anos e décadas de formação dos bibliotecários respondentes da pesquisa, sendo citadas as décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, com a maioria de respondentes sendo formada por bibliotecários que se graduaram depois dos anos 2000, já inseridos nos contextos de mudanças tecnológicas e paradigmáticas da Biblioteconomia. Vale considerar que foi solicitado aos CRBs o envio do questionário para os bibliotecários formados a partir dos anos 1980. O gráfico 22 apresenta o número de respostas a cada ano de formação citado no questionário

**Gráfico 22 – Ano de formação dos bibliotecários.**

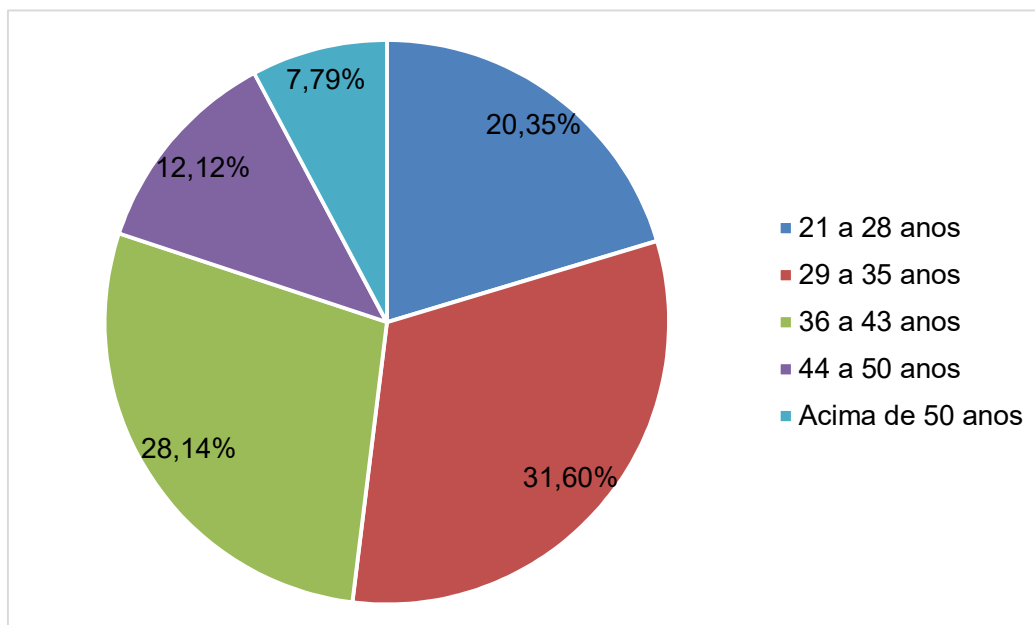


Fonte: Elaborado pelo autor.

De modo geral, os respondentes ao questionário estão entre os 29 e 35 anos (gráfico 23). Ao cruzar as informações, observa-se que todos os bibliotecários (num total de 66) que responderam e se encontravam na faixa etária entre “29 e 35 anos” formaram-se após os anos 2000, sendo 2001 o menor ano. Dentre os motivos que trouxeram os bibliotecários da faixa etária de “29 a 35 anos”, pode ser observado que seguem, de certa forma, a tendência

geral dos motivos que trouxeram os profissionais que responderam ao *survey* (gráfico 20), conforme se verifica na tabela 16. O motivo “oferta de curso noturno” também não foi assinalado como o fator mais importante para que optassem por cursar Biblioteconomia, mas a nota de corte mais acessível no vestibular, o apreço pela profissão e pela leitura, além da oferta de empregos e concursos.

**Gráfico 23** - Faixa etária dos bibliotecários



Fonte: Elaborado pelo autor.

**TABELA 16** - Motivos que levaram os graduados em Biblioteconomia na faixa entre 29 e 35 anos, a cursarem Biblioteconomia<sup>45</sup>

(continua)

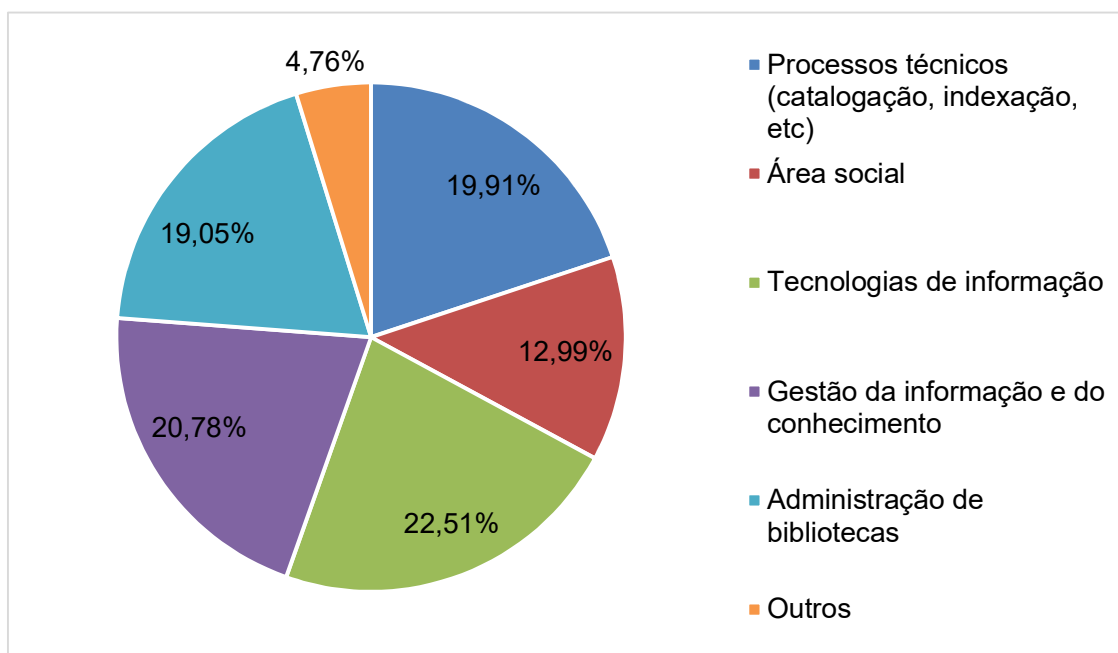
Resposta	Número de respondentes	Porcentagem
Via de acesso à universidade para outro curso superior	3	2,11%
Possui parente bibliotecário	10	7,04%

<sup>45</sup> Os respondentes podiam assinalar mais de uma resposta à questão

<b>Resposta</b>	<b>Número de respondentes</b>	<b>Porcentagem</b>
Oferta de curso noturno	13	9,15%
Salário compatível com o Mercado	14	9,86%
Apreço por tecnologias de informação	17	11,97%
Nota média de corte mais acessível, no vestibular	17	11,97%
Apreço pela profissão	20	14,08%
Apreço pela leitura	20	14,08%
Oferta de empregos e concursos	28	19,72%
<b>TOTAL</b>	<b>142</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Durante a graduação, mantém-se a tendência de as tecnologias não serem o maior atrativo para o contingente masculino na Biblioteconomia – conforme análise inicial e de alguns autores como Carmichael (1992) e Ferreira (2010) poderia sugerir. Quando perguntados quais áreas lhe atraíam mais durante a graduação, as respostas dos bibliotecários do sexo masculino respondentes ao *survey* não se concentraram somente nas áreas ligadas às tecnologias, conforme demonstra o gráfico 24. Tal constatação vai ao encontro do que Sousa (2014) já havia identificado. A autora destaca que o uso das tecnologias tem sido importante aliado na execução do trabalho bibliotecário, mas que não pode ser determinada como fator concreto para a maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia.

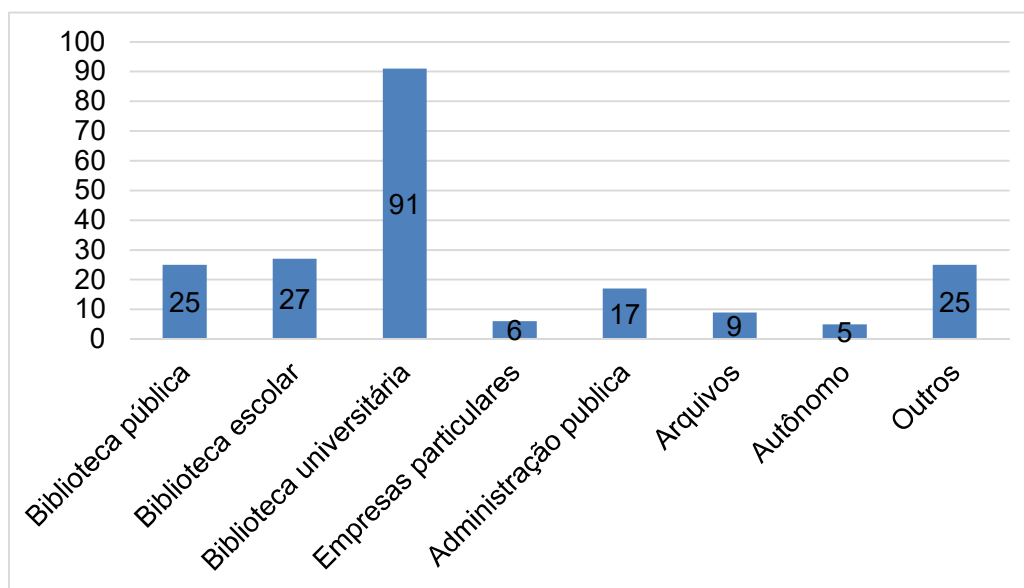
**Gráfico 24 – Áreas que mais interessavam aos bibliotecários durante a graduação**

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos 231 respondentes ao *survey*, a grande maioria (85,71%) está atuando no mercado de trabalho, confirmando a tendência segundo a qual a área da Biblioteconomia é uma grande empregadora. Baptista e Mueller (2005) citam entrevistas realizadas com representantes de entidades de classe que demonstraram que a classe bibliotecária não enfrentava o problema do desemprego. As autoras citam o caso do Estado do Paraná onde, segundo entrevista da presidente do sindicato dos bibliotecários do Estado, em 2001, a taxa de desemprego de bibliotecários era de apenas 2,6%.

Dos respondentes que estavam atuando na área, cerca de 58% afirmaram que se encontravam na área que mais havia lhe interessado durante o curso. Os locais onde esses bibliotecários trabalham varia muito, conforme demonstra o gráfico 25:



**Gráfico 25** – Segmento em que os bibliotecários que estão atuando na área, trabalham

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pode se observar que a biblioteca universitária se apresenta como o maior empregador de homens bibliotecários. Tal fato pode ser explicado pela expansão universitária que o país observou nos últimos anos, o que já havia sido evidenciado por diversos autores. Pena (2007) destaca que esse aumento pode ser explicado por dois fatores: o aumento de instituições de ensino superior “que são instadas, pelo Ministério da Educação, a contratar bibliotecários para gerenciar suas bibliotecas” (p.104) e pela inclusão da biblioteca, por parte da MEC, como item na avaliação das instituições de ensino superior (PENA, 2007).

Baptista e Mueller (2005) demonstram que houve um aumento do número de bibliotecários que atuavam em bibliotecas de universidades particulares na cidade de Brasília. Segundo as autoras, tal aumento do número de universidades privadas representa uma novidade no mercado de trabalho bibliotecário da capital brasileira, uma vez que na cidade predominavam oportunidades de trabalhos em bibliotecas especializadas nas áreas jurídica, legislativa e de assessoria de governo.

Cunha e Pereira (2002) observam o mesmo fenômeno em Santa Catarina, em pesquisa que tinha como objetivo conhecer o perfil profissional dos alunos formados no curso de Biblioteconomia da UFSC, entre os anos de 1991 e 2000. Os resultados encontrados demonstram que a maioria (51,3%) dos bibliotecários que responderam ao questionário enviado pelas autoras atuavam em bibliotecas universitárias.

Há de se destacar o grande número de bibliotecários do sexo masculino atuando no segmento biblioteca escolar, tradicionalmente um espaço feminino e maior que o número

de bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas. Martucci (1996) ressalta que um grande número de bibliotecas brasileiras nasce atrelada às escolas e que a educação é apontada como o fator que mais tem implicações com as bibliotecas, e este pode ser um dos fatores que tornaram as duas áreas feminilizadas. A autora cita pesquisa de Gomes<sup>46</sup> (1983) que mostra que, durante a primeira república (1889 a 1930), 58,2% das bibliotecas criadas correspondiam a bibliotecas escolares em escolas estaduais, especialmente em São Paulo e Minas Gerais. Ao aproximar as áreas do Magistério e da Biblioteconomia, a autora afirma que

as raízes da feminização do magistério e da biblioteconomia encontram-se no século XIX e que sua compreensão deve levar em consideração todas as leituras interpretativas existentes, que analisam o fenômeno com olhares distintos, mas inter-relacionados (p.241)

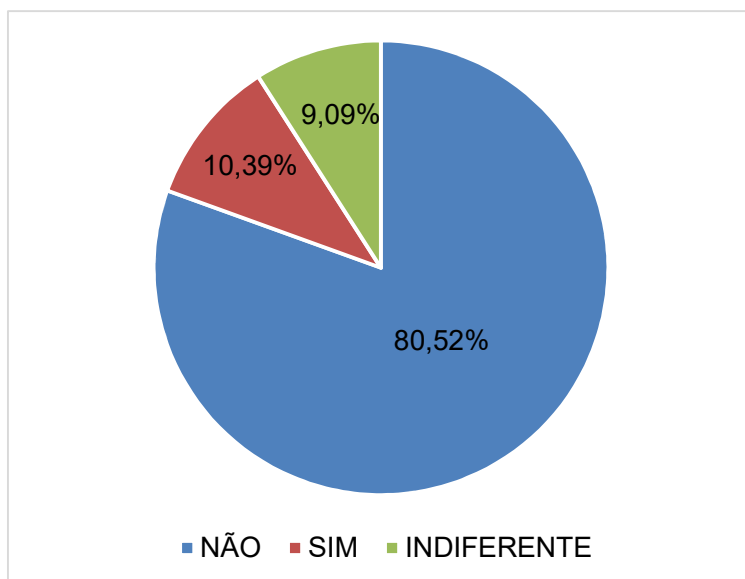
Quanto aos respondentes que assinalaram a opção “outros” destaca-se a variedade de respostas e de segmentos em que os profissionais atuam. Pode-se destacar um número considerável de profissionais que atuam no segmento ensino-pesquisa, além de bibliotecas militares, especializadas, serviços de consultoria, catalogação terceirizada, entre outros. Essas respostas demonstram a multiplicidade—de atividades que o profissional bibliotecário pode realizar, fato que já havia sido demonstrado por autores como Pena (2006).

Os respondentes do questionário, em geral, não enfrentaram conflitos com colegas de ambos os sexos durante a graduação. Quando perguntados se houve conflito com as colegas mulheres, mais de 80% responderam que não (gráfico 26). Esse número é ainda maior quando os bibliotecários foram questionados se houve conflito com os colegas homens, conforme mostra o gráfico 27:

---

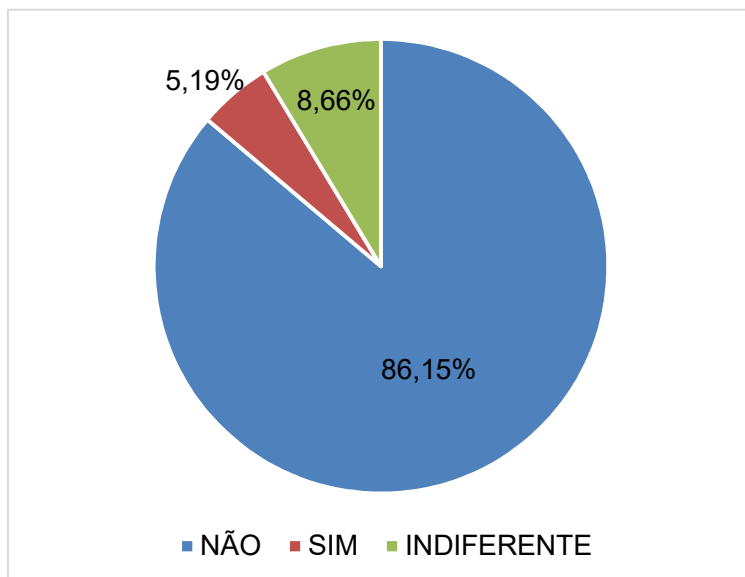
46 GOMES, Sonia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo: Pioneira, Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983.

**Gráfico 26** – Porcentagem de respostas dos bibliotecários quanto se houve ou não conflito com as colegas de gênero feminino, durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor.

**Gráfico 27** – Porcentagem de respostas dos bibliotecários quanto se houve ou não conflito com as colegas de gênero masculino, durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Tal traço de harmonia é ressaltado por Pena (2015). Segundo o autor, na área da Biblioteconomia, as relações entre os gêneros acontecem de forma tranquila e harmoniosa.

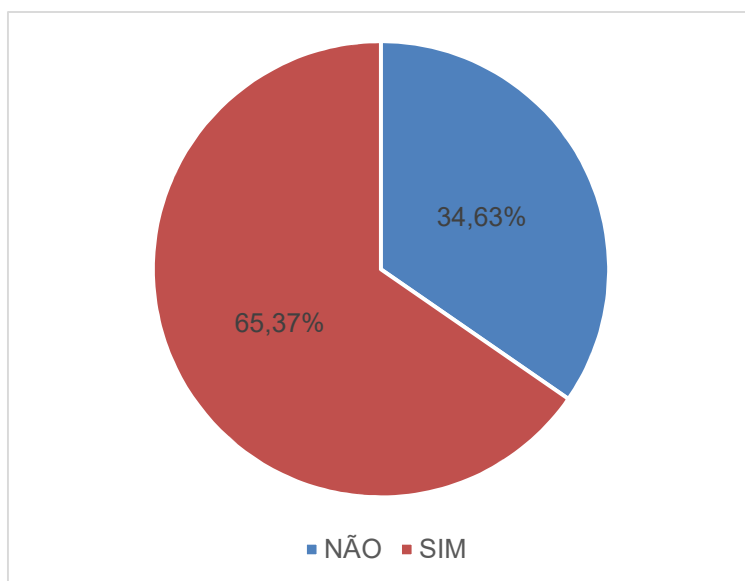
Nas palavras de um bibliotecário entrevistado pelo autor, diretor de uma biblioteca universitária

eu não encontro nenhuma dificuldade em trabalhar com elas. Nós temos um serviço a fazer e o serviço é feito, independentemente do gênero (...) as outras bibliotecárias e as outras auxiliares de biblioteca contribuem tanto quanto contribuem os homens para que a biblioteca funcione (p.114-115)

Cabe ressaltar que esse traço de harmonia pode ser relativizado nesta pesquisa, uma vez que o *survey* não se debruça a respeito de quais formas se deram os conflitos e como se estabeleceram as relações entre homens e mulheres durante a graduação dos bibliotecários respondentes.

Entretanto, apesar de declararem que não havia conflitos com os colegas dos dois sexos, os respondentes observaram que a questão de serem homens em um curso majoritariamente feminino era comentada na relação com outros colegas de curso (gráfico 28)

**Gráfico 28** – Porcentagem de respostas dos bibliotecários que responderam ao *survey* quanto a comentar com os colegas que se encontravam em uma área majoritariamente feminina.



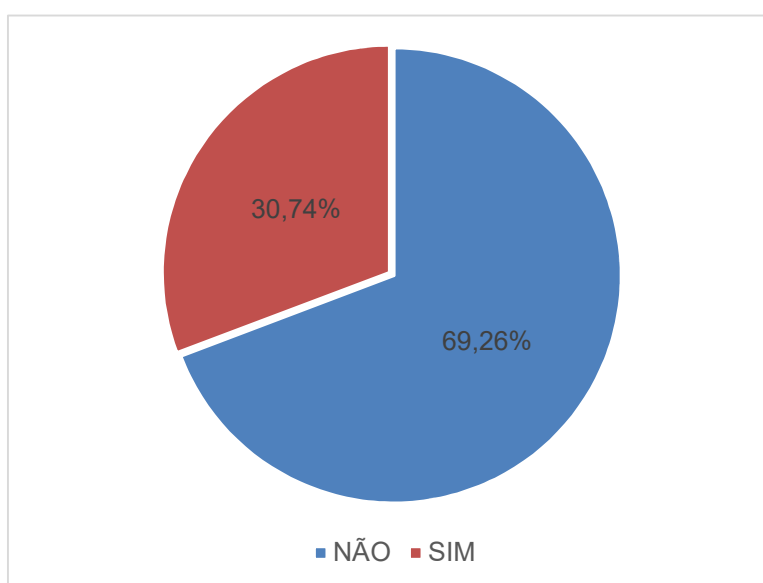
Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de reconhecerem que estão em uma profissão feminina, os respondentes não demonstram percepção quanto às questões de gênero no mercado de trabalho. Sousa (2014) já havia constatado baixa percepção dos bibliotecários que entrevistou quanto à influência das questões de gênero na profissão. Segundo a autora, “a questão de gênero

continua pouco explorada na Biblioteconomia, pois a literatura da área quase não problematiza o exercício da profissão na perspectiva do gênero” (p. 199).

Na presente pesquisa, quando perguntados se acreditavam que homens possuíam vantagens no mercado de trabalho em uma profissão feminina, apenas por serem homens, a maioria dos bibliotecários respondeu “não”, conforme demonstra o gráfico 29:

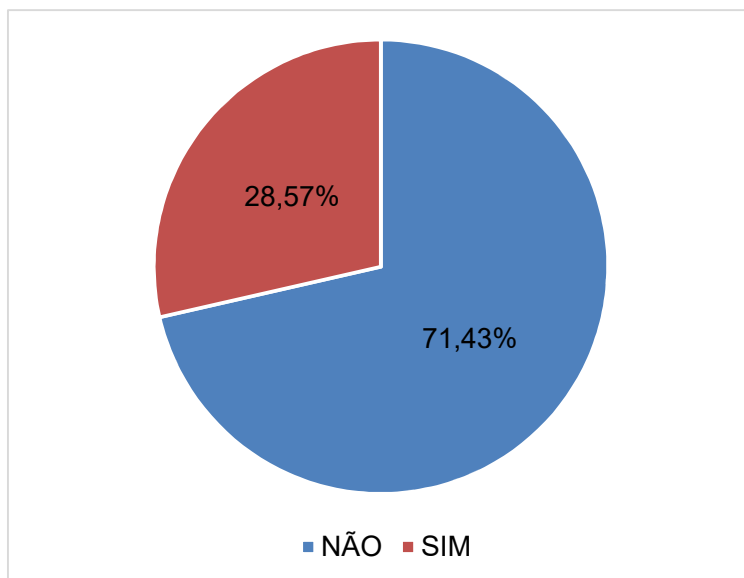
**Gráfico 29** – Porcentagem de respostas dos bibliotecários que responderam ao *survey* quando questionados se há vantagens em ser homem no mercado de trabalho em geral



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os respondentes do *survey* também afirmaram que não obtêm vantagens no campo da Biblioteconomia por serem homens em uma área tipicamente feminina (gráfico 30), o que contraria alguns estudos que demonstram que homens possuem benefícios no campo da Biblioteconomia e que há desigualdade entre os gêneros na área. Blankenship (1967) demonstrou que ser homem no campo da Biblioteconomia traz vantagens quanto a ocupar postos de trabalho elevados, assim como na sociedade. Em pesquisa realizada junto a 414 bibliotecários norte-americanos, de ambos os sexos, o autor demonstrou que os homens ascendiam na carreira e chegavam a ocupar posições gerenciais mais rapidamente que as mulheres, além de ocuparem os mais altos cargos em bibliotecas de grande porte.

**Gráfico 30** – Porcentagem de respostas dos bibliotecários quando questionados se há vantagens em ser homem no mercado de trabalho bibliotecário



Fonte: Elaborado pelo autor.

No mesmo sentido, Schiller (1970), em estudo crítico sobre a feminilização da área, demonstrou que a maioria das mulheres estavam em desvantagem na Biblioteconomia, tanto em relação aos postos mais altos de trabalho, quanto ao salário recebido. Além disso, segundo a autora, não havia ações por parte das associações profissionais para que houvesse igualdade entre os sexos na área.

Em estudo focado em todos os níveis de profissionais, e não só nos dos mais altos postos, Dowell (1988) demonstrou que a média de salário dos homens bibliotecários era maior que a média das mulheres. O autor demonstrou em seu estudo, que os homens recebiam cerca de 1.200 dólares a mais, por ano, que as mulheres. Além disso, o salário das bibliotecárias representava 82,3% dos salários dos bibliotecários.

Os depoimentos colhidos por Sousa (2014) mostram que as mulheres têm sido mais direcionadas para as atividades mais tradicionais e rotineiras das bibliotecas, além de exercerem o atendimento ao público, atividades que “têm ligação com comportamentos e características atribuídos à mulher (gentileza, delicadeza, educação, paciência, criatividade, entre outros)” (p. 214). Para os entrevistados pela autora, os homens estão mais propensos a trabalhar com atividades ligadas à informática, ao armazenamento de dados, em setores mais valorizados.

A autora destaca também que apesar de serem maioria na profissão no Brasil, somente em 1971, 161 anos após a sua fundação, a Biblioteca Nacional foi dirigida por uma

mulher: Janice de Melo (SOUSA, 2014). Esse fato corrobora a influência e a presença das relações desiguais entre os sexos na área da Biblioteconomia, e indica que há vantagens em ser homem em uma profissão feminina.

Assim, ainda que os bibliotecários que responderam ao *survey* acreditem que não obtêm vantagens sendo homens num curso majoritariamente feminino, os estudos demonstram que, em termos de remuneração e de oportunidades de ocupar cargos de gestão há vantagens sim para os profissionais do gênero masculino na área.

Pena (2015) mostra que, em termos de remuneração, os homens recebem mais que mulheres em faixas de salário mais elevadas. Segundo os dados do autor coletados junto a RAIS, a porcentagem de homens é sempre maior em todas as faixas salariais acima de 5 salários mínimos no setor privado. Enquanto isso, na faixa salarial abaixo de 5 salários, a porcentagem de mulheres é maior (60,40% de mulheres ante 52,57% dos homens). No setor público há maior equilíbrio entre as condições de homens e mulheres em termos de remuneração, o que pode ser explicado pela maior igualdade em termos salariais que há na carreira pública.

É importante salientar que tais vantagens se inserem no contexto das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho presentes na sociedade e na área da Biblioteconomia, em que as mulheres recebem menos, independentemente da conclusão de um curso superior (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010). Martins (2015) cita relatório da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2015<sup>47</sup>) segundo o qual o salário médio da mulher brasileira com educação superior representa apenas 62% do de um homem com a mesma escolaridade, o que coloca o país em primeiro lugar, entre 46 países, num ranking de desigualdade de gênero na educação e no mercado de trabalho.

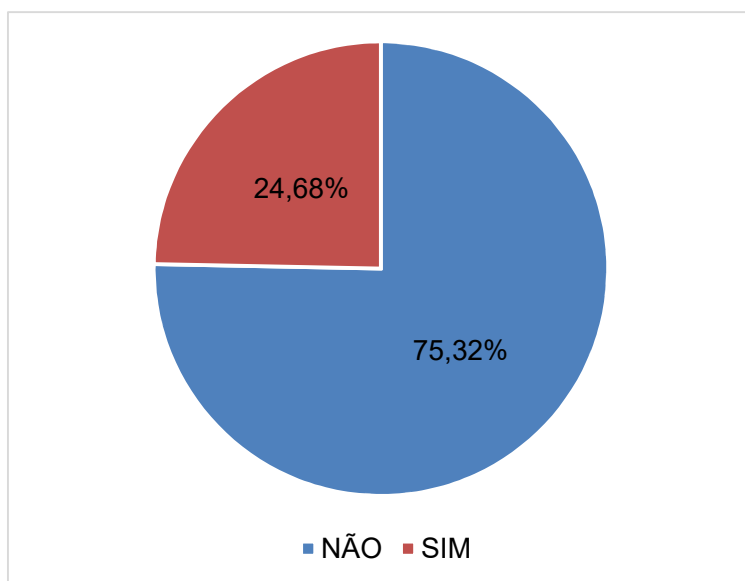
Quando o *survey* propõe a questão referente ao preconceito, a maioria dos bibliotecários (ao contrário do que uma análise inicial poderia sugerir) disseram que nunca sofreram preconceito por estarem em uma área feminina (gráfico 31). Sousa (2014) demonstra que, quando se trata das bibliotecárias, os preconceitos sofridos variam de acordo com a região das entrevistadas pela autora (região Sul e Nordeste) e quase todas são relacionadas às questões de gênero e à desvalorização da profissão. Uma das entrevistadas pela autora, quando perguntada se já havia enfrentado algum tipo de discriminação, declara:

---

47 OCDE. Education at a glance 2015: OECD Indicators - Brazil. Paris: OECD Publishing, 2015. Disponível em: <[http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/education/education-at-a-glance-2015/brazil\\_eag-2015-46-en](http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/education/education-at-a-glance-2015/brazil_eag-2015-46-en)> Acesso em 26 nov. 2015.

(...) a gente vê muito dos colegas alguns casos do tipo brincadeira: Biblio o quê? Ahh vai espanar livros e traças, né? Mas a gente sabe que há preconceito sim. Há assim vários apelidos que gostam de dizer com nossa profissão. (p.205)

**Gráfico 31** – Porcentagem de bibliotecários que já sofreram preconceito no mercado de trabalho quanto a estarem em uma profissão majoritariamente feminina.



Fonte: Elaborado pelo autor.

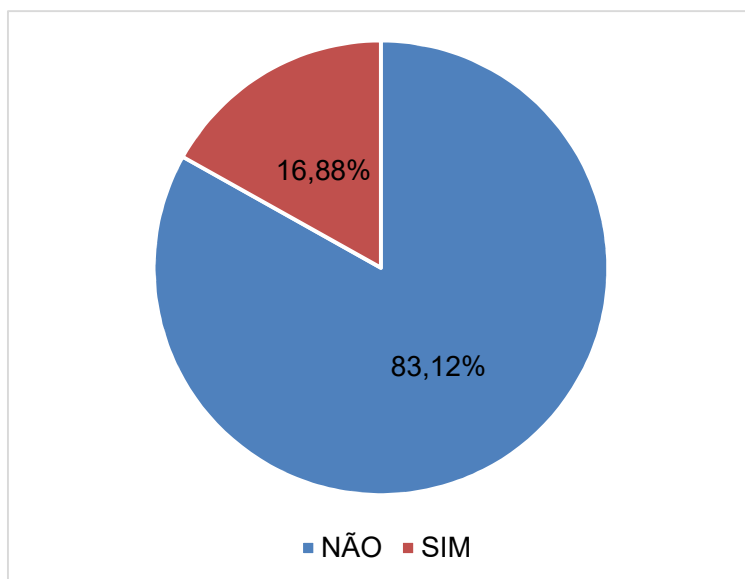
No caso dos bibliotecários homens, a autora identifica que as respostas foram todas no sentido de questionamentos acerca de ser homem e cursar Biblioteconomia, o que denota uma desvalorização da profissão, que pode ser ligada diretamente à questão do gênero. Segundo um dos entrevistados de Sousa (2014)

Quando estava fazendo o curso preparatório para o vestibular, as pessoas diziam assim: —Vai fazer Biblioteconomia? Vai trabalhar em biblioteca? Por que não fazer Direito ou Comunicação? Assim, achavam que eu tinha capacidade para passar em outros cursos mais concorridos, mais valorizados, vistos como melhores, entende? (p. 206)

O percentual de bibliotecários que responderam que não sofreram preconceito e/ou discriminação durante a atuação profissional aumenta consideravelmente, como se pode observar no gráfico 32. Tal fato demonstra que, uma vez estabelecidos na profissão, os bibliotecários passam a ter que justificar menos essa escolha.



**Gráfico 32** – Porcentagem bibliotecários que já sofreram preconceito quanto a estarem em uma profissão majoritariamente feminina.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Um dos entrevistados de Sousa (2014) afirma que “[...] pela ideia de ser uma profissão de mulher, os homens passam por alguma discriminação” (p. 216). Tal discriminação está ligada, geralmente, à orientação sexual dos bibliotecários, que insere mais uma vez a profissão dentro das determinadas pelas relações de gênero. Além disso, denota preconceito ainda presente na sociedade quanto à orientação sexual do indivíduo, uma vez que tal ideia advém de que um homem tem que se “feminilizar” para adentrar numa profissão feminina ou caso opte por cursar uma profissão feminina, se torna menos viril, menos homem ou “menos macho”.

Os dados do *survey* apresentados demonstram, de forma geral, que o bibliotecário do sexo masculino escolheu o curso de Biblioteconomia não pelo aumento de tecnologia ou da aproximação do curso com outras áreas, conforme uma análise inicial poderia sugerir, mas pela consolidação do mercado de trabalho bibliotecário, com grande oferta de concursos e empregos. Além disso, grande parte se graduou no turno matutino ou noturno e atua em bibliotecas universitárias, o que demonstra que a área de educação superior vem se mostrando como importante empregadora de bibliotecários. Tal fato pode ser associado, dentre outros fatores, pelo aumento do número de instituições universitárias pelo país e pela avaliação feita pelo MEC das bibliotecas dessas instituições, na ocasião reconhecimento e/ou autorização de novos cursos superiores (PENA, 2007).

A maioria dos bibliotecários que responderam ao *survey* declaram que nunca sofreram preconceito por serem homens em uma área feminina, apesar de afirmarem que esse ponto era comentado com colegas durante a graduação. Entretanto, os respondentes demonstram pouca percepção acerca das questões de gênero, uma vez que acreditam que, por serem homens, não possuem vantagens no mercado de trabalho em geral e no mercado bibliotecário, especificamente.

Cabe destacar que as constatações deste *survey* refletem posições e motivos de determinado corpo de bibliotecários, traçam um perfil e mostram alguns dos motivos que trazem os homens para um curso majoritariamente feminino, sobretudo a partir de 1980.

## 7 CONCLUSÕES

As motivações desta pesquisa nasceram dos questionamentos do que é ser homem numa profissão feminina e se há o mesmo “peso social”, quando se é homem, de se inserir em uma profissão tradicionalmente feminina ou se há facilidades e prestígio. Além disso, entende-se que a consolidação da profissão de bibliotecário como essencialmente feminina pode ser uma das explicações para o baixo *status* da profissão na sociedade que, conjugada à criação de estereótipos ligados à profissão, sempre relegaram as bibliotecárias ao nicho de profissões pouco valorizadas.

A percepção inicial é que há, nos últimos tempos, uma maior procura dos homens pelo curso de Biblioteconomia, seja pela aproximação desta área com outras do conhecimento tradicionalmente tidas como redutos masculinos (Administração e Ciência da Computação, por exemplo), seja pela dinâmica da sociedade, as barreiras de “profissões femininas e masculinas” vêm sendo, aos poucos, diminuídas. Coincidentemente (ou não), com essa aproximação há uma busca pela valorização da profissão bibliotecária, demonstrando mudanças no perfil e na atuação do profissional.

Sabe-se que a mesma sociedade — ainda estruturada sob uma visão patriarcal — acolhe e aceita melhor homens em “profissões femininas” que mulheres em “profissões masculinas”. Desta forma, refletir sobre a constituição da profissão bibliotecária sob uma perspectiva de gênero torna-se fundamental para a compreensão do local que a Biblioteconomia ocupa na sociedade, sendo a profissão bibliotecária formada em sua grande maioria, por mulheres.

Os estudos que possuem o gênero como categoria de análise se popularizaram na academia, sobretudo a partir do século XX, por oferecerem uma análise em que as relações entre os gêneros masculino e feminino são colocadas em xeque e os papéis de homens e mulheres na sociedade são vistos como construções sociais e não determinadas pelo biológico.

Ancorados nesse determinismo biológico no mundo do trabalho, espaços de atuação foram e continuam sendo definidos e “destinados” para homens e mulheres. Profissões ligadas ao intelecto, à razão e ao pensamento foram relegadas, durante a história, a redutos masculinos, enquanto profissões ligadas ao ideal de cuidado, presteza e atenção, extensões do trabalho privado realizados em casa, foram relegadas às mulheres.

Buscando colocar o gênero como categoria de análise dentro de uma profissão tradicionalmente feminina, o objeto empírico deste trabalho teve como pontapé inicial a busca por explicações para a feminização da profissão bibliotecária, que se insere no contexto das profissões tradicionalmente influenciadas pela divisão sexual do trabalho.

Ser bibliotecário na Europa e nos Estados Unidos, durante muito tempo, foi uma tarefa de homens eruditos que não possuíam formação técnica, mas eram levados à tarefa por ligação com suas pesquisas e atividades e/ou por serem ligados à Igreja Católica. Com a profissionalização da atividade, os cursos de Biblioteconomia passaram a atrair um contingente maior de mulheres. Tal atração se deu em grande parte pelo aumento da tecnicidade da profissão e dos cursos formadores de bibliotecários, conjugada a aproximação da área com a Educação.

No Brasil, as bibliotecas nasceram ligadas à Igreja e eram administradas por jesuítas até a vinda da família real portuguesa para o país, quando passaram a ser ocupadas por homens instruídos e de cultura elevada, até a criação dos primeiros cursos de formação de bibliotecários no país, no começo do século XX. Esses primeiros cursos, sob influência do modo de fazer francês, buscavam formar profissionais cultos e de perfil erudito. Entretanto, a influência norte-americana (mais técnica e pragmática) se fez presente no modo de fazer bibliotecário e na elaboração dos currículos no país durante a expansão universitária após a década de 1930, e o curso passou a atrair um contingente maior de mulheres, que começavam a se inserir com mais força no mercado de trabalho brasileiro.

Inicialmente, as mulheres que procuravam pelos cursos de Biblioteconomia eram moças de classes sociais mais elevadas, que viam no curso uma possibilidade de se inserirem no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, a profissão bibliotecária se colocava no conjunto de profissões que possuíam “características femininas”, com tarefas ligadas à extensão do trabalho doméstico, como as de professora e enfermeira, por exemplo, o que, em um contexto de divisão sexual do trabalho, acabaram por se tornar profissões femininas.

A partir dos anos 1980, observa-se uma aproximação da Biblioteconomia com outras áreas. Paralela a essa aproximação, há a consolidação da profissão como empregadora. Enquanto em países como o Brasil observa-se uma crise do trabalho, sobretudo a partir dos anos 1990, com a redução do número de postos de trabalho em vários segmentos e aumento da terceirização, a profissão bibliotecária passa a ocupar novos espaços e a manter (e em alguns casos até a elevar) o número de postos de trabalho, com remuneração compatível a de outras profissões, como jornalista e assistente social. É nesse período que se observa maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia.

Essa procura pode ser percebida em números absolutos. Os dados levantados junto a universidades públicas das cinco regiões brasileiras mostram que houve um aumento significativo do número de homens que se tornaram bibliotecários, sobretudo a partir dos anos 1980 e 1990, como na Universidade Federal de Pernambuco ou na Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo.

Entretanto, o aumento desse número não representa diminuição significativa da feminização dos cursos aqui apresentados. Na maioria das graduações pesquisadas o percentual de bibliotecárias formadas é bem superior ao percentual de bibliotecários, o que mostra que a área de Biblioteconomia, apesar de estar sendo mais atrativa para os homens, ainda pode ser considerada como altamente feminilizada.

Mesmo em cursos que nascem sob a égide das mudanças sofridas pela Biblioteconomia após a aproximação com diversas áreas, a feminização se mostra presente. É o caso de universidades como a de Alagoas (cujo curso foi criado no fim da década de 1990) e da Universidade de Rondônia (criado no fim da década de 2000). Esse último, mesmo sendo criado no fim da década de 2000, nasceu altamente feminizado e 98% dos graduados em Biblioteconomia eram mulheres. Já naquele, observa-se uma aproximação grande dos homens no começo do curso, quando os dados do número de ingressantes demonstram que eles representam cerca de 37% dos estudantes. Entretanto, ao fim dos quatro anos de graduação, eles representam 20% dos graduados, o que demonstra alta feminização do curso da UFAL, e denota a possibilidade de que, conjugada com a imagem da profissão bibliotecária ser feminina, o curso não seja atrativo para o contingente masculino.

A exceção é o curso noturno da Universidade Federal de Minas Gerais. Criado no fim da década de 2000 e coincidindo com a mudança de seu nome para Escola de Ciência da Informação, o curso noturno se apresentou como mais atrativo para estudantes do sexo masculino. Em uma década e meia de funcionamento, os homens nunca chegaram a ser maioria, mas representaram mais de 40% do número de graduados no turno, o maior percentual dentre as universidades levantadas.

Os números demonstram que todas as universidades pesquisadas se mantêm feminizadas, e que o aumento no número de estudantes homens acontece, na maioria das vezes, na mesma proporção que o aumento de estudantes mulheres, o que denota maior número de estudantes de ambos os sexos se aproximando da Biblioteconomia, em virtude do aumento da área. Tal fato provoca uma ilusão de que há diminuição da feminização da área o que, em termos numéricos e percentuais, se mostra uma tendência bem pequena.

Os dados do *survey*, que teve como objetivo identificar os motivos e as percepções dos homens bibliotecários em uma área “feminina”, demonstraram que o curso de Biblioteconomia não foi a primeira opção, mas que o conheciam já antes de cursá-lo. Os motivos que levaram esses bibliotecários ao curso são dos mais variados, mas de modo geral, giram em torno de “motivos racionais”, como a oferta de curso noturno, a nota média de corte no vestibular mais baixa e, principalmente, a oferta de empregos e concursos. Tal fator demonstra a consolidação da profissão bibliotecária como geradora de empregos em um cenário de crise, como foi a década de 1990 em países como o Brasil.

Outro fator que chamou a atenção no número de respostas quanto aos motivos que levaram os bibliotecários a optar pelo curso, refere-se ao baixo número de respondentes que escolheram a Biblioteconomia pelo apreço às tecnologias. Numa hipótese inicial, apostava-se que essa seria uma resposta muito marcada, haja vista a aproximação da Biblioteconomia com áreas de predominância masculina, como a Ciência da Computação. Entretanto, as respostas dos bibliotecários demonstram que esse fator não foi um dos principais motivos para que os homens adentrassem numa área majoritariamente feminina.

Durante a graduação, as tecnologias passam a ocupar a área de maior interesse dos bibliotecários, apesar de os respondentes do *survey* terem demonstrado preferência por diferentes áreas. Tal fato corrobora a literatura ao afirmar que as tecnologias, apesar de serem importantes aliadas no trabalho bibliotecário, não podem ser consideradas como fator preponderante para a maior entrada masculina nos cursos de Biblioteconomia. Chama a atenção que, apesar de variadas as respostas, as áreas que possuem ligação com o processamento técnico de bibliotecas, mais pragmática, tecnicista e ligadas ao feminino, foram bastante marcadas, tendo sido assinalada por cerca de 20% dos bibliotecários.

O grande número de respondentes que afirmaram estar trabalhando na área atualmente (85,71%) confirma a tendência de empregadora e a consolidação da profissão bibliotecária. Assim, a opção de “oferta de empregos e concursos”, tão assinalada, se mostra como uma tendência para a profissão, uma vez que, formados, os bibliotecários conseguem se inserir no mercado de trabalho. Entretanto, vale destacar que apesar da empregabilidade, o salário não é um dos principais atrativos para estes homens, uma vez que a opção “salário compatível com o mercado” foi uma das respostas menos assinaladas pelos respondentes.

A expansão do mercado universitário no país colabora para tal consolidação, conforme a literatura demonstra. A necessidade de contratação de bibliotecários para as bibliotecas universitárias, e o peso dado pelos órgãos de fiscalização do ensino universitário às bibliotecas nas avaliações dos cursos de graduação e pós-graduação, faz com que as instituições de ensino mantenham um profissional em seu quadro de funcionários. Isso se reflete no grande número de bibliotecários respondentes (91 das 205 respostas à questão) que atuam em bibliotecas universitárias, sendo essa a resposta mais assinalada por aqueles que estão atuando no momento.

Cabe ressaltar que tais espaços ainda demonstram a ligação da Biblioteconomia com a área educacional, ligação essa que é apontada pela literatura como uma das principais causas da feminização da área. Essa ligação também pode ser observada pelo número de bibliotecários que trabalham em “bibliotecas escolares”, segunda resposta mais assinalada pelos bibliotecários (27 das 205 respostas à questão). Entretanto, neste caso, chama a atenção, por esse ser um reduto tradicionalmente ocupado por mulheres.

Cabe destacar que, apesar de o profissional bibliotecário ocupar, sobretudo nos últimos anos, novos espaços que não necessariamente a biblioteca tradicional (e tais locais foram assinalados por 12% dos respondentes), essas parecem ser ainda as grandes empregadoras de bibliotecários.

Apesar de se perceberem numa área majoritariamente feminina, os bibliotecários que responderam à pesquisa dizem que não possuem privilégios no mercado de trabalho ou na sua atuação profissional (71,43%), contrariando a literatura que demonstra vantagens para os homens no que toca à remuneração e à ocupação de postos mais elevados de trabalho. Tal aspecto também demonstra que há pouca percepção por parte da classe quanto às questões de gênero e quanto aos privilégios masculinos da sociedade e na profissão bibliotecária.

É nesse sentido que se reforça a necessidade de estudos de gênero no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. O espaço da profissão bibliotecária no mercado de trabalho e na sociedade está ligado diretamente às relações entre a constituição dos papéis e espaços ocupados por homens e mulheres ao longo do tempo. Compreender a constituição da Biblioteconomia como uma profissão feminina permite entender o comportamento desigual do mercado de trabalho e da sociedade. Ao se estimular tais discussões, colabora-se para criar profissionais mais conscientes, que pensem e possam construir de forma igual o futuro da profissão.

A presente pesquisa abre espaço ainda para futuros estudos no sentido de se apreender as trajetórias dos homens bibliotecários respondentes do *survey* e de se apreender melhor a escolha profissional e a percepção deles acerca das relações de gênero na sociedade e na profissão. Ao mesmo tempo, compreender se o mesmo ocorre com as mulheres bibliotecárias pode colaborar para entender de que formas as relações de gênero as afetam no momento em que escolhem ser bibliotecárias e se há percepção delas quanto ao espaço que ocupam na profissão e na sociedade, dentro de uma “profissão feminina”.

Além disso, a comparação da profissão bibliotecária com outras igualmente marcadas pelas relações de gênero e que se caracterizaram como “femininas” pode, ainda, abrir espaço para se compreender de que forma se dão as escolhas e caminhos trilhados pelos profissionais, além de permitir que se compreenda como as relações de gênero marcam as trajetórias individuais de cada profissional e o espaço que homens e mulheres ocupam, mesmo dentro da mesma profissão.

A desvalorização e baixa autoestima, muitas vezes observadas nos profissionais bibliotecários, têm raízes nas relações de gênero e na caracterização da profissão como feminina, como mostra a literatura. Estudos que demonstrem como tais relações estão

presentes na profissão bibliotecária se tornam imprescindíveis, uma vez que permitem a reflexão e a formação de cidadãos mais conscientes e reflexivos.

Por fim, acredita-se que o futuro da profissão bibliotecária perpassa não somente pelo uso das tecnologias, pelas discussões acerca do futuro do livro ou pelas novas formas de organização da informação. O futuro requer sobretudo, a formação de profissionais críticos do lugar que ocupam na sociedade e mundo do trabalho; que reflitam acerca das origens, dos estigmas e dos estereótipos que caracterizam e influenciam sua trajetória profissional. Conscientes e críticos, os profissionais serão capazes de mudar a profissão e vislumbrar um futuro mais igualitário, com menos desigualdades na sociedade e entre seus pares.



## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Laís. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária? In: HIRATA, Helena, SEGNINI, Liliana (Org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: SENAC, 2007. p. 21-41.
- ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves; CAMPELLO, Bernadete Santos. Graduação em biblioteconomia: a formação do profissional da informação para o Século XXI. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 93 - 103, jan./jun.2000
- AGUIAR, Neuma. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: AGUIAR, N. (Org.). **Gênero e Ciências Humanas**: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p.161-191.
- ALMEIDA, Carlos Cândido de. Discurso do sujeito coletivo: reconstruindo a fala do “social”. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 59-79.
- ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. Apresentação. **Caderno Pagu**, Campinas, n.17/18, p. 131-138, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a05.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2007.
- BARBOSA, Ricardo Rodrigues et al. Novo nome e novo paradigma: da biblioteconomia à ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p.81-91, jan./jun., 2000. Disponível em: <[http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/02/pdf\\_677a66c6ed\\_0008021.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/02/pdf_677a66c6ed_0008021.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2015.
- BATTLES, Matthew. Livros para todos. In: \_\_\_\_\_. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. p. 120-156.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BERICAT, Eduardo. **La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo em la investigación social**: significado y medida. Barcelona: Ariel, 1998.
- BIBLIO UFPE. **História do Curso**. 2011. Disponível em: <<http://biblioufpe60anos.blogspot.com.br/p/historico.html>>. Acesso em: 15 maio 2015.
- BLANKENSHIP, W.C. Head librarians: how many men? How many women? **College & Research Libraries**. Chicago, v. 18, n. 1, p. 41-48, jan. 1967. Disponível em: <<http://crl.acrl.org/content/28/1/41.full.pdf+html>> Acesso em 16 jul. 2015.
- BRAGA, Mauro Mendes; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. **Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 79 p.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**. Campinas, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

BUFRÉM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna S. do. A questão do gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, edição especial, p. 199-214, dez. 2012. Disponível em: <  
<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/33285/23782>> Acesso em 23 jun. 2014.

CACOUAULT, Marlaine. Introdução: variações nos ofícios femininos e masculinos. In: MARUANI, Margaret.; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003. p. 31-36.

CARMICHAEL, James V. The male librarian and the feminine image: a *survey* of stereotype, *status*, and gender perceptions. **Library and Information Science Research**, Englewood, v. 14, s/n. p. 411- 46.

CARVALHO, Rodrigo Aquino de; MUCK, Francieli Ariane Lehnen; CORREA, Sabrina Simões. Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG: delineando parâmetros para uma avaliação. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, XXV, 2007, Florianópolis. **Anais...** .Florianópolis: CBBB, 2007. p. 1 - 16. Disponível em:  
 <<http://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1501/1502>>. Acesso em: 18 maio 2015.

CASTRO, Mary. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, s.n., p. 80-105, 1992.

CENDÓN, Beatriz Valadares *et al.* Utilização de *web surveys* para estudos de uso. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.20, n.3, p.107-121, set./dez. 2010

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; VIANNA, Marcia Milton. O curso de Graduação em Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. especial, p. 37-67, mar. 1960.

CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; PENA, André de Souza. Transformações políticas e mudanças no trabalho do profissional da informação: 1985 a 2005. **Educação tecnológica**, Belo Horizonte, v.12, n.3, p. 26-29, set./dez., 2007.

DANTAS, Marcelo. Introdução: masculino, feminino, plural. In: In: FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo. **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 1-19

DAUNE-RICHARD, Anne-Marie. Qualificações e representações sociais. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: SENAC, 2003. p. 65-76.

ECCEL, Cláudia Sirangelo; ALCADIPANI, Rafael. (Re) descobrindo as masculinidades. In: FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo (Orgs). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 51-78

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008. Disponível em: <  
<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/6389/4744>> Acesso em 17 jun. 2014

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v.15, n.2, p. 189-201, maio/ago. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1486/1460>> Acesso em 2 maio 2014

FERREIRA, Maria Mary. Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão “feminina”? In: Encuentro Latinoamericano de Bibliotecarios, Archivistas y Museólogos, 2, 2010, Lima. **Anais eletrônicos...** EBAM: 2010. Disponível em: <<http://ebam.gesbi.com.ar/reservorio10/ponencias2EBAM/2EBAM-E4-P2a.pdf>> Acesso em 12 nov. 2013

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Centauro, 2007.

FREITAS, Henrique *et al.* O método de pesquisa *survey*. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 3, n. 35, p.105-112, jul-set. 2000.

FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo. **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 377p.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. 153p.

GARDEY, Delphine. Perspectivas históricas. In: MARUANI, Margaret.; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Senac, 2003. p. 37-53.

GARFINKEL, Harold. Passing and the managed achievement of sex *status* in an “intersexed” person. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Org.). **The transgender studies reader**. New York, London: Routledge, 2006. p.58-93.

GÊNERO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2009. p. 975.

GIACOMETTI, Maria Marta; VELLOSO, Maria de Fátima. Bibliotecária: uma profissão feminina. Boletim ABDF Nova Série, Brasília, v.10, n.1, p.15-16, jan./mar. 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>> Acesso em 12 maio 2014.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v.1, n.6, p. 1-11, dez. 2000. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/dez00/F\\_I\\_art.htm](http://www.dgz.org.br/dez00/F_I_art.htm)> Acesso em 02 jul. 2014

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Laboriosas mas redundantes: gênero e mobilidade no trabalho no Brasil dos anos 90. **Estudos feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, p.82-102, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8604.pdf>> Acesso em 25 jan. 2015.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. **Metodologia de pesquisa**. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; CHAGAS, Magda Teixeira. Criação do curso de Biblioteconomia da UFSC: breve histórico. In: HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; MENEZES, Estera Muszkat; SOUZA, Francisco das Chagas de (Org.). **Curso de Biblioteconomia da UFSC: 40 anos**. Florianópolis: Casa do Escritor, 2013. p. 71-95.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003. p. 111-123.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas. In: **Pesquisa Mensal de Emprego – PME**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf)> Acesso em 11 maio 2014.

INSTITUTO de Ciências Humanas, Comunicação e Arte - ICHCA (Alagoas). **Biblioteconomia: histórico**. 2015. Disponível em: <<http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/institucional/historico/>>. Acesso em: 14 maio 2015.

INSTITUTO Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP. **Cursos Brasileiros de Biblioteconomia**. Brasília: INEP, 2011. Disponível em <<http://emec.mec.gov.br/>> Acesso em 14 jul. 2014

JANNUZZI, Paulo de Martino. Biblioteconomistas e outros profissionais da informação no mercado de trabalho brasileiro: 1980-1996. In: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da informação, V, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18408.pdf>> Acesso em: 25 jun. 2014

LOBO, Elisabeth Souza. O gênero e o trabalho: perspectivas teóricas e metodológicas. In: \_\_\_\_\_. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2011. p.123-208.

LOBO, Elisabeth Souza. O trabalho como linguagem: o gênero no trabalho. **Revista BIB**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 7-16, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>> Acesso em 12 de maio de 2014.

MARTINS, Luísa. Entre 46 países, Brasil é o que tem maior diferença salarial entre homens e mulheres. **O Estadão**. São Paulo, p.1. 24 nov. 2015. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,entre-46-paises--brasil-e-o-que-tem-maior-diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres,10000002751>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do Magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225-244, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/642/430>> Acesso em 11 maio 2014.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.126-147

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana P. M. (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 149-170.

MIES, Maria. Social origins of the sexual divisions of labour. In: \_\_\_\_\_. **Women: the last colony**. London: Zed Books, 1988, p. 67-95.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUELLER, Susana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 7-54, mar. 1984.

OLIVEIRA, Joelma Gualberto de. Caminhos da pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Processo de avaliação do INEP/MEC de bibliotecas universitárias pertencentes às instituições de educação superior privadas de Belo Horizonte/ MG**. 2010. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2010. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação). p. 112-125

OLIVEIRA, Jasmária Lima Ribeiro de; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Reconhecimento e estabilidade profissional: estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14, Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/254/378>>. Acesso em 12 jun. 2014

OLIVEIRA, Marlene de; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória histórica do ensino da biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3754/3167>> Acesso em 08 jul. 2014.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti. Trabalho e gênero: a construção da diferença. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 3, p. 111-117, 2003. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2696/3018>> Acesso em 22 jun. 2014.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

PENA, André de Souza; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; NEVES, Jorge Alexandre. O mercado de trabalho do profissional da informação: um estudo com base na RAIS comparando os anos de 1994 e 2004. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 7, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: UNESP, 2006. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/sistemas/enancib/viewpaper.php?id=270>> Acesso em 17 jan. 2015

PENA, André de Souza. **A evolução do mercado de trabalho formal do profissional da informação no Brasil**: um estudo a partir da RAIS/MTE, 1985 a 2005. 2007. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação)

PENA, André de Souza. **Reflexões críticas sobre aspectos produtivos e do trabalho na biblioteca universitária em tempos de crise**: comparação entre Brasil, Espanha e Moçambique. 2015. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2015. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação)

PERROT, Michelle. **As mulheres, ou, os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PIPER, P.S.; COLLAMER, B. E. Male librarians: men in a feminized profession. **The Journal of Academic Librarianship**, Ann Arbor, v. 27, n. 5, p. 406–411.

QUEIROZ, Tatiana. **O bom filho a casa sempre torna**: análise do relacionamento entre a Universidade Federal de Minas Gerais e seus egressos por meio da informação. 2014. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2014. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação).

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REIS, Alcenir Soares dos ; XAVIER JUNIOR, Gesner Francisco ; PIRES, Hugo Avelar Cardoso. Análise histórica da graduação em Biblioteconomia da ECI/UFMG: a interrelação entre o contexto social e as dimensões de subjetividade. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1, 2011. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/61/101>> Acesso em 14 nov. 2013.

ROGGAU, Zunilda. Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. **Información, cultura y sociedad**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 15, dez. 2006 . Disponível em <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-17402006000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402006000200002&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em 14 mar. 2015.

RUSSO, Laura Garcia Moreno; Instituto Nacional do Livro. **A Biblioteconomia brasileira, 1915- 1965**. Rio de Janeiro: INL, 1966.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SCHILLER, Anita R. The disadvantaged majority: women employed in libraries. **American Libraries**, Chicago, v. 1, n.4, abr. 1970. p. 345-349.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul/dez 1995. p. 71-99.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 187-192, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7089.pdf>> Acesso em 14 maio de 2014.

SEXO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2009. p. 975.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2007. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação).

SOUSA, Beatriz Alves de. **O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os**, 2014. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. (Tese de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)

SOUSA, Beatriz Alves; PERUCCHI, Valmira. Gênero na produção científica dos grupos de trabalho do ENANCIB: análise dos anais do XIII ENANCIB. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/11/279>> Acesso em 13 jun. 2014

SOUZA, Francisco das Chagas. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do Curso de Biblioteconomia no Brasil.. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, PB, v. 12, n.2, p. 1-11, 2002.

SOUZA, Marta Alves; NASTRI, Rosemeire Marino. Análise do mercado de trabalho do bibliotecário no interior de São Paulo. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 189-206, jul./dez. 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (Pernambuco). Departamento de Ciência da Informação. **Projeto pedagógico do curso de graduação em Biblioteconomia**. 2011. 55 p. Disponível em: <<https://biblioteconomiaufpe.files.wordpress.com/2012/01/projeto-pedag3b3gico-de-biblioteconomia-0406.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (São Paulo). **Curso da Biblioteconomia**. 2015. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/cbd/site/?page\\_id=278](http://www2.eca.usp.br/cbd/site/?page_id=278)>. Acesso em: 10 jun. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (Maranhão). Departamento de Biblioteconomia. **Projeto político-pedagógico do curso de Biblioteconomia**. 2007.

Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/VoxFpKFSbrfu2g6.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.17, n.3, p. 27-38, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/962/1583>> Acesso em 27 set 2014

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil representações da profissão**. 2008. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) Disponível em: <[http://bdtd.bce.UnB.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4037](http://bdtd.bce.UnB.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4037)> Acesso em 15 jan. 2015.



## APÊNDICE A – Questionário enviado aos bibliotecários

- 1) Você já conhecia o curso de Biblioteconomia antes de optar por cursá-lo?
  - Sim
  - Não
- 2) O curso de Biblioteconomia foi sua primeira opção?
  - Sim
  - Não
- 3) Quais dos fatores abaixo levaram a sua escolha pelo curso de Biblioteconomia?
  - Oferta de curso noturno
  - Oferta de empregos e concursos
  - Salário compatível com o mercado
  - Apreço por tecnologias de informação
  - Possui parente bibliotecário
  - Apreço pela profissão
  - Apreço pela leitura
  - Nota média de corte mais acessível, no vestibular
  - Via de acesso à universidade para outro curso superior
  - Outro \_\_\_\_\_
- 4) Em qual universidade/faculdade você se graduou?
  - FURG
  - UFRGS
  - UFSC
  - UFAL

UFMA

UFPE

UFAM

UNIR

UFMG

USP

UFG

UNB

Outra: \_\_\_\_\_

5) Turno de formação

Manhã

Tarde

Noite

6) Ano de formação \_\_\_\_\_

7) Qual sua faixa etária

21 a 28 anos

29 a 35 anos

36 a 43 anos

44 a 50 anos

Acima de 50 anos

8) Durante o curso, houve conflito com as colegas do gênero feminino?

Sim

Não

Indiferente

9) E com os do gênero masculino (caso tenha havido em sua turma)?

Sim

Não

10) Durante a sua graduação, qual área da Biblioteconomia mais lhe atraía?

Processos técnicos (catalogação, indexação, etc)

Área social

Tecnologias de informação

Gestão da informação e do conhecimento

Administração de bibliotecas

Outro \_\_\_\_\_

11) Atualmente, você está trabalhando na área?

Sim

Não

12) Atualmente, você está atuando na área quem mais lhe interessou durante o curso?

Sim

Não

13) Na sua relação com os outros colegas, vocês chegavam a comentar sobre a questão de serem homens numa área majoritariamente feminina?

Sim

Não

14) Você já sofreu algum tipo de preconceito quanto a estar num curso majoritariamente feminino?

Sim

Não

15) E durante a atuação profissional, já sofreu algum tipo de preconceito por ser homem?

Sim

Não

16) Você acredita que no mercado de trabalho em geral, ser homem numa profissão feminina traz algum tipo de vantagem profissional?

Sim

Não

17) E durante sua atuação profissional, você acha que ser homem numa profissão feminina, lhe traz ou já lhe trouxe algum benefício?

Sim

Não

18) Em qual segmento da Biblioteconomia você está atuando?

Biblioteca pública

Biblioteca escolar

Biblioteca comunitária

Biblioteca universitária

Empresas particulares

Administração pública

Arquivos

Autônomo

Outro \_\_\_\_\_

19) Qual a sua faixa salarial?

Abaixo de 1.000 reais

1.000 a 2.000 reais

2.001 a 3.000 reais

3.001 a 4.000 reais

4.001 a 5.000 reais

Acima de 5.001 reais

20) A segunda parte desta pesquisa consiste em uma entrevista, via Skype ou pessoalmente. Você gostaria de participar?

Sim

Não

21) Em caso afirmativo na pergunta anterior, deixe seu nome e e-mail para futuro contato \_\_\_\_\_

22) Você gostaria de receber futuramente os resultados desta pesquisa?

Sim

Não

23) Deixe aqui seu e-mail, caso queira receber os resultados da pesquisa \_\_\_\_\_

24) CRB ao qual você é filiado

CRB-1

CRB-2

CRB-3

CRB-4

CRB-5

CRB-6

CRB-7

CRB-8

CRB-9

CRB-10

CRB-11

( ) CRB-12

( ) CRB-13

( ) CRB-14

( ) CRB-15